



Nós e a Pandemia

VOLUME I

alias



INSTITUTO FEDERAL
Ceará

Nós e a Pandemia

Volume I

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação
e Inovação – PRPI

Reitor
José Wally Mendonça Menezes

Pró-Reitor de Administração
e Planejamento
Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitora de Ensino
Cristiane Borges Braga

Pró-Reitora de Extensão
Ana Claudia Uchoa Araújo

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas
Marcel Ribeiro Mendonça

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e
Inovação
Joélia Marques de Carvalho

Editora-Chefe
Anna Érika Ferreira Lima

Conselho Editorial
Anna Érika Ferreira Lima (IFCE)
Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)
Joelia Marques de Carvalho (IFCE)
Antônia Lucivânia de Sousa Monte
(IFCE)
Cassandra Ribeiro Joye (IFCE)
Cidcley Teixeira de Souza (IFCE)
Elias Teodoro da Silva Júnior (IFCE)

Francisco José Alves de Aquino (IFCE)
Gilberto Andrade Machado (IFCE)
Glória Maria Marinho Silva (IFCE)
Ialuska Guerra (IFCE)
Kelly de Araújo Rodrigues Pessoa (IFCE)
Marcius Tullius Soares Falcão (IFCE)
Maria de Lourdes Macena Filha (IFCE)
Maria Lindalva Gomes Leal (IFCE)
Paulo César Cunha Lima (IFCE)
Rinaldo dos Santos Araújo (IFCE)

Mesa Editorial
Anna Érika Ferreira Lima
Auzuir Ripardo de Alexandria (IFCE)

Secretaria Editorial
Sara Maria Peres de Moraes (IFCE)

Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Ceará –
IFCE – CONEXÕES – CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

© 2021 Aliás Editora
© 2021 Instituto Federal do Ceará

Edição executiva
Anna K. Lima
Isabel Costa

Diagramação e projeto gráfico
Jéssica Gabrielle Lima

Organização
Robson Campanerut da Silva
Ana Amelia Rodrigues de Oliveira
José William Moreira Moreno
Mailton Nogueira da Rocha
Marcelo Aguiar Távora
Nadya Brito Gurgel Correia Dutra
Márcio Monteiro Cunha
Robson Pontes Custodio
Zilfran Varela Fontenele

Todos os direitos desta edição reservados à Aliás Editora
www.aliaseditora.com
[@aliaseditora](https://www.instagram.com/aliaseditora)
[/aliaseditora](https://www.facebook.com/aliaseditora)

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166
I59n

Nós e a Pandemia / Instituto Federal do Ceará – IFCE [OCHE] – Fortaleza : Aliás, 2021.

(Nós e a Pandemia, volume 1)

Pdf 230 p.

ISBN 978-65-86800-25-8

1. Artigo 2. Pandemia. 3. Miscelânea I. IFCE, II. Título.

CDD 009

Índice para catálogo sistemático

I. Miscelânea

Os conteúdos dos capítulos publicados neste livro são de inteira responsabilidade dos seus respectivos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da organizadora do livro.

Sumário

Apresentação	8
Nós nos encontramos em “Nós e a Pandemia”	11
Nós e a pandemia ou os nós da pandemia	30
Abolicionistas	44
Agora lascou	47
Alfarrábios	50
Alucinação	53
Amazonas	57
América Invertida	60
Arredados do Girão	65
Arreégua	68
As cobras fumantes	71
As intelectuais	75
As lagartixas do sertão	79
As Marias Bonitas	83
As meninas de Aracatiaçu	86
As relíquias da rapadura	89
As três cangaceiras de Marx	92
Asas de Iracema	96
Atenas do Nordeste	100
Aurora do destino	103
Avôhai	106
Bacurau	110
Baião de três	114
Belchior tinha razão	118
Belchior vive	123
Bertha Lutz	126
Bixcoitinhos	130
Brains	134
Caju e as Castanhas	139
Canários nordestinos	142
Celestiais	145

Cellula est totum mundum	148
Centáurea	152
Cérebro feminino	156
Cidade da luz	159
Comedores de cocada	163
Comunistas de Twitter	166
Conselheiristas	170
Conselheiros de luz	175
Considerados sujeitos de sorte	179
Construtores da utopia	183
Corra linda	186
Corte dos ariados	189
Crânios de rapadura	193
Curiosas do Brasil	199
Cuscuzzeiros	205
Cuscuz com ovo	208
De repente	211
De tudo um pouco	217
Desbravadores	220
Discípulos de Atena	223
Dona Flor e seus dois maridos	226

Apresentação

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) é um projeto de inspiração e vida que tem em sua história o Orgulho de um povo, o jeito Ceará de se comunicar, a Humanidade das ciências e, de forma ímpar, a Essência do espírito livre, da ousadia, do atrevimento e por meio da participação de estudantes, professores, pais e demais familiares, a descoberta e divisão de novas experiências e saberes que se relacionam com as diversas formas de aprendizagem. Sua primeira versão, inimaginável, aconteceu no IFCE campus Caucaia, em 2019, e congregou neste município de Serra, Sertão e Mar um cenário empolgante de trocas de experiências, conhecimentos e paixões pelas ciências. E foi nesse calor que acendemos em Caucaia (cuja denominação de origem indígena quer dizer “mato queimado”, “vinho queimado” ou ainda “queimado”) a primeira tocha olímpica da OCHE.

A segunda versão aconteceu em 2020 e mais uma vez se renovando e desafiando o inimaginável. Esta versão foi realizada, por conta da pandemia de Coronavírus, de forma totalmente online. Enfrentamos desafios diversos de conectividade e inclusão, e neste vale de batalha mais uma vez a OCHE venceu e mostrou-se ainda mais GIGANTE e APAIXONANTE.

A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) começou a ser sonhada a partir do

atrevimento de um grupo de professores e técnicos administrativos, que se reuniram posteriormente na sala da Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPI) do IFCE e começaram a rabiscar o modelo, e (.....) após meio mundo de conversas e debates o modelo foi fechado, depois o nome foi fechado: “tem que ser um nome bem cearense, bem nordestino”, e veio então o popular OXE que virou OCHE. Em sequência posterior veio o desafio de se desenvolver um sistema informatizado, em pouco tempo, mas este também foi superado pela garra dos professores e alunos do GDESTe, um laboratório de desenvolvimento do IFCE.

Assim nessa breve história, que um dia, futuro próximo, será pesquisada em uma das questões da OCHE, quero apresentar a todos os leitores deste livro, que a paixão move montanhas, que o acreditar faz coisas impossíveis tornarem factíveis, que o atrevimento é necessário, que as ciências humanas, em todas as suas dimensões e formas, são reflexo de nossa existência.

A OCHE tem a mística de despertar os talentos de forma colaborativa e participativa, ela não é uma olimpíada com foco na competitividade em si, ela possui uma metodologia de pesquisa que potencializa a criatividade, a superação de desafios e principalmente permite que a prática docente extrapole a sala de aula tradicional permitindo uma interação positiva no conjunto aluno-professor-escola. A OCHE estimula as equipes a pensarem fora “da caixa”, contribuindo assim para expansão e compreensão do universo da aprendizagem além de estimular o protagonismo dos estudantes.

Finalizando, nem nestas linhas aqui escritas, e nem em nenhuma unidade de medida, caberá ou poderá

ser adequadamente medida, o campo de pensamento que a OCHE criou. Aqui tem o esforço coletivo de pessoas que acreditaram e acreditam que a educação é um trabalho de equipe cuja maior estrela é partilhar o conhecimento e acreditar que todo dia é um dia de aprendizado. Por aqui “acabOCHE” esse prefácio e para as próximas versões da OCHE monte sua equipe e venham participar.

Prof. Dr. Jose Wally Mendonça Menezes
Reitor do Instituto Federal do Ceará - IFCE

O que seria apenas mais uma etapa, a quarta e última da segunda Edição da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) - 2020, exigindo das equipes, constituídas por um(a) docente e três estudantes, a produção de artigos de opinião abordando o tema “Nós e a Pandemia”, transfigurou-se em lenitivo coletivo para mentes e corações. Expectadores (e vítimas) deste tempo de milhares de perdas humanas e instabilidades emocionais devido à COVID-19, no Brasil e no mundo, o simples e mágico ato da escrita proporcionou-lhes catarses que se converteram em registros pessoais e históricos dos mais valerosos e imprescindíveis.

Transcendendo a própria proposta da OCHE, de que deveriam ser elaborados textos à guisa dos das colunas de jornal ou revista para exposição ou visão acerca de aspectos marcantes dos tempos vividos (pelas equipes) nos tempos pandêmicos de 2020, tamanho fora o júbilo de todos nós, componentes da comissão e avaliadore(a)s das produções textuais, diante dos relatos tão legítimos e tocantes, invadidos pela saudade e impacto da parada súbita das aulas presenciais e implementação do ensino remoto em caráter de emergência. Sentimos a mesma dor e insegurança quanto ao porvir. A empatia foi nossa corrente. Revivíamos, em cada leitura e releitura, seus medos e, também, revigorávamo-nos com a esperança da vitória da Ciência (contra este mal global), exaltada por todas as equipes.

A apologia dada aos cientistas, que incansavelmente estiveram (e ainda continuam) nas horas interminas

de trabalho no desenvolvimento de vacinas e testes em voluntários, unindo os Continentes todos, bem como a unânime exaltação aos médicos, enfermeiros, técnicos em Enfermagem e demais profissionais da saúde, no enfrentamento deste deletério vírus, indubitavelmente foram elos entre os artigos aqui coligidos. As ações altruístas, em auxílio aos mais vulneráveis da vizinhança, realizadas em suas unidades escolares e a alusão às práticas solidárias por todo o Município, Estado, Nação e em outros Países emolduraram grande parte dos artigos de opinião deste trabalho. Houve, também, a reiterada validação das medidas de biossegurança, como o uso obrigatório de máscaras quando do ir e vir da população; uso disseminado de géis antissépticos à base de álcool; implantação de barreiras sanitárias intermunicipais; toques de recolher; distanciamento social e defesa do acirrado lockdown, que ainda não ocorreu verdadeiramente em nosso País.

Não raramente, então, deparamo-nos com textos patenteadores dos seus dissabores frente a visões e ações de gestores, no Brasil e em outros países, negacionistas da doença e que minimizam ou minimizavam o número cada vez maior dos que haviam sido sucumbidos pela doença. Desditoso tempo de insensibilidades e incongruências, que levaram populações a, igualmente, desdenharem dos mortos e só pensarem na Economia, que não poderia parar nem perder mais dividendos.

Artigos de opinião extremamente humanistas são a tônica desta coletânea virtual. Foram elaborados por Estudantes e Docentes de Instituições Escolares das redes pública e privada do Estado do Ceará e, neles, muito dos seus bastidores precários para a participação do ensino a distância foi revelado, quer seja pela saúde mental extremamente abalada, quer seja pela ausência

de conectividade ou inexistência dos aparelhos de celulares ou congêneres, nos lares de muitos discentes. A infeliz realidade da discrepância ou abismo social foi amplificado pela exclusão digital e muitas Equipes descortinaram esta verdade de penúria para Todos e Todas Nós, seus leitores, ávidos por leituras calcadas na realidade e isentas de alienação. Consoante a isso, como verdadeiros agentes de seu tempo, deste nosso tempo de Pandemia, apresentaram engajamentos em campanhas on-line como #fiqueemcasa e #adiaoenem.

Ares irreverentes também são contradições, desde as escolhas dos nomes de muitas Equipes, como ocorre em “Arreégua” e “Oxe Chente”, apoloéticos da nordestinidade. Criatividade e telurismo cearense firmaram-se e confirmaram-se: “Juá”, “Kariris”, “Comedores de Cocada”, “Atenas do Nordeste”, “Cuscuz com Ovo” e “Corra Linda”. Inquestionavelmente originais e leves, de modo a conseguir amenizar, de certa forma, a temática primordialmente trágica norteadora dos artigos que estavam em elaboração. Contemplemos, agora, parte das suas geograficidades: juazeirense; sobralense; icoense; iguatense; milagrense; horizontino; ipueirense; ubajarense; pacotiense; maracanauense; aquirazense; fortalezense, sem deixar de aludir, por exemplo, o bairro Grande Bom Jardim.

O protagonismo estudantil foi extremamente evidenciado, muitas vezes com estruturas lexicais em espontaneidade ou prosaísmo linguístico e, também, em espécie de treinamento formal, como se estivessem – paralelamente – reforçando preparatórios para a produção textual dissertativa-argumentativa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Reiteramos, claro, que nosso gênero textual exigido não fora o texto em prosa dissertativo-argumentativo nem usamos os critérios de correção da Redação do ENEM, mas

valorizamos todo o esforço das equipes, que em tempos de tantas fragilidades deste tempo enfermício, como as que anteriormente foram citadas, também usaram de estratégias fortalecedoras de suas múltiplas leituras, aprendizagens e exercícios.

À tona vieram, também, como verdadeiros presentes destas vivazes Equipes, intertextualidades, a citar alguns exemplos: de cunho literário, deleitando-nos com versos de Antônio Gonçalves da Silva, o nosso magistral Patativa do Assaré; histórico, ao citar a terrível epidemia de varíola no Ceará, em 1878, e a abjeta Febre Espanhola, que perdurara de 1918 a 1920; artístico, em alusão ao pintor pré-Expressionista holandês Vincent van Gogh, e filosófico, em referência à germânica Hannah Arendt, combatente do antissemitismo. Em meio ao confinamento, na segunda metade de 2020, tentando superar tantos planos frustrados e assombros, Docentes e Estudantes cearenses foram tenazes e nos presentearam com criações textuais excelsas, frutos dos seus anseios pela disseminação dos saberes e catarse pelos dias e noites de aflição.

“E mais”, como nos diria um dos maiores expoentes da Literatura Brasileira, o autor mineiro João Guimarães Rosa: as Equipes destes artigos de opinião ainda tiveram a primazia da inserção de fotografias ou memes autorais, apresentando teores poéticos, críticos e líricos, e/ou exibição de imagens de jornais e revistas de renome, com os devidos créditos e datas de acesso, tornando ainda mais rotundos os artigos deste material de excelência, no universo cibernético, acerca dos seus olhares e registros quanto à primeira onda deste letal coronavírus. Aqui estão coadunados textos verbais e visuais que não nos deixarão olvidar o quanto foram meses (que não terminaram) de angústias, desafios, perdas humanas e financeiras.

O presente E-Book “Nós e a Pandemia” deve ser lido e relido, pois nos conta, sob óticas sensíveis, díspares e sensatas, o quanto somos sobreviventes deste caos, e fadados a lidar com a inexorável saudade dos entes que partiram e a não desistir de nos irmanar, sempre, incessantemente. Os artigos de opinião desta cibernética obra literária são lumes nestes tempos de ínvios caminhos. São registros coletivos de resistência e confiança... que nos abraçam, nestes tempos de hiato, e nos conçoam.

Nádyá Gurgel^{1,2}

Professora de Português - IFCE Campus Itapipoca
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

¹ Romancista, contista, ensaísta e poeta, membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), desde 1999, e Professora Efetiva EBBT de Língua Portuguesa do IFCE, desde julho de 2016, e lotada no Campus Itapipoca, desde 2019.

² Texto concluído no fatídico dia 15 de março de 2021, quando o Brasil totalizava mais de 278 mil mortos pelo COVID-19.

O ano de 2020 começou repleto de sonhos e desafios para todos, especialmente para nós que compomos a Comissão Organizadora da OCHE Ceará. Estávamos muito empolgados e extremamente felizes com a primeira edição da Olimpíada, ocorrida no segundo semestre de 2019, com as repercussões positivas e acima de tudo com a motivação de seguir em frente, gerada pelos sorrisos, agradecimentos e gestos de carinho que recebíamos de estudantes e docentes, tanto por meio de redes sociais quanto no encontro maravilhoso ocorrido na final presencial no Campus Caucaia do IFCE.

Caminhávamos para uma segunda edição grandiosa, com apoio entusiasmado do então Magnífico Reitor Virgílio Augusto Sales Araripe e do então Pró Reitor de Pesquisa e Extensão e atual Magnífico Reitor do IFCE José Wally Mendonça Menezes, que novamente garantiam as condições necessárias e fundamentais para a realização desta iniciativa. Ampliávamos apoios e simpatias de gestores e servidores do IFCE. Nos reunimos com diversos Secretários Municipais de Educação, gestores escolares e representantes do Governo do Estado do Ceará, tanto na Secretaria de Educação, onde sempre tivemos excelente receptividade e grande apoio de Ianne Nobre, Cannigia Carneiro, Raquel D’Albuquerque; e na Secretaria de Ciência e Tecnologia, através do Secretário Inácio Arruda e sua equipe.

Pensávamos em questões, calendário, melhorias, divulgação, ... na feijoada ... (Para o leitor que não entendeu, na final presencial realizada em novembro de 2019 no Campus Caucaia do IFCE, sob direção do amigo e professor Jefferson Queiroz Lima, foi servido aos presentes uma das feijoadas mais gostosas que já comemos. Isso foi confirmado por quem lá estava! Pergunte a quem foi...)

A vida seguia normalmente.

Os canais de notícias abordavam que um vírus surgira na China e causava doença similar a uma gripe forte, mas que evoluía para grave infecção respiratória. Ao mesmo tempo as notícias veiculadas falavam de restrições sanitárias de vários países e ações do governo chinês para conter a disseminação do vírus. Confesso que achei que não seria algo tão grave, pois já tinha visto situações semelhantes gerarem preocupação, tais como as epidemias de H1N1 e Ebola, que foram controladas. Achei que a COVID-19 seria controlada. Infelizmente me enganei. Nos enganamos.

Cidadãos de diversos países saíam da China. Nações repatriavam cidadãos em vôos exclusivos. Me recordo da repatriação de brasileiros, tardia, como na maioria absoluta das situações que envolveram ações de combate à pandemia pelo Governo Federal. Os brasileiros que voltaram da China foram trazidos em um avião exclusivo para este fim e ficaram isolados em quarentena no estado de Goiás. Mas o vírus já estava se espalhando rapidamente pelo mundo. Não houve jeito, pois no mundo globalizado e em um Ceará que faz parte de rotas turísticas nacionais e internacionais, os contágios foram muito intensos e rápidos.

Muitos continuavam negando a gravidade da situação e se recusando a se cuidar e cuidar dos outros, infelizmente motivados por lideranças políticas nacionais e estrangeiras, o que dificultou e dificulta no combate à pandemia.

Desemprego e aumento da miséria já vinham se acentuando no Brasil. A pandemia agravou a situação, mas não a causou. Que isso fique registrado. As medidas restritivas começaram a chegar até nós junto com as notícias que cresciam os números de contaminações e mortes, inclusive de amigos e familiares. Escolas fechadas e diversas atividades suspensas. Parou o futebol e quando voltou, os estádios não podiam receber torcidas. Aulas remotas se tornaram a nova prática para professores e professoras que não dominavam tecnologias e tiveram que “se virar” para não perder seus empregos. Impossibilidade de aulas remotas para estudantes de escolas e universidades públicas que não tinham acesso à internet em seus domicílios, ou se o tinham, de maneira muito precária. Estudantes de escolas públicas foram os mais afetados.

A ONHB foi adiada e depois confirmada a sua edição de forma online. Confesso que pensei e propus a reflexão sobre o adiamento da OCHE 2020. Professor Wally imediatamente vetou esse pensamento, com sua energia positiva de sempre, e afirmou que a continuidade era importante, e portanto, faríamos a OCHE “nem que fosse para 10 ou 100 participantes!”. Mas no ano de 2020, infelizmente não teríamos a feijoada em Maranguape¹...

Tomada a decisão, o trabalho fluiu, até por que a cada dia me convenço que temos a melhor equipe para se trabalhar. Trouxemos a reflexão sobre nossa realidade

¹ A final presencial da O-CHE 2020 estava definida para o Campus Maranguape do IFCE.

para o centro das discussões. Analisamos a Pandemia e seus reflexos em todas as fases da OCHE 2020.

Para a última fase, decidimos prestar um serviço a aos guerreiros e guerreiras que em meio a tantas dificuldades e atividades, decidiram se divertir e aprender um pouco mais conosco. A ideia é que falem, se expressem, reflitam, deixem fluir seus sentimentos escrevendo sobre suas experiências pessoais e coletivas diante da Pandemia.

Ao mesmo tempo, desejamos prestar um serviço à sociedade e às gerações futuras, imortalizando estes relatos através desta obra, permitindo que, no futuro, a pesquisa e o conhecimento continuem a ser o principal mecanismo de desenvolvimento humano. Desejamos contribuir para a valorização da História e da Memória como instrumentos de reflexão e conhecimento do passado, permitindo que erros sejam veementemente repelidos e nunca mais repetidos.

Esta obra é um relato histórico e tem algo de muito inovador, que é apresentar uma coletânea formal de textos e reflexões produzidos pela chamada “Geração Z”, abrindo espaço de manifestação acadêmica a experiências de atores sociais que viveram a pandemia de SARS-COVID 2019 e têm as redes sociais como espaço fundamental de manifestação, algo incomum em gerações anteriores.

São muitas as fontes sobre nossa realidade, mas trago alguns números deste momento em que editamos esta coletânea. Estamos em março de 2021. Há exatamente um ano a COVID-19 foi declarada Pandemia Global pela Organização Mundial de Saúde. As medidas restritivas e suspensão das aulas tiveram início em nosso estado no dia 19 de março, dia de São José,

considerado pelos católicos como o padroeiro do Ceará. Os EUA acabam de anunciar vacinação para toda a população do país para o início de maio. Enquanto isso o Governo Federal Brasileiro mantém atitudes dúbias, críticas a medidas restritivas e nega fatos concretos, como o colapso evidente e declarado por gestores locais nos sistemas de saúde de vários estados e municípios². Em todo o Brasil, hospitais públicos e privados anunciam não ter mais leitos disponíveis, especialmente para pacientes graves que necessitam de UTI, fatos comprovados pelos dados de casos e óbitos crescentes e que colocam o Brasil, neste momento, no epicentro da pandemia no mundo³. Há cerca de um mês faltava oxigênio nos hospitais de Manaus – AM. Esta semana somos avisados que o estoque de oxigênio é muito baixo e existe risco de escassez, inclusive no Ceará⁴.

A vacinação no Brasil teve início no final de janeiro, trouxe e traz muita esperança e vemos a comemoração de pessoas sendo e tendo familiares vacinados. Todavia, este processo tem sido muito lento e de certa forma desorganizado, além de ter enfrentado dificuldades impostas por um Governo Federal que, diante de críticas, tem mudado suas atitudes nos últimos dias e demonstrado maior esforço em garantir a aquisição de vacinas e insumos⁵.

As águas de um março de 2021 chuvoso no Ceará, que também começam neste mês a chegar no açude Castanhão, a partir da transposição do Rio São Francisco, são acompanhadas pela esperança de aproximadamente 11,4 milhões de doses de vacinas

2 <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/03/com-estados-em-colapso-por-covid-pazuella-diz-que-sistema-de-saude-nao-colapsou-nem-vai-colapsar.shtml>, acesso 15 mar. 21.

3 https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21

4 <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/03/13/quase-40-cidades-cearenses-correm-risco-de-falta-de-oxigenio--diz-apreche.html>, acesso 15 mar. 21.

5 <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/03/10/bolsonaro-muda-tom-e-diz-que-brasil-tera-400-milhoes-de-doses-de-vacina-em-2021>, acesso 15 mar. 21.

aplicadas (sendo pouco mais de 8,5 milhões de pessoas que receberam apenas a primeira dose, enquanto pouco mais de 2,8 milhões receberam as duas doses, entre idosos e profissionais de saúde)⁶, mas também pela dor das famílias de mais de 278 mil vítimas da doença, número que tem crescido nos últimos dias⁷. Ressaltamos nossa dor e prestamos solidariedade a familiares e amigos.

Compartilhamos dor e esperança.

Presto minha total solidariedade, reconhecimento e agradecimento a professores e professoras das diversas esferas, por demonstrar mais uma vez que são o sustentáculo e guias fundamentais para o conhecimento e a educação em nosso país, além de manterem uma heroica conduta de continuar e seguir em frente, não só caminhando, mas engatinhando ou rastejando, na maioria absoluta das vezes, não passando por cima, mas convivendo com e carregando cada dificuldade, desafio, perdas, medos, afazeres pessoais, dramas e tudo o mais que nós que labutamos na área da educação sabemos e vivemos.

A distância mostra quão fundamental é e sempre será a escola enquanto ambiente de saberes, aprendizagens, convivência, vivência, debate, igualdade, diversidade e respeito.

Uso ainda este espaço para prestar minha solidariedade a todos e todas estudantes cearenses ceifados de estudar ou participar da OCHE 2020 por questões socioeconômicas. Suas importantes vozes tradicionalmente excluídas infelizmente não poderão ressoar nesta coletânea, não por vontade nossa, mas por dura imposição de uma realidade que insiste em se perpetuar

⁶ https://viz.saude.gov.br/extensions/DEMAS_C19Vacina/DEMAS_C19Vacina.html, acesso 15 mar. 21.

⁷ https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html, acesso 15 mar. 21.

em nosso país.

Esta realidade social e econômica do Brasil e do Ceará, marcada por profundas, revoltantes e inaceitáveis diferenças, impede que estudantes que não possuem quase ou nenhuma estrutura residencial e familiar encontrem na escola alimentação, apoio, amizades e mesmo o acesso à internet, que possibilitaria estar participando da OCHE e relatando aqui suas vivências e experiências diante deste momento difícil que vivemos.

Apesar de novamente calados pela dura realidade, vocês não foram esquecidos por seus colegas nem por nós.

Zilfran Varela Fontenele

Professor de História - IFCE Campus Crateús
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Quando fui convidado a participar da OCHE, me senti honrado em fazer parte de um grupo de professores capacitados, competentes e com disposição de pensar e divulgar o Ceará com todo amor a nossa terra. Até aí, já me sentia muito bem em poder participar.

Mas para minha surpresa e agonia, o ano de 2020 nos trouxe uma pandemia. Esse foi um ano inesquecível por todo medo e angústia que vivi como nunca tinha visto. Preocupação com familiares e amigos me fizeram chorar e ao mesmo tempo desenvolver ainda mais minha fé.

Pois como um presente divino, aprendi a ter resiliência e perceber que em meio a tantas notícias ruins e de um cenário nada bonito para nosso país, é possível encontrar vida e beleza diante daqueles que eu tanto amo.

E é nesse ponto de encontrar algo belo em meio a um cenário difícil que venho falar da OCHE. A OCHE, é como uma flor de mandacaru encontrada diante de um cenário de seca no sertão nordestino. A OCHE traz beleza e vida quando vemos alunos e professores que encontram forças num ano de pandemia, para refletir sobre a vida, sobre a existência, sobre a sociedade e sobre o mundo. E nessa reflexão em coletividade surge a beleza de relatos de jovens cheios de vida e de sonhos que nem mesmo uma pandemia pode barrar.

A OCHE é uma pérola encontrada. Em minha vida me fez crescer não só profissionalmente, mas enquanto ser humano. Pois o protagonismo estudantil me encanta, me faz sonhar com tempos melhores, e me faz relembrar o quão importante é ser professor dentro de uma sociedade. E como bairrista que sou, a OCHE me traz além de tudo isso que já mencionei, um orgulho em presenciar todas as disciplinas de humanas terem como ponto em comum, e ao mesmo como ponto de partida, o estado do Ceará.

Portanto, só tenho a agradecer a todos que fazem a OCHE, principalmente aos alunos, pelo privilégio de participar de uma olimpíada com tantos significados e simbolismos positivos que contrastaram com um triste cenário num ano de pandemia. Obrigado por terem permitido que eu não enfrentasse nesse ano de 2020, uma pandemia sozinho. Não posso dizer que fui eu a pandemia, mas que verdadeiramente foi: “nós e a pandemia”.

Robson Pontes Custódio

Professor de Filosofia - IFCE Campus Caucaia
Membro da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Foi na infância que comecei a apresentar os primeiros sintomas de ansiedade, sempre me cobrando pelo melhor resultado nas avaliações da escola e para figurar no chamado “quadro de honra”, uma espécie de competição que as escolas já estimulavam na época em que eu começava a minha vida escolar. Com o passar do tempo e a chegada da vida adulta, começaram a chegar também as crises de ansiedade, que passaram a tumultuar a minha vida, principalmente profissional, e lidar com isso foi um dos maiores desafios nesse período de pandemia.

No dia 16 de março de 2020, estava em casa, preparando aula, quando recebi um comunicado do diretor do meu campus de que as aulas ficariam suspensas em todo o IFCE até o dia 20 de março por conta do aparecimento dos primeiros casos de Covid-19 no Ceará. Mal sabia eu que aquele era só o início de uma trajetória de trabalho remoto que se estende até os dias de hoje, e ao qual eu tive que me adaptar de forma rápida e lidando com todas as minhas inseguranças. Se atividades simples do cotidiano já são capazes de despertar preocupação e medo extremo numa pessoa com transtorno de ansiedade, que é o meu caso, que dirá uma situação como essa em que nos encontramos.

Aprendi ao longo dos anos que transtorno de ansiedade não é algo que se cura, mas que se aprende a conviver,

e para evitar qualquer crise nesse período pandêmico eu tive que encontrar estratégias que me ajudassem a lidar com o medo do presente, e do futuro também. Moro num apartamento de 70 m² o que durante estes meses de pandemia tornou-se o meu principal lugar no meu mundo. Nos períodos de isolamento mais rígido, comecei a fazer atividade física dentro de casa, inclusive porque esta é uma forma de combater a ansiedade. Com a impossibilidade de sair para um restaurante, em alguns dias da semana, eu colocava uma mesa na varanda para almoçar ou jantar “fora”. Estas foram algumas das formas que encontrei para tornar o meu período de confinamento menos doloroso.

Isso não significa que os períodos ruins não aconteceram. Convivi e tenho convivido com momentos de choro, desespero, desânimo, insatisfação, angústia e de saudade. Saudade dos amigos, da família, dos lugares que eu costumava frequentar, das coisas que eu normalmente fazia e que hoje já não são mais possíveis. Tenho saudades de fazer planos de viagens, profissionais, enfim, sinto falta de planejar a minha vida.

Gostaria muito de ter uma mensagem positiva para registrar neste texto, mas no momento em que escrevo, recebo notícias do falecimento e adoecimento de gente próxima, do colapso do sistema de saúde em todo o país e do descaso do governo federal com o caos instalado. A pandemia da Covid-19 será um marco na história da humanidade, mas não pelas razões ideais.

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira

Professora de História - IFCE Campus Maranguape
Membra da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

A chegada do ano de 2020, como toda virada de ano, foi celebrada com muita expectativa, pois é o momento que renovamos a esperança de um ano novo cheio de alegrias, paz, saúde e conquistas, deixando para trás um 2019 marcado por muitas dificuldades pessoais.

Tudo parecia normal, indo bem, até que a notícia de um surto pandêmico de um novo tipo de vírus - SARS-CoV-2 - estava se espalhando rapidamente pelo mundo provocando mortes e a superlotação nos leitos hospitalares chegando ao Brasil pouco tempo depois do carnaval, última grande festa popular que tivemos no ano.

Acredito que ninguém pudesse presumir o que aconteceria, nem mesmo os melhores roteiristas de Hollywood poderiam imaginar um script tão ficcionista como foi e está sendo a nossa dura realidade.

Com o aumento do número de pessoas infectadas e o intuito de achatar a curva de contaminação para poder prestar atendimento hospitalar, prefeitos e governadores decretaram o lockdown. O comércio, indústria, setor de serviços, escolas, tudo que fosse considerado não essencial deveria ser fechado para evitar aglomerações e as pessoas deveriam permanecer em suas casas, sem contato umas com as outras, a não ser que residissem na mesma casa.

Esta conjuntura trouxe problemas financeiros e emocionais causando incertezas por não saber como e quando acabaria, tristeza porque vidas estavam e continuam sendo perdidas e ansiedade por não saber o que ainda está por vir. Tudo isso provocou em mim um turbilhão de sentimentos que se misturavam causando muito medo e como consequência a dificuldade para dormir.

As atividades de trabalho foram temporariamente suspensas, aulas, comissões institucionais, calendário acadêmico e a realização da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará – OCHE, que chegamos a cogitar o seu cancelamento. Tudo estava muito incerto e desafiador.

Aos poucos fomos procurando um novo normal, as atividades de trabalho passaram a ser por videochamadas e as aulas retomaram de forma remota (síncronas e assíncronas). Pelas recomendações da instituição, nas aulas síncronas, os estudantes deveriam manter câmeras e microfones desligados, ligando apenas para tirar suas dúvidas ou fazer alguma colocação. Essa situação e novo modelo de aula me causou desconforto e provocou desânimo, pois sentia muita falta da presença física da sala de aula, da expressão do estudante quando compreendia ou não um conteúdo explicado.

Contudo, esta nova realidade também me possibilitou refletir sobre a minha prática e perceber como sou um professor tradicional, fato constatado diante das dificuldades encontradas neste novo modelo de ensino e a falta de preparo para lidar com as novas ferramentas tecnológicas na educação.

Com o retorno das atividades laborais as dificuldades aumentaram, pois agora tinha que retornar a ministrar as aulas de maneira virtual e demais atividades que a docência exige e ao mesmo tempo atender as demandas do serviço doméstico (limpar, preparar a alimentação, lavar roupas e etc) e seio familiar.

Mas, apesar de todo medo, trabalho e incerteza encontrei as forças que precisava no convívio com minha companheira e meu filho, Caio, de 4 anos de idade.

Exploramos nossa criatividade e fantasia, realizamos brincadeiras dentro de um apartamento pequeno, que apesar do pouco espaço, corríamos em volta de um sofá velho para brincar de pega-pega. Aproveitava a oportunidade da brincadeira para poder me exercitar e sair do sedentarismo. Brincamos de nos esconder e o lugar preferido do Caio era o guarda-roupa. Preparamos lanches e fizemos piqueniques dentro do apartamento. Neste contexto nos reinventamos e pudemos aproveitar momentos especiais em família que com certeza, ficarão guardados nas nossas memórias afetivas.

As dificuldades continuam, contudo, acredito que saímos mais maduros e fortalecidos, pois diante das adversidades podemos nos reinventar, nos fortalecer para suportar o tédio dos dias que não passavam, a ausência de amigos e demais familiares e buscar satisfação em pequenas realizações do dia a dia como brincar com o filho de esconde-esconde dentro de casa por horas.

Márcio Monteiro Cunha
Professor de História - IFCE Campus Maracanaú

Nós e a pandemia ou os nós da pandemia

No momento em que escrevo meu texto, faltam menos de uma semana para o aniversário de um ano do anúncio da OMS sobre a escala pandêmica que o vírus da COVID-19 alcançava.

O que foi 2020? Aliás, o que está sendo esta “vertigem”, dentro do contexto que Camus fala do absurdo? Quem não chegou em algum momento do ano e perguntou a si e aos próximos: que loucura é essa?

A analogia da vertigem também exemplifica o que é estar trabalhando remotamente. Lembro-me muito de quando fui ao parque aquático Beach Park, há um tempo atrás, e desci em um toboágua todo preto. É a mesma sensação, agora virtual, que tenho desde então. Você está na entrada de um tubo e, após adentrá-lo, o que você escuta, sente e percebe são gritos de outras pessoas nos demais toboáguas, uma série de água indo contra você, perda da noção de espaço e tempo, e, ao término de um passeio que dura em média um ou dois minutos, você sai numa piscina, tonteado, ainda se situando de onde surgiu e onde foi parar.

Esta analogia é vaga, pois é necessário ter experiência em parques aquáticos. Mas ela fica mais próxima se substituirmos algumas palavras. Se, ao invés de tubo, colocar meets, lives, aulas síncronas? E o que escutamos, sentimos e percebemos foram as redes sociais inundadas de memes, fotos, vídeos, textos

entre outros, compartilhando lamúrias, horrores e também, arremedos de esperanças? E, se no lugar da água nos sufocando, for uma quantidade extraordinária de informações que recebemos cotidianamente, nos afogando num mar de infodemia, desinformações, fake news, derretimento das coisas que acreditamos e defendemos? E, quando nos situamos no ano, sem saber onde estamos, literalmente em vertigem, quase afogados numa piscina rasa, que num contexto mais ameno, saberíamos sair com maior destreza?

Pois bem. É assim que resumo o ano pandêmico de 2020. Dentro deste circuito, podemos narrar que é um ano histórico. Por ser muito significativo para humanidade, cada passo dado dentro dele ficará registrado, de certa forma, em nossa memória e, mais que isso, nos infindáveis registros virtuais que realizamos dentro da virtualidade. A vida vai, as palavras voam, mas a escrita (e os logs de internet) sempre ficam, como diz um clássico provérbio romano. A pandemia começou, com temores que jamais conseguiremos descrever com tanta precisão em nossas vidas. Ao mesmo tempo, pareceu que a Terra, numa perspectiva da Gaia, tem demonstrado que o verdadeiro vírus do cosmos é o ser humano. Ela, em suas autorregulações, como qualquer sistema, aprende também a se defender. Mais de 7 bi de seres destruindo-a e desrespeitando sua existência fez com que ela desenvolvesse seus anticorpos. Ironias à parte, a COVID-19 é uma simples gripezinha, doença comum mas que, na História, matou muito mais que inúmeras guerras.

Esta reflexão parece, em uma primeira vista, uma chacoalhada existencial: “você está vendo que, da forma que você está fazendo, vai acabar por matar a mim e a nós todos?”. Parece um discurso de uma mãe que pega

seu filho adicto e imerso no mundo das drogas, mas é a Terra-Mãe (Gaia) tentando dar uma acordada em seu filho pródigo.

No início da pandemia, esta era a reflexão mais recente. O Antropoceno é a Era geológica autodestrutiva. É necessário parar, literalmente. É foi o que aconteceu. A Terra, a Natureza, em alguns lugares altamente antropomorfizados, voltou a sorrir. Golfinhos em Veneza¹, diminuição da emissão de CO² no ambiente, desaceleração do mundo. Quem diria? O caminho para a redenção começava a despontar no horizonte. Há esperanças na Humanidade!

No entanto, muito daquilo que eram prospecções otimistas viraram exatamente o contrário. O negacionismo, a relativização da pandemia, a sobreposição da importância da economia frente à vida - deixe de mimimi, e vá trabalhar - mostraram a verdadeira faceta do ser humano na contemporaneidade: um extremo individualismo, o ódio como força política e o anticientificismo ganhando cada vez mais força. Eu sei, são alguns, uma minoria, mas extremamente engajada, barulhenta e com poder político e ideológico em dominância.

É vixe em cima de eita, é cada dia uma luta. Seja ela ontológica (o que sou e o que faço aqui, afinal?), profissional (o que é um professor sem aula, ou melhor, sem a sala de aula?) e até mesmo situacional (que diabos estou vivendo ou como viabilizar este ano a OCHE ou qualquer coisa?), são desafios enormes de se manter confiante e até mesmo não ceder para sentimentos niilistas de impotência, conformismo e evitar ao máximo de “entrar em parafusos”. E bote reflexão, cabeça para pensar, autocentramento, conversas com

1 Sim, eu caí no conto do vigário. É fake news. Os golfinhos foram colocados fora do seu real contexto. Maiores informações em <https://vejasp.abril.com.br/blog/bichos/golfinhos-veneza-fake/>

amigos, respirar fundo, pirar e surtar, entre outros movimentos cíclicos que veio com a pandemia.

Flexibilidade. É um conceito muito em voga na atualidade. E ser flexível não significa necessariamente ser relativista em tudo. É uma questão de organização. Ou, melhor dizendo, uma diretriz que conduz a determinadas metas. E foi assim que vi o ano de 2020. Muitas responsabilidades, muitas demandas - e cada vez maiores - de compromissos pessoais, mas principalmente profissionais. Muito aprendizado, inclusive.

Ser flexível é tentar adaptar nossas diretrizes às condições que fogem de nossa alçada. É tentar organizar alguma coisa dentro do caos infodêmico e encontrar algum sentido nisso tudo. É saber cair na vertigem que estamos vivendo. E não é nada fácil. Mas, parafraseando Ariano Suassuna, não adianta sermos nem pessimistas, pois seremos chatos, mas tampouco otimistas, pois seremos tolos. O que é bom é sermos realistas. Mas um realismo esperançoso, com a perseverança de que, nas lutas diárias, consigamos superar algum desafios postos.

E no meio deste turbilhão até agora relatado a vocês, tem a OCHE Ceará. Como todo projeto do qual faço parte, a Olimpíada é um misto de sentimentos, razões e atitudes para dar prosseguimento na empreitada.

Como sou o atual presidente da Comissão Organizadora, meu papel não é meramente formal. Junto ao IFCE, sou o responsável pela parte burocrática, pelo fluxograma e pelo retorno aos demais membros. Editais, prazos, pregões, atas, enfim, toda burocracia passa pelas minhas mãos, nem que seja para dar o visto, assinar e repassar. É algo muito longo; por ora, precisamos de muita paciência, mas necessária para a

consolidação e reconhecimento da OCHE Ceará como referência dentro da instituição. Às vezes, sabemos dos limites que temos dentro das instituições públicas, pois temos que nos limitar aos papéis atribuídos pela Administração Pública. Não tem como passar por cima de algumas coisas, mesmo que porventura elas acabam atrasando muito os processos.

Eu também sou o responsável pela Comunicação. Processos, respostas, gestão compartilhada das redes sociais, imprevistos, retificações, entre outras coisas que precisam ser “filtradas” - tanto para o público externo quanto entre nós - e que passam também por minhas mãos. O Instagram, de certa forma, é uma janelinha para o “mundo exterior”. E ali encontramos de tudo. Por isso que o “estagiário” estava afiado este ano. Muitas coisas eram relevantes, mas, pela sua leveza, conseguiu-se contornar, e muita coisa irrelevante, mas que acaba pesando no processo, fez-se necessário arcar com a terapia que ele faz desde que foi “selecionado” para ser nosso Relações Públicas. E foi sua personalidade que facilitou em alguns momentos, mesmo quando sua avó apagou nosso quadro de pontuação, ou quando o gato dele comeu o papel do resultado final. São coisas que trouxeram a fina ironia e a descontração para um processo que muitas vezes é muito mais tenso que aparenta. Lidar com expectativas e emoções dos outros é de uma enorme responsabilidade.

Além do mais, temos nosso grupo. Como manter a moral do grupo em um contexto remoto? A última vez que nos reunimos presencialmente já faz mais de um ano. E, nem mesmo a distância, já que cada membro é de um campus diferente e tem rotinas variadas, conseguiu desconstruir nosso *spirit du corps*, como se usa no linguajar militar. O grupo se vê como um coletivo bastante engajado, e nossas reuniões

são conduzidas de forma muito leve. Estar em casa e trabalhando ao mesmo tempo pode ser muito desafiante, mas também temos muitas boas anedotas registradas. Quando lembro de algumas, eu começo a rir sozinho, lembrando que, como pessoas comuns, também temos nossos momentos nonsense.

Mesmo assim, tivemos problemas. Seja relacional ou seja estrutural. A pandemia foi um prato cheio para que se cortasse as minguadas verbas dos Institutos Federais. A garantia de melhoramentos ficou apenas em mantermos a Olimpíada, apesar de todos os percalços. E, além de recursos, nossa equipe como um todo foi se reduzindo. Muitas pessoas saíram por diversos motivos, mas conseguimos trazer novas caras e até dar um certo renovo em nossa condução olímpica.

O desafio logístico também foi muito dificultado. Tínhamos o projeto de peregrinação pelo Estado. Mas como realizar? Não possuíamos recursos e, pior, era perigoso demais para nossa saúde qualquer movimentação e possíveis aglomerações. Tivemos, então, que contar muito com a boa vontade de todos. Estes todos que digo não são somente os membros da Comissão e os colegas de dentro da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PRPI), capitaneadora do projeto. É a boa vontade dos colegas professores do IFCE, mas principalmente, aos bravos guerreiros professores orientadores de todas as Equipes.

Sem a coordenação, a sensibilidade, e também a confiança nos objetivos da OCHE Ceará, provavelmente ela teria sido implodida. Não haveria o impacto que ela teve na sua primeira edição. Conseguimos manter praticamente o mesmo número de equipes de 2019, o que, dadas as circunstâncias, é uma vitória enorme. Gargalos temos muitos, e direta ou indireta-

mente, sabemos de grande maioria deles. Alguns são sussurrados a nós e tentamos contorná-los de diversas formas. Por isso, sem o apoio massivo dos professores à gente, individual e institucionalmente, com certeza teríamos naufragado nos redemoinhos de vida que foi - e de certa forma está sendo - a educação em tempos de pandemia.

A OCHE Ceará já é um projeto audacioso no contexto em que vivemos, de redução da carga horária das Ciências Humanas na BNCC, da diminuição da importância das referidas disciplinas dentro dos currículos da Educação Básica, entre outros grandes equívocos que estão ocorrendo em nosso país. Nada mais inteligente que saber controlar as mentes inquietas que o saber crítico traz. Cada vez mais as CCHH são a interface de uma interpretação que as outras Ciências necessitam para não cairmos na tentação tecnocrata do controle geral da vida pela técnica. É sabido que mentes brilhantes não são apenas raciocínio lógico-matemático aguçado. É mais que isso. Pessoas com alto coeficiente de inteligência (QI) tendem a ter problemas sociais e emocionais, pois são resultado da falta de reflexão de temas que nós, das chamadas Humanidades, fazemos e desenvolvemos juntamente com todos os envolvidos no processo.

É tentar abrir a mente e os olhos das cavernas e bolhas digitalmente construídas. O principal problema hoje é possível de ser mitigado APESAR do governo e PRINCIPALMENTE pelas Ciências Humanas. O isolamento social, o extremo individualismo entre outros problemas são tratados (é um processo também terapêutico, pois não é algo instantâneo) na reflexividade trazida pelos componentes curriculares da gente. Além do mais, um povo que não conhece a sua História não conhece a si mesmo, estando fadado a

repetir os mesmos erros de seus antepassados. É aí que nós entramos, com o pé na porta por acaso, demonstrando aos leigos e para os detratores que CADA VEZ MAIS precisamos de maior Humanidade na educação.

O fio condutor disso somos nós, especialistas em Sociologia, Filosofia, História, Geografia, Artes, entre outros profissionais que se baseiam nas nossas interfaces e constructos teórico-metodológicos. Como não pensar a desinformação sem desconstruir a ideia original de um mito? Como tentar pensar a tecnologia como um artefato político de dominação e manipulação sem pensar nos usos humanos dela? Como pretender inovar sem saber como se constitui a construção de um pensamento disruptivo? A Educação por si não salvará o mundo, mas faz com que pensemos como podemos construir novos mundos possíveis.

Para finalizar, jamais esqueço que, além de ser um educador, um burocrata, um comunicador, um gestor, entre outros papéis sociais que me foi atribuído, sou um cidadão. Todas essas demais funções não podem suplantam que, para sabermos conviver em uma sociedade, não tem como alocar todos meus interesses individuais acima de tudo. O bem comum, termo esvaziado de sentido por muitas vezes, precisa ser sempre considerado. Para vivermos de forma mínima e relativamente estável, é fundamental a construção da chamada solidariedade social. E para ser solidário, mais que abrir mão de direitos individuais pretensamente absolutos - uma mera abstração moderna do jusnaturalismo para construir o conceito de contrato social -, precisamos ter sentimentos e éticas de solidariedade. Basicamente são valores de fortalecimento das relações sociais mais primárias, como também de relações mais abrangentes. É ter uma percepção e consciência planetária que está para além de nosso círculo de

vivência. É tentar imaginar a apropriação global, coisa que apenas a tecnologia pode se vangloriar, mas ainda estamos presos a tribalismos e ídolos que foram debatidos exaustivamente pela Filosofia em geral.

Sim, ser realista esperançoso é um pouco de utopia. Mas são dessas imaginações e elucubrações que obtemos fôlego - algo que ganhou outro sentido neste contexto, tendo uma semântica mais forte que poderia ter antes - para podermos pensar e construir um mundo mais justo, fraterno e mais humano possível. É dentro dessas contradições entre competir, debater e combater, mas mais que isso, cooperar, sensibilizar, comemorar, solidarizar, aprender... Sim, tudo foi-me um enorme aprendizado que neste texto tentei sintetizar. Foi difícil, não foi muito breve, mas espero que ele reflita parte do que li, me emocionou e me sensibilizou com todos os trabalhos desenvolvidos para a Fase Final da OCHE 2020, que compõem este precioso livro-memorial-documento histórico.

Março de 2021.

Robson Campanerut da Silva

Professor de Sociologia - IFCE Campus Tabuleiro do Norte
Presidente da Comissão Organizadora da OCHE Ceará

Durante muitos séculos, o desenvolvimento das civilizações do mundo antigo convivia com o risco iminente de sua própria destruição. As ameaças à existência dos povos eram, em grande parte, imprevisíveis pelo conhecimento humano. Com passar do tempo, as mudanças climáticas globais de curto período, as forças tectônicas, o vulcanismo, os tornados e até mesmo as ameaças externas ao próprio planeta, como os impactos de corpos celestes, foram cada vez mais sendo incorporadas ao campo da observação humana.

Entretanto, a raça humana nunca foi tão vitimada pelas ameaças invisíveis. Pestes, surtos, epidemias sempre sinalizaram ao mundo: cuidado, risco à vida. Paradoxalmente, o ser humano, a forma biológica mais evoluída já conhecida, padece frente à ofensiva dos organismos unicelulares mais simplórios (bactérias, protozoários e algumas espécies de fungos).

O ano de 2019 nos fez lembrar do poder de dizimação de outra ameaça invisível. Desta vez, uma estrutura proteica acelular, portanto abiótica. O vírus dessa vez atende pelo nome de SARS-CoV-2, uma nova variação do Coronavírus que entrou para nosso dicionário como COVID-19.

A COVID-19 ganhou proporções globais de transmissão e adquiriu status de pandemia. Evidente!

Num mundo com espaços cada vez mais interconectados e fluxos populacionais jamais vistos, é notório que este cenário do século XXI torna-se preponderante para uma transmissão viral em larga escala.

Bem, dito isto, tentarei nas linhas a seguir compartilhar um pouco do que representou para mim a organização da OCHE 2020, num contexto de isolamento rígido e perdas afetivas.

Sou Mailton Nogueira, professor de Geografia, casado, amante das artes e da natureza. Descubro-me todos os dias, entre a leitura de um bom livro, no meu trabalho, numa conversa com os amigos... sou o que a vida me faz.

Apesar da pandemia surgir no fim de 2019, foram nos anos seguintes que senti seus efeitos na minha saúde física e mental. A primeira mudança cotidiana que me trouxe forte impacto foi o isolamento social/familiar. Foram 135 dias sem poder encontrar, pais, irmãos e amigos. 135 dias de combate emocional. Foram dias de luta e luto.

O afastamento no trabalho também me trouxe dissabores. Assim como todos os professores, tive que readequar minhas práticas pedagógicas, minhas habilidades no tratar com a técnica e, principalmente, readequar minha carga horária (ou melhor, não readequar). Percebi que minha mesa de estudo se tornou o local mais frequentado da casa e, por dias, não sabia quantos dias havia em um dia.

Pouco a pouco fui me adaptando à nova rotina docente (ou fingindo me adaptar). Neste ínterim, fui agraciado mais uma vez com a organização da OCHE 2020. Os alunos e colegas mais próximos sabem como é

prazeroso para mim estar junto com a equipe de organização da Olimpíada Cearense de Ciências Humanas. Nesta pandemia foi mais do que isto, foi uma válvula de escape para os problemas cotidianos impostos pela pandemia.

Cada questão e cada fase da prova, foram muito bem planejadas por todos nós. Mas algumas dúvidas ainda persistiam: como será a participação das equipes? Teremos inscritos suficientes? Estas perguntas caíram por terra à medida que as etapas prosseguiram. A surpresa maior foi na avaliação qualitativa dos artigos de opinião intitulados “Nós e a Pandemia”. Foram trabalhos sólidos e ao mesmo tempo sensíveis que retrataram um pouco do cotidiano dos estudantes e professores. Me senti em cada um daqueles relatos.

Portanto, a COVID-19 nos mostrou que, apesar de tudo, somos resistentes. E quando resistimos, nos reinventamos e a cada nova recriação nos construímos. E assim caminha a humanidade.

Mailton Nogueira da Rocha
Professor de Geografia - IFCE/Câmpus Quixadá

Em 2020 tivemos uma mudança total de cenário, em todos os aspectos, e não foi diferente para a equipe responsável pelo Sistema da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará, ou como ficou regionalmente conhecida, OCHE.

Perdemos amigos, tivemos colegas e membros de nossa equipe afetados diretamente pela doença, dentre vários outros casos que seria complicado descrever em poucas linhas. Porém, fomos notificados com a continuidade da OCHE, uma 2ª edição, e aceitamos tal proposta com muita alegria. Vimos a oportunidade de dar continuidade num projeto no qual nos dedicamos de corpo e alma, no qual em sua primeira edição e agora segunda também, tivemos noites e mais noites em claro para entregar o melhor possível para todos dentro de nossas limitações físicas e estruturais. Sabemos que apesar de estamos conectados por meio deste projeto, nunca tivemos uma ligação direta, mas no fim, somos estudantes como vocês, somos professores, somos filhos, somos profissionais que possuem outras ocupações além da OCHE no seu dia a dia.

Já finalizamos essa 2ª edição, e nós como a equipe desenvolvedora, podemos olhar para trás e ver o quanto foi difícil, principalmente os dias em que trabalhávamos, tínhamos aula e reuniões e pendências da OCHE, porém vencemos o sono, vencemos o cansaço e acreditamos que entregamos o melhor possível

para todos dentro de um cenário diferente em que estávamos.

Gostaríamos que quando falassem da OCHE, seja em alguma rede social, para amigos, família, ou outras pessoas, digam com bastante orgulho que se trata de um Projeto cearense, desde o seu planejamento inicial, escopo de projeto, desenvolvimento do sistema, elaboração das questões e provas, e principalmente no Gerenciamento e Execução da Olimpíada. Trata-se de algo 100% cearense.

Equipe GDESTE, responsável pelo desenvolvimento
do Sistema da OCHE Ceará.

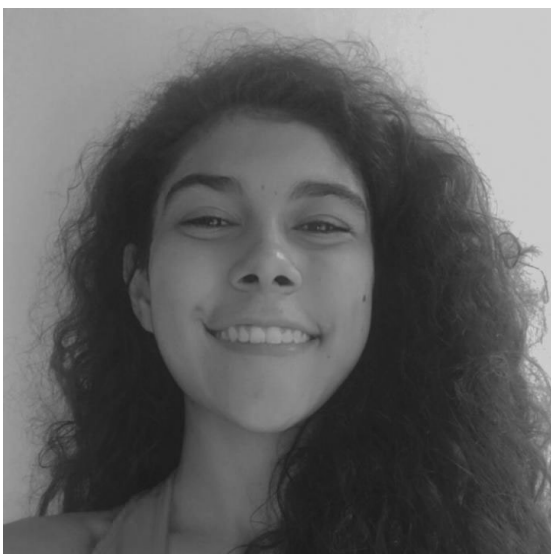
Jorge Fredericson
Gerente do Projeto)

Juan Igor
Desenvolvedor

Matheus Portugal
Desenvolvedor

Rômulo Alberto
Suporte

Victor Nunes
Desenvolvedor



Abolicionistas

Escola Darwin (Fortaleza/CE)

Orientação: Ricardo Wagner Muniz Lima

Ana Luiza da Silva Araújo

Levi Pinheiro Bezerra

Milena Câmara de Castro Araújo

Em 2020, o mundo mudou. A covid-19 se espalhou entre nós e, do seu começo até setembro, já levou mais de um milhão de pessoas a óbito. A pandemia veio como uma avalanche, levando liberdade, sorrisos e vidas, reconfigurando relacionamentos e alterando sonhos.

Fomos desafiados pelo SARS-CoV-2 a reinventar-nos por completo, mudando a forma de agir no e para o mundo. No Brasil, não foi diferente, de acordo com o estudo elaborado pela Fundação Instituto de Administração (FIA), 46% das empresas adotaram o home office.



O novo normal e a esperança | Arte de: Anne e Elena Balbusso
Fonte: <<https://twitter.com/womensart1/status/1256218474826870784?s=20>>. Acesso em: 03 de mar. de 2021.

***Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o***

mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades. (Luís de Camões)

Os aplicativos de entrega se popularizaram ainda mais. Escolas, universidades públicas e privadas passaram a dar aulas a distância. Atividades de lazer foram condicionadas, como quase tudo, a nossa casa, aumentando o consumo de videogames, de streamings e de outras atividades.

Ocorreram diversas mudanças de hábitos sociais que, apesar de dolorosas, nos estimularam a pensar em nossa saúde física e mental o tempo todo e na do próximo, pois nos isolamos para proteger nossos entes queridos e aqueles que fazem parte dos grupos de risco. Tivemos tempo para o autoconhecimento que muitas vezes esquecemos de praticar porque ficamos presos a uma rotina. Aprendemos a valorizar as pessoas que conhecemos, a nossa família, as paisagens que já vimos, em todos os momentos que vivemos. Trouxemos o mundo para nossa casa e o moldamos com o que tínhamos da maneira como podíamos, tornando essa situação atípica a nossa nova realidade, pois, como disse o escritor estoicista Ryan Holiday: “O obstáculo no caminho é o caminho. Jamais esqueça: dentro de cada obstáculo existe uma oportunidade para melhorar a sua condição” (Holiday, 2014, p.17). Ou seja, a mudança é inevitável e deve ser aceita para que possamos lidar com ela com mais facilidade, pois, logo que nos adaptamos à pandemia, abrindo mão de parte de nossa liberdade, começamos a salvar vidas.

Dessa forma, depois de tanta adaptação, conseguimos encontrar outros motivos para sorrir e continuar lutando pelos nossos sonhos e por tudo aquilo em que acreditamos, porque o mundo mudou e a gente mudou com ele.



Agora lascou

EEEP Maria Giselda Coelho Teixeira (Palmácia/CE)

Orientação: Jorge Luiz Simplicio

Déborah da Silva Queiroz

Antônia Allana Sampaio

Adrielly de Fátima Alves Silveira

No final de 2019, no prenúncio de um novo ano, quando metas e expectativas eram construídas, em Wuhan, na China, foi registrada a existência de um novo vírus da família Corona. Como uma onda de devastação, o vírus se espalhou por todo mundo. E, ao entrar para nossa realidade, a pandemia exigiu de nós novas atitudes e um novo olhar sobre o que estávamos acostumadas a vivenciar e o que estávamos planejando para nosso futuro.

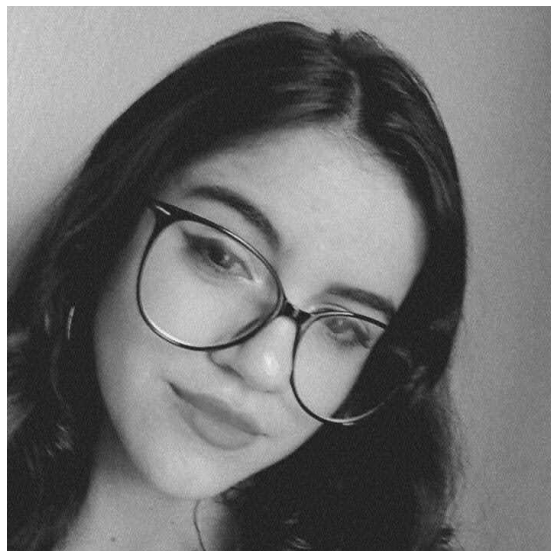
O inevitável isolamento social trouxe-nos a insegurança de lidar com novos formatos e experiências, principalmente quando falamos da repentina e quase que improvisada forma de estudar imposta pela pandemia. Foi preciso experimentar diferentes metodologias, nos adaptar a plataformas e aplicativos e exercitar nossa autonomia, tudo isso enquanto tentávamos assimilar o conteúdo das muitas disciplinas. Com isso, em muitos momentos, a incerteza e a apreensão foram constantes nesse período.



Foto: arquivo pessoal

A pandemia afetou nosso emocional, nos trouxe medo, ansiedade, falta do contato físico, do convívio, da rotina e a saudade de colecionar boas memórias com amigos. Percorremos dias difíceis até aqui. No entanto, a aspereza dos momentos ruins também nos ensinou demasiadamente. Muitas lições foram aprendidas e certamente ficarão grafadas em nosso DNA.

E ao fim deste ano, a pandemia ainda se faz presente em nossas vidas e dentro do fardo que ainda incomoda, ainda há espaço para a esperança e para muitas expectativas... do reencontro com amigos e familiares distantes, do retorno às atividades, da construção de novas memórias... Certamente, esses momentos se tornarão bem mais preciosos aos nossos olhos.



Alfarrábios

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Gagarin S. Lima

Danilo O. Silva

Cícera R. C. Farias

Maria B. G. Sampaio

As instituições religiosas foram desafiadas por uma ameaça de ordem natural, pois a pandemia causada pelo novo coronavírus entrou sem ser convidada. Desde 22 de junho — quando foi decretado “Lockdown” —, os juazei- renses enfrentam uma restrição emblemática que se forma em torno da religiosidade de Juazeiro do Norte. Para os romeiros, a pandemia significa a impossibilidade de realização de rituais históricos religiosos, como as romarias. O fato é que o ano não foi fácil, e até a comemoração do aniversário de 176 anos do “Padim” teve que ser cancelada. Pela primeira vez na história, em 38 anos, a semana Padre Cícero não aconteceu. De acordo com o G1/CE, o evento que acontece- ria, no dia 24 de março de 2020, contaria com a presença de 20 mil pessoas.



Título: Padre Cícero apoia o distanciamento social.
Fonte: Arquivo pessoal.

sempre foi o forte dessa região marcada pela fé, seja em âmbito cultural, espiritual, e até mesmo econômico, pois segundo “editorarealize”, a devoção a Padre Cícero atrai 2,5 milhões de romeiros durante as romarias que acontecem ao longo do ano.

No momento em que escrevemos essa coluna, Juazeiro do Norte está com 16.313 casos confirmados, segundo o boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde do município. O vírus continua se espalhando pelo mundo e deixando cada vez mais vítimas. Talvez você seja uma delas. E é por esse e outros motivos, que as medidas de distanciamento existem. Entretanto, sabemos que a religiosidade

Devido ao isolamento social, a maioria dos eventos religiosos foram interrompidos, e novas adaptações se fizeram necessárias para evitar aglomerações, bem como controlar a transmissão do vírus. Todavia, apesar das medidas sanitárias adotadas pela igreja, algumas atividades acabaram acontecendo de forma imprudente em virtude da ambiguidade que pode surgir na razão humana sob a ótica do certo e errado. Assim, junto a romeiros de outros estados, muitos juazeirenses participaram das cerimônias. Isso é curioso, pois demonstra que a religião passa a ser como combustível, algo essencial para a vida dos romeiros, parte da essência deles, ou nos arriscamos a dizer, como as necessidades básicas, uma vez que são necessárias à manutenção da vida.

É assim para dona Josefa (residente em Juazeiro do Norte). Ela relata sobre seus sentimentos e frustrações nesse período complicado para todo o povo fiel do Padre Cícero. “Nunca deixei de participar da festa do meu Padim, esse ano é o primeiro que eu não fui. Ver que não podemos festejar tantos anos do nosso santinho, por um bicho tão pequeno como esse vírus, me fez pensar sobre o propósito do Deus lá de cima. Qual ensinamento dessa vez?”

Assim como a maioria dos habitantes da cidade da fé, Dona Josefa busca uma explicação espiritual para compensar tamanha angústia causada pelo isolamento social. Com isso, podemos sintetizar tudo em uma das grandes citações do mundo filosófico com uma adaptação feita pela equipe:

“Como Nietzsche falou sobre a arte, podemos afirmar sobre a cultura, que sua existência serve para que a realidade não nos destrua.”



Alucinação

EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu/CE)

Orientação: Jorge Luiz Ferreira Lima

Amanda Azevedo Fernandes

José Antônio Martins Paiva

Victor Martins Farias

Quanto vale um abraço? Esta e muitas outras reflexões surgiram durante a pandemia, juntamente ao medo, solidão e a morte, que foram o carro chefe do Sars coV-2. Um vírus que surgiu em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas que viajou todo o mundo à velocidade da globalização, matando milhares de pessoas.



https://image.freepik.com/vetores-gratis/pandemia-global-de-coronavirus-covid-19-futurista-mascara-medica-protege-o-planeta-contra-virus_67515-954.jpg

Nunca imaginamos acordar um dia de segunda-feira, ir para a escola e saber que iríamos ficar 15 dias sem frequentá-la devido a um caso de corona vírus no Ceará, muito menos imaginar que esses 15 dias se tornariam meses e mais meses, e milhares de casos seriam detectados.

O uso de máscara e do álcool 70 não era apenas necessário, era obrigatório! Lavar as mãos — uma ação tão simples, mas que muitas vezes era ignorada — virou sinônimo global de saúde e cuidado à vida.

Acompanhamos a adaptação de velhas e novas empresas, que para continuar funcionando precisaram acompanhar as mudanças e necessidades de um mundo

em pandemia, podendo ser mencionado uma revolução no mercado de trabalho on-line, que obteve relevante destaque e se reinventou, tornando-se mais acessível e o melhor caminho para o homem moderno.

Até mesmo em uma cidadezinha do interior, como a nossa, houve adaptações, as ruas ficaram desertas, e quando se via alguém, olhar nos olhos era a única forma de cumprimento, sem abraços calorosos ou apertos de mão. Não se podia arriscar ser contagiado e talvez contagiar quem amamos.

***“Foi preciso um choque de realidade, foi preciso nos distanciar, foi preciso ter somente a opção conectar, para aprendermos que o contato físico que nos causa maior bem-estar”
(Joana Tiemman)***

Como se já não fosse difícil ficar longe de nossos amigos, perdemos a chance de termos nossa festa de formatura, nossa tão esperada viagem e, acima de tudo, não tivemos a chance de dizer adeus para algumas pessoas, visto que a covid-19 é altamente contagiosa. O que mais doeu foi isso, perder alguém sabendo que não terá uma última despedida, uma última mensagem, um último abraço.

Em todos esses meses, vimos não apenas nos jornais, mas no cotidiano, o quanto é importante ser solidário e o quanto isso faz a diferença na vida de algumas pessoas, que em muitos momentos não tinham o que comer, pois tinham perdido o emprego e estavam passando necessidade. Diferente de muitos, tivemos a sorte de termos um celular ou um computador para estudar e mesmo não sendo a melhor forma, muitos

ainda não tiveram a oportunidade de acessar às aulas de forma remota.

Tivemos a chance de ter acesso não apenas as aulas, mas também a cursinhos para vestibular, assim como bolsas de estudos preparatórios para o ENEM, que foram iniciativas muito importantes para alguns de nós que não possuíam condições financeiras, nem de transporte para estudar em um cursinho que não fosse remoto. Com garra, participamos de olimpíadas a distância — Canguru de Matemática, OBA, ONHB, OCHE —, alcançamos êxito, nos superamos e aprendemos, em alguns momentos nós nos sentimos perdidos e sem rumo, mas encontramos forças e hoje podemos dizer que nós nos sobressaímos diante de tantos desafios. Confiamos uns nos outros e jamais desistimos.



Amazonas

Colégio Teleyos (Fortaleza/CE)

Orientação: Carlos Henrique

Carla Gisele

Thaís Oliveira

Mércia de Sousa

Deste marco de 2020, quando a OMS (Organização Mundial da Saúde) anunciou que o mundo havia entrado em uma pandemia ,devido ao SARS-Covid-19, tivemos que nos adaptar a um “novo normal”: isolamento social, saída de casa somente quando for realmente necessário e, quando isso acontecesse, usasse a máscara; higienizasse as mãos com água e sabão ou com álcool em gel 70% constantemente mantivesse uma distância de dois metros entre as pessoas, além de outras medidas preventivas para conter o avanço da doença.

A total quebra de rotina foi um verdadeiro choque para nós, brasileiros, o que impactou no aumento da taxa de indivíduos que passaram a sofrer com transtornos de ansiedade no país.



Foto: arquivo pessoal

Infelizmente, esse mal afetou uma de nós durante o confinamento, deixando-a sem expectativas para o futuro, mas graças a nossa forte amizade, superamos esse problema juntas, ficando assim, mais unidas.

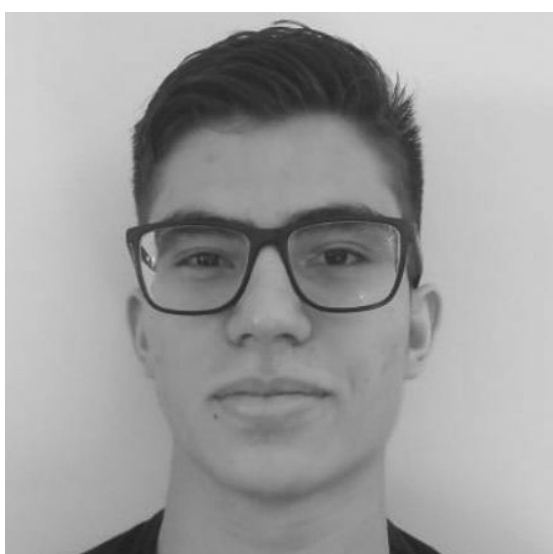
Esse fato nos chamou a atenção, porque, segundo a OMS, o Brasil já compunha a posição de primeiro lugar no mundo de pessoas com ansiedade. As estatísticas apontavam, em 2019, que a nossa população apresentava 9,3%, equivalente a 18,6 milhões de pessoas com esse transtorno psíquico-emocional. Esse alerta também abrange a saúde

mental está no Ceará onde 30,1% da população, de acordo com os dados da Secretaria da Saúde do Estado (Sesa), vem sendo acometido por esse tormento durante essa quarentena. Aliás, os cearenses já sofreram com situações epidêmicas em momentos passadas como sarampo, cólera e varíola.

Na verdade, a redução do contato físico e social, o receio de se infectar, a propagação de notícias falsas que promoveram retratação de uma pessoa que apresenta os sintomas do transtorno de ansiedade como nervosismo e agitação. Imagem disponível em: <https://pin.it/2B4hll7>. Acessado em 16 dez 2020. Insegurança, somados aos sintomas da ansiedade, como dificuldade de controlar o sofrimento excessivo, dores físicas que até podem ser semelhantes aos sintomas do vírus, exemplos, a falta de ar ou cansaço e pensamentos negativos diante da realidade enfrentada atualmente, continuam a agravar, ainda mais, a situação da pandemia e desses indivíduos que sofrem psicologicamente.

De fato, o Brasil tem uma alta mobilidade relacional mais aberta, ou seja, uma “variável socioecológica” que analisa tendências de comportamento das sociedades sobre relacionamentos amorosos e amigáveis. No entanto, “fomos restringidos devido ao isolamento e ficamos sob estresse e ansiedade”, diz Mie Kito, professora do departamento de Sociologia da Universidade Meiji Gakuin, em Tóquio.

Infelizmente, esse mal afetou uma de nós durante o confinamento, deixando-a sem expectativas para um futuro, mas graças a nossa forte amizade, superamos isso juntas, ficando assim, mais unidas.



América Invertida

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Gagarin S. Lima

Amanda Kasat Baltor

Maria Eduarda Ferreira Pereira

Emanuel Percínio Gonçalves de Oliveira

No dia 16 de março de 2020, através do Decreto Estadual nº 33.510, ficou estabelecida a situação de emergência em saúde no estado do Ceará, em decorrência do surto da Covid-19. Nesse contexto de pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o isolamento social com a finalidade de conter o alastramento da doença e evitar superlotação nos serviços de saúde. Devido a essa medida, a maneira como interagimos com outras pessoas (amigos, colegas e familiares) teve de ser adaptada a esse novo estilo de vida.

Nas relações de amizade, por exemplo, aquelas que se mantiveram e as que se formaram nesse período dependeram ocasionalmente do ambiente virtual, o que se mostrou um desafio e, até certo ponto, perigoso para a maioria de nós adolescentes, já que reconhecer quais amizades são confiáveis e quais não são torna-se mais difícil virtualmente.

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (Livros VIII e IX), destacou a existência de três tipos gerais de amizade: uma voltada ao prazer, outra à utilidade e a que ele definia como amizade verdadeira. Na pandemia, grande parte dessas duas primeiras premissas acabaram ou ficaram fragilizadas, pois são relações baseadas somente em interesses pessoais. Já para o terceiro tipo de amizade, por se tratar de um caso mais íntimo, o distanciamento tornou-se prejudicial àqueles que compartilham dessa relação, uma vez que abraços, brincadeiras e a sensação de uma conversa presencial não puderam ser transferidas para este meio virtual.



Representação da relação entre duas pessoas distantes na pandemia. Adaptado de: <<https://cutt.ly/NhGMqJR>> Acesso em: 12 de Dezembro de 2020.

Outras relações fortemente afetadas foram aquelas dentro do ambiente estudantil, pois a ausência de uma interação mais próxima, acaba dificultando o desenvolvimento social do indivíduo, visto que a falta de um espaço físico para as aulas limita a interação e a discussão que ocorrem com mais naturalidade presencialmente, já que alguns alunos não podem ligar seus microfones, por falta de equipamento ou ambiente adequado, e outros não querem ligá-lo, muitas vezes por vergonha. Nesse mesmo contexto, a participação em olimpíadas e competições em grupo se tornou ainda mais importante, representando uma forma de se comunicar e trabalhar em equipe nesse tempo de pandemia. A Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE) deste ano, por exemplo, foi responsável por unir os integrantes de nossa equipe, que antes se conheciam apenas superficialmente, mas com a Olimpíada esse contato se tornou mais próximo e amigável.

“Num mundo que se faz deserto, temos sede de encontrar um amigo”

(Antoine de Saint-Exúpery, em O Pequeno Príncipe)

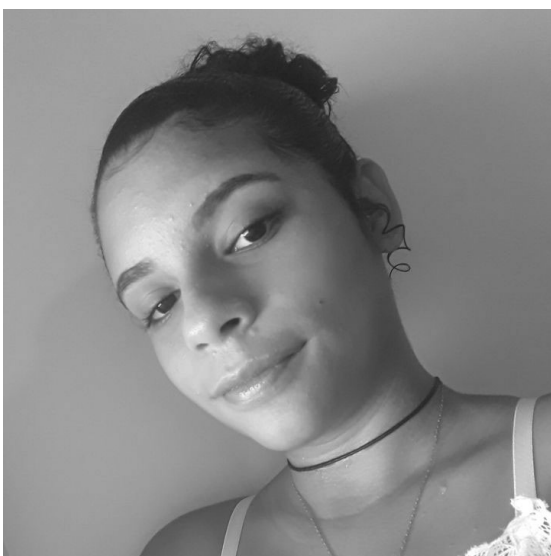
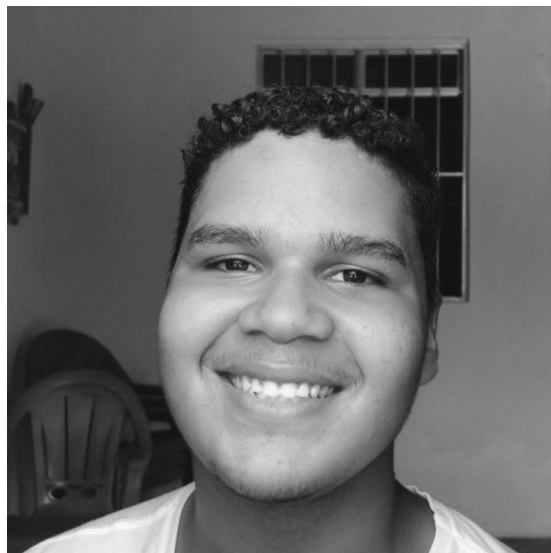
O distanciamento social não só mudou as relações entre amigos e colegas, mas também entre os familiares, alterando a nossa rotina, impulsionando a socialização, sobrecarregando algumas relações e oportunizando mais tempo para a família. Desse modo, muitos dos nossos amigos que, por causa da escola, moravam sozinhos ou com outras pessoas em Juazeiro do Norte, voltaram para a casa dos pais na sua cidade natal, distanciando-se, assim, de algumas relações de amizade e aproximando-se dos familiares. Contudo, em alguns casos, tal reaproximação não ocorreu de maneira muito fácil, havendo dificuldades de convivência em alguns casos e até conflitos agravados em outros, exigindo muito equilíbrio emocional e capacidade de diálogo para a melhoria da convivência.

Mesmo com essa proximidade da família, com o passar do tempo o isolamento social trouxe uma sensação de solidão, fazendo com que muitas pessoas buscassem refúgio nas redes sociais. Todos esses conflitos internos, somados às constantes notícias sobre aumentos de casos de Covid-19, mortes e desatenção do governo, afetaram a produtividade e a capacidade emocional das pessoas, como apresentado em estudos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que mostraram que, no Brasil, os casos de depressão aumentaram em 90%, e crises de ansiedade e estresse agudo dobraram devido à pandemia.

Neste ano, hábitos e rotinas tiveram que ser completamente modificados para se encaixar no novo conceito de normalidade, colocando em prova a capacidade humana de adaptação aos mais diversos desafios. A

necessidade de nos mantermos distantes, para nossa segurança e de outros, provocou, conseqüentemente, alterações em nossas relações interpessoais, aprendemos a valorizar aqueles que serviram de suporte recíproco contra a solidão. Nesse sentido, o ambiente virtual tornou-se o principal meio de comunicação mas, muitas vezes insuficiente, o que levou ao acréscimo de problemas psicológicos como depressão, estresse e ansiedade.

Estamos todos apreensivos, na esperança de que possamos, o mais rápido possível, novamente abraçar nossos amigos e entes queridos, por isso, seguir com as medidas de prevenção, faz-se ainda mais necessário.



Arredados do Girão

EMTI Ant. Girão Barroso (Fortaleza/CE)

Orientação: Dayane de Siqueira Gonçalves

Nayara Medeiros Freitas

Vanessa Bruna Santana do Nascimento

Ryan Tavares Alexandre

Assim como em todos os novos ciclos de nossas vidas, estávamos com muitas expectativas para o ano de 2020. Um novo ano escolar e grandes mudanças eram planejadas e esperadas junto com ele.

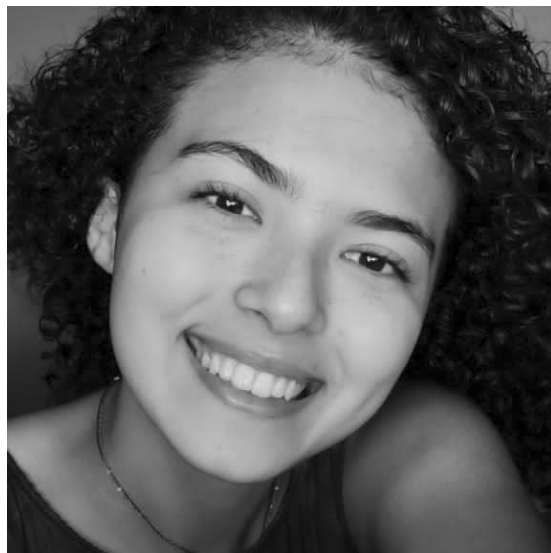
“A partir dessa etapa as aulas virtuais começaram e todos os nossos planos e expectativas foram ficando de lado.”

Enquanto isso, o coronavírus, oriundo de um país asiático bem distante da gente, avançava pelo mundo até se tornar realidade em nossas vidas e mudar os nossos planos. Seguindo as orientações dos órgãos de saúde competentes, as aulas foram temporariamente suspensas por uma quinzena. Não sendo suficiente, a suspensão foi prorrogada e transformou-se em um momento de adaptação á nova realidade: as aulas remotas.

A partir dessa etapa as aulas virtuais começaram e todos os nossos planos e expectativas foram ficando de lado. Era o último ano do ensino fundamental para alguns de nós, último interclasse, última feira de ciências... Além do mais, havia a espera da festa de formatura no fim do ano. No entanto, longe de tudo isso, vivemos uma fase difícil aprendendo a manusear novos aplicativos que nos auxiliaram na rotina escolar nesse ano letivo. Google meet, clasroom e formulário Google substituíram a sala de aula, os cadernos e as avaliações impressas. Nada foi fácil, o conforto que encontrávamos era nos familiares e isso fazia com que a angústia de estar vivenciando tudo isso amenizasse.

Mesmo sendo muito frustrante ficar isolado em casa, adquirir novos e rigorosos hábitos de higiene, só sair em casos de extrema necessidade e usar máscara,

entendemos que é importante para que o vírus não chegue até nós, pois mesmo não tendo doenças crônicas, temos convívio com pessoas que tem, ou seja, fazem parte do grupo de risco.



Arreégua

EEEP Francisca Rocha Silva (Jaguaruana/CE)

Orientação: Ana Cecília R. da Silva

Felipe Rosário Rodrigues da Silva

Marcos Vinícius Barros Beserra

Marcele Nicolly Sousa Cruz

O forró é para muitos a principal cultura do Nordeste. Descendente dos bailes populares do século XIX, os chamados “Forróbodó”, cultura que ultrapassou gerações e, até hoje, é muito forte no dia a dia do nordestino. Estima-se que, atualmente, cerca de milhares de pessoas se sustentam a partir dele. Só no Ceará, aproximadamente 10 mil pessoas sobrevivem da música e a maioria desse estilo musical.

Em dezembro de 2019 surge o primeiro caso do vírus SARS-Cov 2 (COVID – 19). Já se passaram de 316 mil pessoas que foram infectadas no Ceará. Dessa forma, o isolamento social se tornou uma realidade para todos, novos costumes e hábitos foram surgindo e outros foram sendo deixados de lado. O barzinho no fim de semana, o cinema com os amigos, foram substituídos pelas lives e pelos filmes na TV.

Diversos departamentos foram prejudicados, a economia, a saúde, a educação e de forma especial, a cultura. No Ceará, as expressões artísticas como as quadrilhas e o forró sofreram imensamente no atual cenário que passamos, com a pouca visibilidade e a remuneração quase zero, tornou a sustentação dos artistas quase que impossível. “É um trabalho honesto e dá emprego para muitas famílias”, palavras de um de nossos entrevistados. Apesar de algumas bandas receberem auxílio dos órgãos públicos, a dificuldade de se manter financeiramente fez com que muitos artistas desistissem de praticarem esse estilo que é considerado o símbolo do Nordeste.



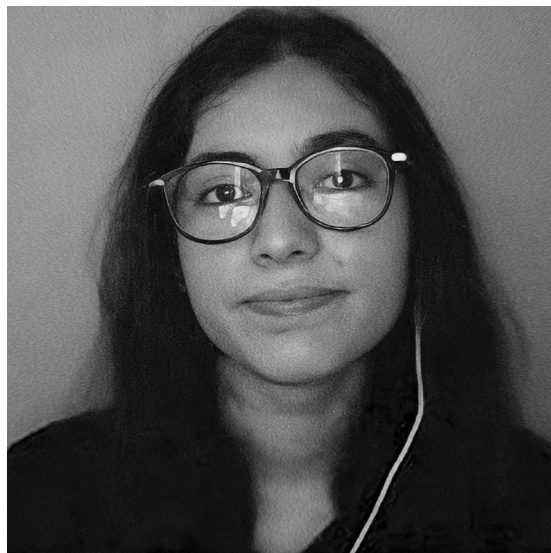
Figura 1: Estátua de Luiz Gonzaga no vazio do principal pátio de eventos de Caruaru. Leo Caldas / Folhapress.

Fonte: GZH (2020) .

Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/06/pandemia-afeta-tradicao-de-sao-joao-esvazia-cidades-e-causa-prejuizos-milionarios-no-nordeste-ckbr4anhv000101jfdxrv1wvf.html>> Acesso em: 08 mar. 2021

“Um país não muda pela sua economia, sua política e nem mesmo sua ciência; muda sim pela sua cultura” Herbert de Souza - Betinho (IBASE, 2015).

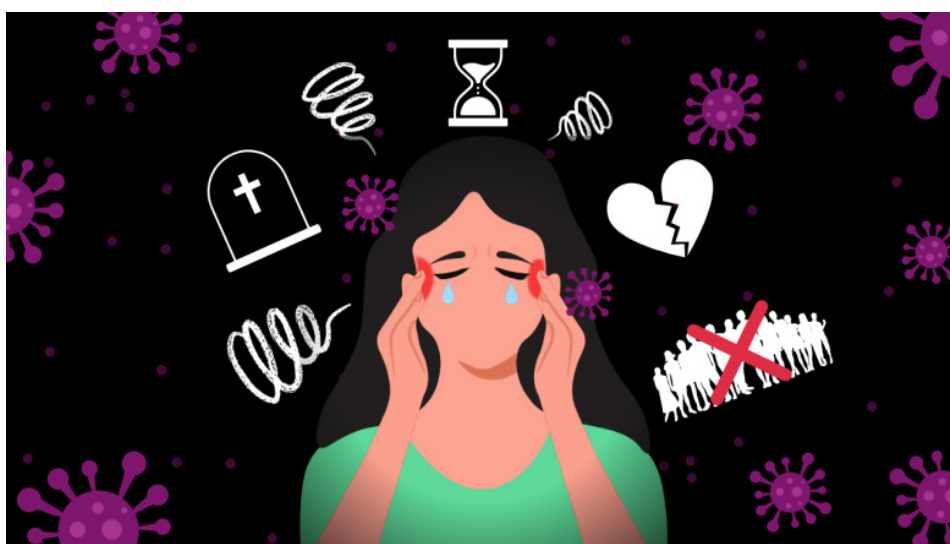
Diante do contexto vivenciado e, especialmente pela cultura em nosso país, acredita-se ainda na esperança de um povo que em sua cronologia histórica já passou por diversas situações como fome, miséria e desemprego muitas dessas, advindas da seca que assola a região. Mas o povo Nordestino e, em especial do Ceará, sempre persistiu com bravura e força, principalmente pelo amor à cultura do forró. E, mesmo as mudanças sendo drástica, a expectativa das pessoas é vencer essa batalha e curtir aquele velho forró com os amigos.



As cobras fumantes

Farias Brito Colégio Central (Fortaleza/CE)
Orientação: Alessandro Oliveira de Souza Araújo
Andrielly de Lima David
Maria Clara Oliveira Guanabara
Esther Maria Feijó Rabelo Vasconcelos

Quando a Pandemia do SARS-Covid 19 chegou ao Brasil, em março de 2020, as pessoas não a levaram muito a sério. Mesmo com os avisos vindos de outros países que já sofriam com o vírus, como a Itália, muitos brasileiros trataram a doença como algo inofensivo, apenas uma gripezinha. Porém, quando algumas pessoas perceberam que aquilo era sério, começaram a se abalar, pois o futuro tornou-se uma incógnita. Essa incerteza sobre o que iria acontecer propiciou o desenvolvimento e a intensificação de transtornos mentais, como ansiedade e depressão.



Pessoa esgotada mentalmente com seus problemas em meio à Pandemia do SARS-Covid 19. Fonte: Arquivo Pessoal

Recentemente foi feita uma pesquisa pelo hospital psiquiátrico Pine Rest Christian Mental Health Services dos Estados Unidos, na qual foi revelada que a taxa de suicídio aumentou em 32% na pandemia. Os casos de ansiedade e depressão também aumentaram muito e estudiosos apontam que essa é a razão pela qual a taxa de suicídio aumentou.

Transtornos psicológicos estão sendo gerados em muitos de nós por vários motivos: solidão, abalo financeiro, perdas de pessoas próximas e conflitos internos majorados pela situação. Durante a pandemia,

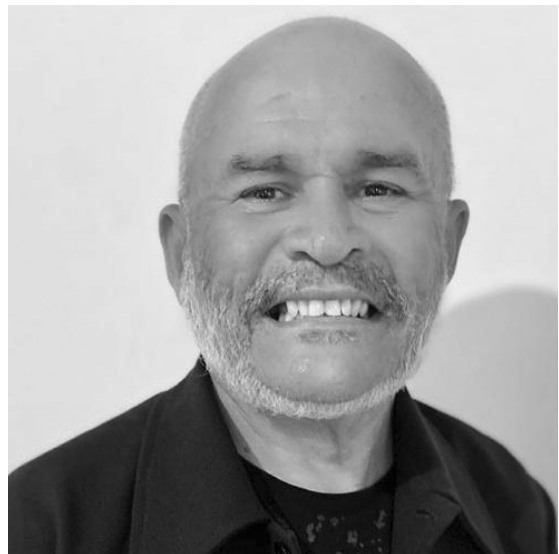
o isolamento social foi necessário, porém ao vivenciá-lo começamos a nos abalar psicologicamente. Sentir-nos solitários e nos preocupar constantemente com o futuro intensifica cada vez mais a nossa ansiedade, fragilizando-nos emocionalmente e fazendo-nos procrastinar involuntariamente. E isso vai se tornando uma bola de neve, pois nos sentimos cada vez piores por não sermos funcionais. Está mais difícil pedir ajuda com a distância, pois muitas relações que pareciam duradouras se romperam ou se desgastaram. Amigos que prometeram estar sempre por perto não fizeram nenhum contato durante esse período. Entendemos que muitos deles podem também estar mal e nos preocupamos, porém essa preocupação parece muitas vezes unilateral, pois algumas pessoas com as quais nos comunicamos não devolvem esse cuidado conosco. Esse descaso nos deixa ainda pior.

Segundo a neurocientista canadense Lisa Barrett, nossas emoções não são um padrão, dependem das influências culturais do meio em que vivemos. Compreende-se dessa ideia que o descaso não é essencialmente humano, é uma construção social. Muitas pessoas ainda conservam a ideia de que saúde mental é algo simplório, que se possa negligenciar. E neste momento de pandemia, essa ideia se mostra realmente predominante. Quando nós finalmente temos coragem de mandar uma mensagem e pedir ajuda, pessoas nos respondem com frases como: “É só se acalmar” ou “A vida de vocês poderia ser bem pior”. Essas respostas são normalizadas, porém são muito insensíveis e podem ser gatilhos para quem sofre com transtornos mentais. Segundo o filósofo contemporâneo Roman Krznaric, somos seres biologicamente empáticos. Ele explica que a empatia faz uma revolução nas relações entre as pessoas e ajuda no desenvolvimento da sociedade. Ter empatia é enxergar o mundo com olhos que veem

uma realidade que você não conhece. Durante essa crise sanitária, muitas pessoas nem tentam enxergar o porquê do alarde com a situação, ao invés disso dizem que é exagero ou que é tudo uma mentira.

“Ter empatia é enxergar o mundo com olhos que veem uma realidade que você não conhece.”

As incertezas sobre o futuro e a solidão somada às inúmeras cobranças na situação de calamidade continuam agravando os transtornos psicológicos, assim a nossa saúde mental piora a cada dia. Ver o lado do outro não é questão de “mimimi”, é ter compaixão e não é preciso esperar o Setembro Amarelo para fazer isso. Ao invés de limitar a preocupação à “likes”, as pessoas deveriam trazê-la para a realidade. A empatia é fundamental para lidar com os abalos da pandemia, ao ter apoio emocional as situações de sofrimento são aliviadas e lidamos melhor com elas.



As intelectuais

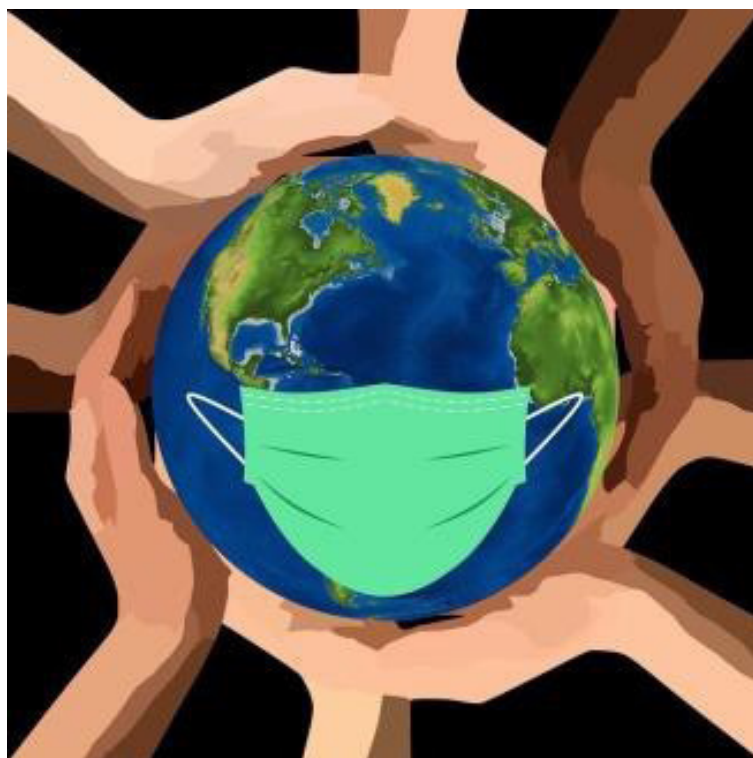
EEMTI Padre José Alves de Macedo (Icó/CE)

Orientação: Benedito Tavares

Eduarda L. Bezerra

Maria Alice A. dos Santos

Anna Karulina V. De Oliveira



Fonte: Google. Disponível: <https://pixabay.com/pt/illustrations/corona-m%C3%A1scara-mundo-juntos-v%C3%ADrus-4983357/>

Por aqui, o país celebrava a maior festa popular do mundo, o carnaval e nada parecia ser mais importante do que a diversão que tomava conta dos foliões. Enquanto isso, o vírus se espalhava pelo mundo cada vez mais rápido e mortal. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia e parece que agora as pessoas começavam realmente a levar a sério o grave problema que já atingia quase todo mundo.

O primeiro caso brasileiro foi de um paciente que estava na Itália a passeio, no dia 26 de fevereiro, ele ganhou o título de “paciente zero”.

A doença chegou assim no Brasil, mas ainda não causava medo, pois era apenas um caso.

À medida que foram sendo identificados outros, no

Sudeste, depois no Nordeste, no Norte de forma arrasadora, parecia realmente grave, mas ainda assim era encarado como uma doença que afetava apenas idosos e pessoas com comorbidades.

Até que, ainda em março, escolas, comércios e praças receberam notificações para fechar por 15 dias, dando entrada na quarentena. Foi decretado o isolamento social, pois era necessário para evitar o contágio, que já se dava de forma rápida. O uso da máscara também passou a ser obrigatório, assim como as medidas de higiene.

“Este vírus é o inimigo público número um de todo o mundo” (João Tordo, escritor)

O impacto desse isolamento social na economia foi devastador, empresas fecharam, funcionários foram demitidos e os números mostravam um país à beira do colapso econômico. Houve protesto pela reabertura, mas o vírus ainda era muito perigoso.

O sistema de saúde também temia o colapso do SUS e isso seria bem pior do que a queda da economia. Os números eram alarmantes e ainda são, mais de 170 mil mortos.

Em paralelo a tudo isso a Ciência nunca foi tão necessária, o mundo aguardava ansioso por uma vacina. Medicamentos foram testados, experimentados, em vão. Nada parecia eficaz como forma de combate a Covid – 19. Com as escolas fechadas, o mundo acadêmico precisou se reinventar, a tecnologia passou a ser a principal ferramenta, enquanto não chega a uma solução definitiva.

Devido ao risco de quebra da economia e consequente crescimento da desigualdade social e pobreza, foi necessária a flexibilização, mas não podemos dizer que já respiramos aliviados. A esperança ainda está nas mãos dos cientistas e na sabedoria com que os gestores conduzem todo o processo.



As lagartixas do sertão

Farias Brito (Fortaleza/CE)

Orientação: Isaac Santos

Julyana Rifane

Caroline Silva

Larissa Alencar

O mundo parou de repente. O culpado: o tão, agora, famoso vírus Covid-19. O que achei que duraria pouco tempo, torna-se uma linha do tempo infinita, pois não mais me lembro de quando começou e nem tenho conhecimento sobre o seu fim. Karl Marx dizia que o ser humano é, antes de tudo, um ser social, necessitando viver em sociedade, porém esse contexto sofreu alterações com a pandemia, pois nós tivemos que viver intensamente com nossas saúdes mentais se esgotando, com o sentimento de abandono e de solidão e com o constante medo, mostrando que o vírus escancara toda a fragilidade, instabilidade e o egoísmo humano.



Figura 1 . A charge de Jean Galvão ilustra a situação dos direitos básicos das pessoas no cenário atual, em que meio à pandemia do covid-19, as desigualdades sociais e econômicas ficaram ainda mais escancaradas. Fonte: <http://umbrasil.com/wp-content/uploads/2020/08/1307.jpg>

Se já não bastasse o pandemônio inserido no Brasil, a imprudência e a falta de empatia humana tornam-se mais agentes para agravar a pandemia, pois as festas,

praias e os shoppings, numerosos no Ceará, foram locais, excessivamente, frequentados sem mínima proteção, como se o vírus já tivesse sido eliminado do país, demonstrando que, como disse Francis Bacon, as condutas, assim como as doenças, são contagiosas, visto que a irresponsabilidade dos indivíduos dá a liberdade para que outros façam igual. Assim, pessoas se divertem alastrando a doença, enquanto aumenta-se o número de indivíduos nos hospitais, implorando por ar para seus pulmões e de vidas ceifadas, consideradas apenas como números em estatísticas por conta da “gripezinha”.

“Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro.”
(Milton Santos)

Com o Coronavírus no estado do Ceará e no restante do Brasil, veio algo que não poderia mais ser ocultado: a desigualdade em nossa “gloriosa” pátria. Pois, uma doença dada como de ricos afetou, sobretudo, os pobres, mostrando que mesmo quando há as maiores necessidades, a miséria ainda acompanha os indivíduos, esses que não possuem sabão para lavar as mãos, locais para se isolar, internet para estudar e sem meios capazes de dar esperanças para aqueles que passaram a se contentar com a morte eminente em hospitais públicos superlotados e escassos de infraestrutura. Assim, a pandemia não somente expôs, mas também reforçou a grande carência da maior parte da população brasileira, fazendo com que ela, assim como mostrado na família

de Chico Bento, em *O Quinze* de Raquel de Queiroz, encontre-se em situações perigosas que põem em risco sua saúde e sua vida para buscar renda suficiente para sustentar suas famílias.

Com isso, como uma forma de tentarem sair dessas amarras da pobreza, as pessoas vão fazendo parte cada vez mais dos números de trabalhadores informais, dependendo somente de si mesmos por não possuírem direitos essenciais à sua vida. Além disso, passam a sofrer um dilema complexo que atinge a todos nós e que mostra a barbaridade de priorizar o dinheiro em vez de nossas vidas na sociedade capitalista: ir trabalhar cercado pelo inimigo invisível e possivelmente contrair o vírus ou ficar em casa e esperar por uma ajuda estatal que, provavelmente, não virá? Dessa forma, o trabalho informal, como aponta Leslie Denise Beloque, expõe a profunda desigualdade que caracteriza o país.

O mundo parou de repente. O culpado: não é mais somente a pandemia, são as pessoas, são os governos incapacitados, sem alteridade e incompetentes. Os tempos em que vivemos findam no caos, nas contradições, pois, apesar das boas ações e atitudes terem ocorrido, nada reparará as vidas perdidas e seus sorrisos irrecuperáveis, suas personalidades únicas e suas histórias que deveriam ter sido concluídas.



As Marias Bonitas

EEEP Maria Giselda Coelho Teixeira (Palmácia/CE)

Orientação: José Vanucci Evaristo Vieira

Ana Yasmin Araújo Teles

Livia Maria Carneiro de Melo

Antônia Vitória da Silva Ferreira

No início do século XX, a gripe espanhola se espalhou por todo mundo. Foi um período marcado por grandes aflições e mortes, o que causou um grande colapso social. Mais de um século depois, o mesmo sentimento que inundou o mundo com a gripe espanhola parece se espalhar também por toda a sociedade.

De fato, o isolamento imposto com a disseminação da doença de uma forma tão repentina modificou muito nossas vidas no que diz respeito a criar hábitos e a nos adaptar a uma nova rotina e, claro, isso nos deixou aflitas. A reflexão sobre a vida, sobre atitudes era algo que não tínhamos o costume de praticar e essa incerteza sobre o futuro nos causou uma ansiedade imensa.

As relações de amizades também se modificaram, a tecnologia nos ajudou a ter uma comunicação virtual com nossos amigos e, de certo modo, nos aproximou, porém o abraço e o afeto físico, tão necessários, foram excluídos.



Foto: arquivo pessoal

“A pandemia nos impediu de muito, mas também nos mostrou o quanto é importante a solidariedade, o quanto é necessário repensarmos nossas atitudes com o próximo. Agora, sabemos que ser solidário e empático pode vir em atitudes simples, como, por

exemplo, o uso da máscara.”

Por mais que esse ano tenha sido difícil em diversas perspectivas, ele nos ajudou a despertar algo que por vezes era considerado trivial: o sentir. Sentimos saudades, sentimos medo, mas também sentimos nossa força e esperança, e é com esta última que devemos nos apegar daqui em diante, afinal é com ela que começamos a nos cuidar e a curar a sociedade.



As meninas de Aracatiaçu

EEMTI Israel Leocádio de Vasconcelos (Sobral/CE)

Orientação: Jatanne Melo Loiola

Shavila Rocha Pereira

Alana Layla de Sousa Moreira

Ana Flávia Souza de Albuquerque

Como todo começo de ano letivo, estávamos ansiosos para o ano de 2020, vários planos e desejos estavam traçados, principalmente o de estudar ao máximo para o ENEM e outros vestibulares. No entanto, em uma segunda-feira do mês de março fomos pegos de surpresa, recebendo a notícia que não poderíamos ir para a escola por conta dos primeiros casos do novo coronavírus no território cearense, um vírus que estava tão longe, mas rapidamente havia chegado ao Brasil. A notícia foi um choque, o decreto inicial divulgado pelo Estado do Ceará era de dois meses de isolamento social e logo foi se prolongando até os dias de hoje.

Figura 01 – A nova realidade das escolas



Fonte: Imagem de Fábio Campos. Disponível em: <https://epoca.globo.com/como-estudar-em-tempos-de-pandemia-24318249>. Acessado em 12 de dezembro, 2020.

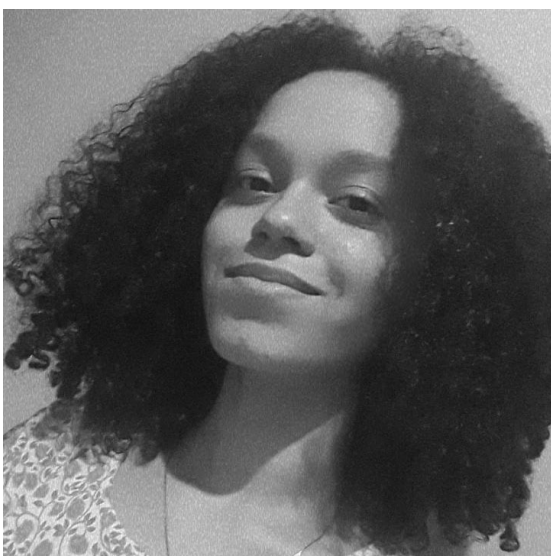
O estudo remoto foi um grande desafio que tivemos que enfrentar, sendo algo inédito em nossa vida estudantil. A necessidade de nos reinventarmos foi enorme e assim fizemos, apesar de todas as dificuldades que nos cercavam.

“Acreditamos que dias melhores virão e com a certeza de que esse vírus evidenciou o real sentido de um abraço”

Tivemos que reorganizar os horários, a forma de estudar para os vestibulares, mesmo tendo que lidar com algumas perdas de entes queridos, e com a ansiedade desenvolvida pelo tempo excessivo em casa. Apesar de tudo, continuamos estudando bastante através de plataformas virtuais, com aulas no YouTube feitas por nossos professores, atividades em PDF, Google formulários, em que tudo é enviado através do aplicativo WhatsApp.

Além de ter que encarar os novos meios de estudo, tentamos conciliá-los com os deveres do lar, buscando auxiliar nossos pais, porque assim como nós, eles também estão sofrendo com os impactos da pandemia. Depois de meses nessa rotina, tudo está fluindo muito bem e continuamos adquirindo conhecimento. Isso nos mostra como algo microscópico teve o poder de assolar todos nós, de mudar a nossa rotina e convívio, o ano não saiu conforme queríamos. Acreditamos que dias melhores virão e com a certeza de que esse vírus evidenciou o real sentido de um abraço, que se faz tão necessário para a saúde mental de todos, alertando de forma positiva para melhorarmos enquanto seres humanos.

Por enquanto, seguiremos mantendo esse laço virtual, pela tela de um celular, computador ou tablete, com os olhares de esperança focados para um novo ano que se aproxima, porém levando conosco as experiências do passado e, principalmente, a persistência, sem perder o lado sonhador, e o mais importante, com a coragem de enfrentar o novo.



As relíquias da rapadura

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Gagarin S. Lima

Raquel dos Santos Oliveira

Bruno Mateus Sampaio Cruz

Lucíola Emilly Gomes

Escolas fechadas, hospitais lotados, ruas desertas... filme de ficção científica? Muito pelo contrário, esta foi a realidade que se instaurou no Brasil quando os casos da Covid-19 aumentaram progressivamente.

No dia 16 de março de 2020, no estado do Ceará, sentimos o primeiro impacto desta doença que, até o momento, carrega o título de pandemia mais marcante do século XXI. Felizes porque não precisaríamos fazer uma prova marcada para o dia seguinte, saímos da escola acreditando que seriam poucos dias de recesso, atualmente, vivemos os “quinze dias” mais longos das nossas vidas. Infelizmente, “alegria de estudante” dura pouco, pois além dessa prova, tivemos que fazer muitas outras, em virtude do decreto emitido pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), datado de 22 de julho de 2020, que autorizou o Ensino Remoto até dezembro.

Tal situação se agravou ainda mais devido à falta de recursos tecnológicos e pedagógicos para alunos e professores da rede pública de ensino, como tablets, chips com internet e cursos preparatórios para o uso do ambiente virtual.

***“Eu tinha que assistir às aulas
ao som de Barões da Pisadinha.”
– Raquel dos Santos Oliveira***

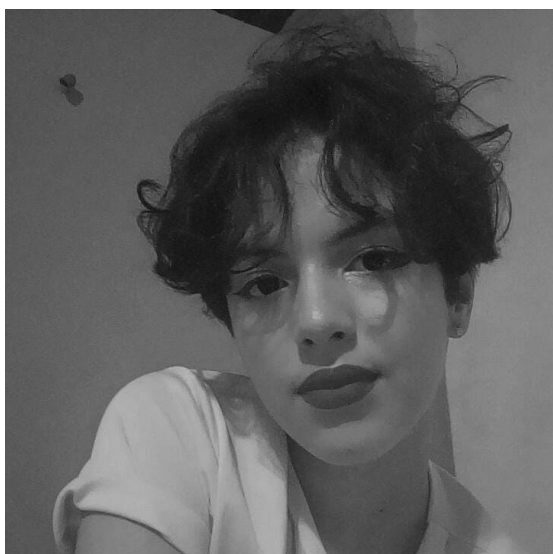
Esse foi o caso de uma colega da nossa equipe, Raquel Oliveira, que reside na zona rural de Caririáçu (CE). Ela se deslocava diariamente para o bar próximo à sua casa (calma, ela não ia beber!) para acompanhar as aulas online, pois, em sua residência, o sinal de internet é praticamente inexistente. Com o passar dos meses, a situação piorou, não sabíamos se estávamos entregando

atividades ou jogando “Uno”, pois à medida que terminávamos uma, os professores mandavam mais quatro, e aos poucos víamos nossa motivação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e saúde mental indo embora.



Raquel, membro da equipe, desesperada por causa das inúmeras atividades do Ensino Remoto.
Fonte: Arquivo pessoal

Segundo o Datafolha, em agosto de 2020, cerca de 74% dos estudantes sentiram-se mais ansiosos, tristes ou irritados durante o confinamento, mesmo assim o Ministério da Educação (MEC) prosseguiu com as medidas tomadas antes da pandemia, sem amenizar os nossos problemas, deixando-nos ainda mais aflitos diante de um futuro tão incerto e sem perspectiva de melhora. Então nos perguntamos: o que nos aguardará amanhã?



As três cangaceiras de Marx

EEEP Francisca Rocha Silva (Jaguaruana/CE)

Orientação: Francisco Marciano da Silva

Tássia Jamilly da Silva Cabral

Kátia Laís Silva Barreto

Barbara Coelho Matias

Inquietação, irritabilidade, falta de concentração e de ar, pensamentos negativos, insônia, estes e outros diversos sintomas são causados pela ansiedade. Mas o que acontece quando somos condicionados ao chamado mal do século e a um isolamento social acarretado por uma pandemia?

Figura 01 - Pandemia e Ansiedade



Fonte: fatoamazonico (2020)

Em março de 2020, foi decretada situação de emergência em saúde pública no Estado do Ceará, tornando a chamada quarentena, como meio de enfrentamento a SARS-Covid 19.

A rotina de todos foi alterada com a chegada do decreto. Parar de ver os amigos, não ter mais o contato físico, sair de casa apenas em caso de necessidade, estocar alimento, conviver 24 horas com familiares.

Quando somos expostos a uma nova e difícil situação, é natural que possamos sentir medo ou nervosismos

(como quando o professor avisa que o trabalho da semana passada valia nota). O isolamento pode retardar a disseminação do vírus, mas pode ser um gatilho para a ansiedade. Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de maio a julho desse ano, revelou que cerca de 80% da população do país desenvolveu ou aumentou a ansiedade no decorrer dos meses de isolamento (UFRGS, 2020).

Pensar demais no futuro nem sempre é saudável, se preocupar demais com uma prova e se afogar nos estudos é um exemplo claro de ansiedade e eu aposto que você já enfrentou isso. Estamos sempre tão preocupados com o futuro, vivendo tão rápido, querendo controlar tudo, que quando somos expostos a uma situação como essa, nos vemos sem saída, ansiosos e com um grande sentimento de impotência.

“Todo mundo tem medo e ansiedade, não importando a idade que se tenha. Medo e ansiedade são “primos-irmãos” e sempre estarão juntos” (SILVA, 2011).

Então, pare! Respire, sente e converse com a família, escute sua música preferida, assista a um bom filme, leia aquele livro que está na estante há séculos, mande mensagens para seus amigos, conexões interpessoais também são criadas a distância. A vida não tem que ser pesada assim, cuide do corpo e da mente, a pandemia pode ser assustadora, mas quando temos a nós mesmo e reconhecemos as pessoas ao nosso redor, tudo fica mais leve.

Referências

FATOAMAZONICO. *Navegando na Psicologia: Pandemia e Ansiedade*. Disponível em: <https://www.fatoamazonico.com.br/navegando-na-psicologia-pandemia-e-ansiedade/>. Acesso em 12/12/2020.

SILVA, Ana. *Mentes Ansiosas: Medo e Ansiedade além dos limites*. Rio de Janeiro, Objetiva Ltda, 2011.

UFRGS. *As sequelas emocionais da pandemia*. Disponível em: ufrgs.br/coronavirus/base/as-sequelas-emocionais-da-pandemia/. Acesso em 12/12/2020.



Asas de Iracema

Darwin Colégio (Fortaleza/CE)

Orientação: Ricardo Wagner Muniz Lima

Victória Eloise Correia Studart Gurgel

Maria Eduarda de Azevedo Ricoy

Carolina Brasileiro Dantas Vasconcelos

Provas 100% online e pesquisadas, reuniões de trabalho e aulas de Matemática dividindo o mesmo ambiente; compras de supermercado chegando por drone; robôs atendendo o seu pedido delivery; médicos consultando à distância; e poluição do ar diminuindo nas grandes metrópoles. Senhoras e senhores, o futuro chegou. Bem-vindos ao novo normal. Por certo, a pandemia da SARS-Covid 19 fez o mundo parar e se reinventar para não sucumbir. Com a educação, não foi diferente. Sem dúvida, a paralisação das aulas presenciais nos obrigou a buscar novos caminhos, tecnologias e metodologias. Dessa forma, para alunos, educadores e família ressignificar a educação foi inevitável.



Pais em home office e filhos em aula remota dividindo o mesmo espaço.

Fonte: <http://site.serjusz.org.br/noticia/6261/apos-meses-de-home-office-e-filhos-em-casa-maes-estao-a-beira-do-colapso>

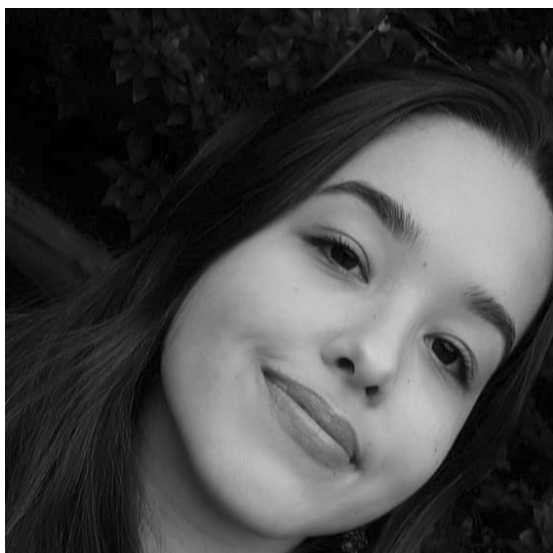
Segundo o físico Albert Einstein, entre as dificuldades se esconde a oportunidade. De maneira similar, foi o que aconteceu com a educação. A SARS-Covid 19 nos ofereceu a deixa perfeita de que precisávamos para migrar do modelo tradicional para o ensino focado no desenvolvimento de novas competências e habilidades, cada vez mais exigidas em um mundo globalizado e

interconectado, como aponta o estudo *Projetando 2030: uma visão dividida do futuro*, realizado pela Dell Technologies para o IFTF (Institute For The Future) em 17 países, entre eles o Brasil, aproximadamente, 85% das profissões em 2030, aquelas que serão ocupadas pelas gerações Z e Alpha, sequer existem hoje em dia.

“...a escola precisa ensinar o aluno como aprender e não apenas o que aprender”.

Inquestionavelmente, os desafios impostos pela pandemia nos fizeram perceber que precisamos ensinar nossas crianças e jovens a pensarem criticamente, a conviverem com situações complexas como a da SARS-Covid 19, a trabalharem em equipe, e a serem mais criativos e verdadeiros solucionadores de problemas. Mas, afinal de contas, por que decoramos conteúdo a vida inteira? Para o educador e filósofo Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Por certo, nesse processo de evolução, o uso da tecnologia é indispensável e irreversível. Ademais, o ressignificar a educação é inevitável. Diante disso, famílias passaram a valorizar mais professores e escolas, ao terem que acompanhar de perto a vida escolar de seus filhos. Da mesma forma, alunos tiveram que assumir o papel de protagonistas no processo de aprendizagem, gerenciando o tempo, aperfeiçoando aptidões e vencendo dificuldades. Similarmente, educadores compreenderam que o mais importante, no contexto atual, era atuar como facilitadores e tutores, apoiados nas infinitas soluções tecnológicas disponíveis.

Por outro lado, ressignificar a educação também revela o grande desafio de democratizar o acesso ao ensino remoto. Por vezes, o Ceará, mesmo tendo indicadores educacionais de referência, é um dos mais afetados pela pandemia, de acordo com dados do Todos Pela Educação, organização da sociedade civil que monitora as políticas públicas de educação no país. Portanto, serão necessárias, no Brasil, ações de infraestrutura e políticas públicas que permitam de fato essa inclusão digital. Em suma, mesmo com muitos desafios a vencer, a quarentena já nos fez perceber que a escola precisa ensinar o aluno como aprender e não apenas o que aprender. Assim sendo, testar novos recursos e estratégias educacionais é necessário e urgente para convertermos a chance real de transformar a educação do século XXI em realidade. O futuro é agora.



Atenas do Nordeste

Colégio Módulo Educacional Objetivo (Juazeiro do Norte/CE)

Orientação: Débora Esmeraldo de Moraes

Ana Violeta Suassuna Guedes

Clara Nathércia Soares Ribeiro

Sthéfany Figueiredo Silva Tavares

O século XXI se tornou o palco de debates sobre males por muito tempo ignorados: depressão e ansiedade. Não somente pelo crescimento de tais problemáticas, mas também pela maior facilidade de diálogo a respeito de tais assuntos.



Abuso de medicamentos por estudantes para manter a concentração, afetando sua saúde mental. Fonte: <https://outraspalavras.net/outras-midias/deficit-deatencao-por-que-deixei-a-ritalina/>

A chegada repentina do Coronavírus, trazendo consigo a necessidade de isolar e separar os indivíduos, afetou, sobremaneira, as relações sociais, causando um crescimento acentuado das doenças psicológicas.

Para a maioria das pessoas, o convívio com família, amigos, colegas de sala ou professores tornava os problemas menos difíceis de lidar, auxiliando na manutenção da saúde mental. Todavia, o distanciamento das pessoas que amamos e a tentativa de adaptação ao “novo normal” exigiram mais esforços e dedicação por parte dos estudantes, ocorrendo, então, a intensificação da ansiedade nos jovens. Para alguns, o silêncio tornou-se escasso: brigas com familiares e falta de privacidade no próprio quarto são apenas parte dos problemas que comprometem a concentração nos estudos. A falta das “conversas paralelas” com os amigos, a interação com os professores e as pequenas

pausas entre as aulas eram cruciais para tornar o aprendizado algo descontraído e fácil. Contudo, todas essas pequenas alegrias diárias acabaram. Depois de tantos meses de isolamento, os livros e as aulas tornaram-se motivo de estresse. Pensar no vestibular tornou-se motivo de crises de pânico. Aprender tornou-se difícil e cansativo. A introdução do ensino remoto afetou o aprendizado da grande maioria dos estudantes e trouxe consigo um aumento exacerbado da pressão sobre estes.

Pressão por parte da escola para que eles se adaptassem. Pressão por parte dos pais para que eles estudassem mais. Pressão dos próprios alunos sobre si mesmos para aprender. As expectativas depositadas em jovens que estão apenas iniciando suas vidas são as maiores responsáveis pelos ataques de pânico e crises de ansiedade cada vez mais constantes. A importância dos estudos e do cuidado com o psicológico dos estudantes cresceu significativamente desde a pandemia da Gripe Espanhola em 1918. A implantação de aulas ao ar livre - como ocorreu na Holanda em 1957, durante um surto de tuberculose - é quase impossível em um país de predominância do clima tropical, tal qual é o Brasil. A possibilidade de voltar às salas de aula é escassa, tornando o período de isolamento ainda mais difícil para os estudantes. Portanto, cabe à sociedade auxiliar crianças e adolescentes durante período tão difícil, sempre mantendo a preocupação com a saúde mental dos nossos jovens. Ainda há esperança de que a negligência perante doenças tão graves quanto a depressão não seja o legado que nos acompanhará ao fim da pandemia.



Aurora do destino

Colégio Santa Teresa de Jesus (Crato/CE)

Orientação: Gilson José

Isabelle Luna

Emanuela Gonçalves

Cecília de Alcântara

O ano de 2020 sem sombra de dúvidas ficará marcado eternamente no coração de toda uma geração, visto que ninguém permaneceu o mesmo depois de tanta atipicidade. Somos todos sobreviventes e estamos fazendo história nesse exato momento, o que nos infere a responsabilidade de deixar registros para as futuras gerações. Vivenciar uma pandemia sempre pareceu coisa de filme, uma situação irreal e que, no mínimo, era inviável, mas tais convicções foram rompidas com a chegada do novo ano, que trouxe consigo um inimigo invisível: o SARS-Covid-19. O isolamento começou com o ingênuo pensamento de que duraria apenas algumas semanas, contudo, o tempo foi passando, enquanto os jornais informavam números de óbitos, de infectados e de desempregados. Todas as esferas tiveram que se adaptar, ao passo em que se assistia, um ser microscópico se tornar maior que todos nós. Os estudantes tiveram que se distanciar dos amigos e professores, passar o dia em frente a tela de um aparelho eletrônico e entender que daqui em diante seria cada um por si.

A princípio os jovens sentiam como se tivessem tomado um ano de suas vidas, forçados a ficar em casa, ou privados de viver experiências e produzir memórias, o que acarretou no desenvolvimento de vários distúrbios psicológicos. Ao final do ano, porém, a perspectiva é um pouco diferente, pois aquilo que parecia castigo, tornou-se oportunidade de estar com a família, de valorizar os abraços que antes eram rotineiros e de perceber que viver exige adaptação. Amar passou a ser sinônimo de ficar distante, pois proteger o outro implicava em não sair de casa, logo, o individualismo humano também foi testado. A internet se solidificou como elemento primordial na divulgação de informações, revelando uma globalização clara e real, nunca vista antes, assim como seus efeitos

nada democráticos, dentre os quais merecem destaque a desigualdade financeira e tecnológica. No entanto, mesmo em tempos conturbados, é inegável que toda esta experiência promoveu uma evolução e maturação pessoal, onde o senso de coletividade tomou forma, em detrimento do egocentrismo notado no período pré-pandemia.

“Um ser microscópico se tornar maior que todos nós.”



Sabe-se que todos enfrentamos adversidades, logo, virtudes como paciência, persistência e resiliência foram constantemente postas à prova no longo período de quarentena, porém o aprendizado e fortalecimento como um todo é indubitável. Assim, a saída deste marco histórico será evidenciada por novas pessoas, com novos pensamentos, desejos, metas e, quem sabe, um pouco mais de gratidão e empatia, tão escassas e ausentes hodiernamente.



Avôhai

EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu/CE)

Orientação: Jorge Luiz Ferreira Lima

João Devid Moraes Rodrigues

Maria Eduarda Rodrigues Moreno

Ana Letícia Lima Pinto

Os primeiros casos de covid-19 surgiram na China em dezembro de 2019. Desta forma, com o passar do tempo, os casos foram aumentando e a doença, até então tratada apenas como epidemia, passa a se espalhar mais ainda de maneira silenciosa, por ter sua forma de disseminação desconhecida.



O inimigo invisível. Fonte: <http://odontologos.com.co/>

Com seu alto poder de contágio, o coronavírus é declarado como uma pandemia no dia 11 de Março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Alguns dias antes, o Brasil confirmava seu terceiro caso, um homem que estava na Itália (onde os casos estavam aumentando e a situação estava preocupante).

No dia 5 de março, os casos subiram para 8, no dia 6 para 13 e no dia 31 de março o número de casos no Brasil era de 4.683 e o país contabilizava 167 óbitos. Por conta disso, o Brasil parou. Logo todos estavam em quarentena e já se sabia que a melhor forma de evitar o contágio era o distanciamento social, forçando, assim, uma mudança na vida das pessoas, pois todos tinham que ficar em casa e deixar seus trabalhos, sua escola, sua universidade e a interação social com seus amigos.

Devido a essa necessidade, problemas já existentes na sociedade se agravaram: impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos, provocando um aumento no índice de pessoas ansiosas e deprimidas. A incerteza em relação ao futuro, desemprego, o vírus e o próprio isolamento nos levam ao estresse.

“Logo, a pandemia nos encurrala e nos força a sermos resilientes. Alguns conseguem, outros não. Isso é normal, pois cada um tem seu tempo e forma de agir”

O medo toma conta das pessoas rapidamente e os casos continuam aumentando e toda essa angústia acumulada gera problemas psicológicos e, com isso, a pandemia passa a ter o poder de afetar não só nossa saúde física, mas também nossa saúde mental. A situação se agrava bastante devido às notícias falsas e as consequências da falta de informação se tornam bem evidentes.

A vida mudou muito com a chegada da pandemia e a rotina agora inclui novos cuidados que alguns tomam e outros não. O medo toma conta das pessoas, a angústia se torna pior a cada dia, a pandemia afeta nosso psicológico e agrava alguns problemas bem recorrentes como, por exemplo, o feminicídio que, com a chegada da pandemia, teve um aumento.

A vida mudou drasticamente de uma hora para outra. As escolas adotaram o ensino à distância (EAD) e os estudantes e professores tiveram de se adaptar a essa nova realidade. A desmotivação toma conta dos alunos e o EAD não se mostra muito efetivo por conta de alguns problemas como o acesso à internet que, para

muitos, é precário, e o fato de algumas pessoas não terem celular ou mesmo acesso à internet.

Logo, a pandemia nos encurrala e nos força a sermos resilientes. Alguns conseguem, outros não. Isso é normal, pois cada um tem seu tempo e forma de agir e o que se deve fazer em meio a esse momento cheio de adversidades é tentar acima de tudo cuidar de si e das pessoas que nos rodeiam, pois todo cuidado é necessário devido ao alto poder de contágio dessa doença, e cuidar da sua própria saúde mental, pois, devido às perdas e também por conta de todo esse momento caótico em que vivemos, a nossa cabeça tende a pensar apenas em coisas negativas, mas isso é apenas um momento adverso e há de passar.



Bacurau

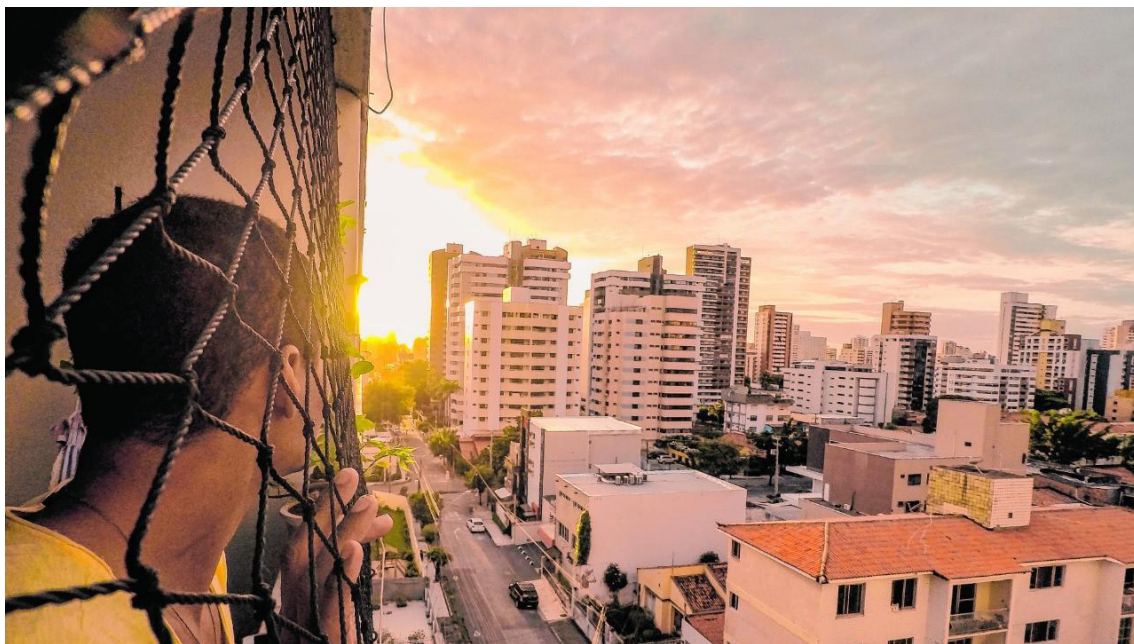
IFCE (Fortaleza/CE)

Orientação: Odilon Monteiro da Silva Neto

Matheus Albuquerque Sousa

Julianny Lima de Quadros

José Italo Uchoa Gomes



Fortaleza da Janela. Fonte: Márcio Dornelles, 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/fortaleza-da-janela-1.2243893>

Ao longo da história, a humanidade enfrentou várias pandemias e epidemias. A Gripe Espanhola, por exemplo, pandemia vasta e mortal do vírus influenza no século XX, parecia algo bem distante da nossa realidade. No entanto, em dezembro de 2019, em Wuhan, capital da província de Hubei na China, surgiram os primeiros casos de Covid-19, doença sobre a qual não tínhamos informação e muito menos uma cura, se espalhando para vários países, como França e Brasil, e declarada pandemia em 11 de março de 2020. Diversos países tiveram que se adaptar ao distanciamento social, na tentativa de reduzir os índices de contágio da doença, ocorrendo, então, uma grande mudança no nosso cotidiano, fazendo com que o ambiente virtual se tornasse um meio viável para a adaptação da nossa nova realidade.

Durante o período de distanciamento social, nos sentimos mal por não estarmos conseguindo ser tão produtivos, mas, afinal, será mesmo que não podemos ao menos uma vez sermos improdutivos e realmente

nos preocuparmos com o que sentimos?

A verdade é que sentimentos de frustração e insegurança sobre o que poderia acontecer tomaram conta dos nossos pensamentos, fazendo com que nossos dias ficassem mais cansativos.

“Se tudo lá fora parecia que parou, aqui dentro tudo ainda estava se movimentando.”

A solidão e o isolamento fizeram com que os dias de quarentena fossem bem mais difíceis, e à medida que o tempo passava, vários passatempos tentavam preencher todas aquelas horas livres. Ler, ouvir música, assistir filmes e séries, ter longas conversas virtuais com os amigos. Tudo isso nos ajudou a fazer com que os dias se tornassem mais suportáveis e demonstrou a importância da arte em momentos de crise.

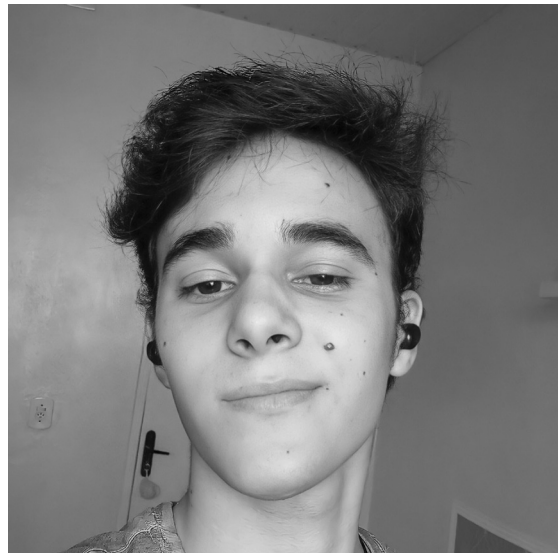
Segundo uma pesquisa realizada pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 80% dos brasileiros tornaram-se mais ansiosos durante a pandemia da Covid-19. Num país que é campeão em casos de ansiedade e o 5º em depressão, esses dados mostraram como a falta do contato humano afeta nossa saúde mental.

Escolas e instituições de ensino tiveram que suspender suas atividades pela falta de estrutura por parte de servidores e alunos, sendo que algumas adotaram métodos virtuais de ministrarem aulas, buscando dar continuidade ao ano letivo, porém ocasionou num processo de “robotização” de alunos e professores, que mesmo estando dentro de um ambiente virtual, pareciam ainda estarem distantes. A forma como nós estamos lidando com esse cenário atual é preocupante,

sobrecarregados devido ao ensino remoto, muitas vezes não conseguindo absorver de forma correta aquilo que nos é ensinado no ambiente acadêmico.

Em meio a tantas perdas e sofrimento, é muito importante aprendermos a viver nessa condição de solidão, pois o distanciamento é uma forma de preservarmos nossas vidas e as de quem amamos, afinal, a doença ainda está entre nós e a negligência das medidas preventivas pode causar trágicas consequências.

A pandemia calou centenas de milhares de pessoas, que não representavam somente um número de mortos, mas sim histórias que não terminaram de ser contadas e foram interrompidas. O vírus, com todas as suas faces, expôs o que há de mais frágil nos laços humanos, demonstrando o quanto precisamos nos conectar com o próximo, olho no olho, pois só isso nos faz ser quem somos: seres humanos.



Baião de três

EEEP Dep. José Walfrido Monteiro (Icó/CE)

Orientação: Francisca Claudiana do Nascimento Vieira

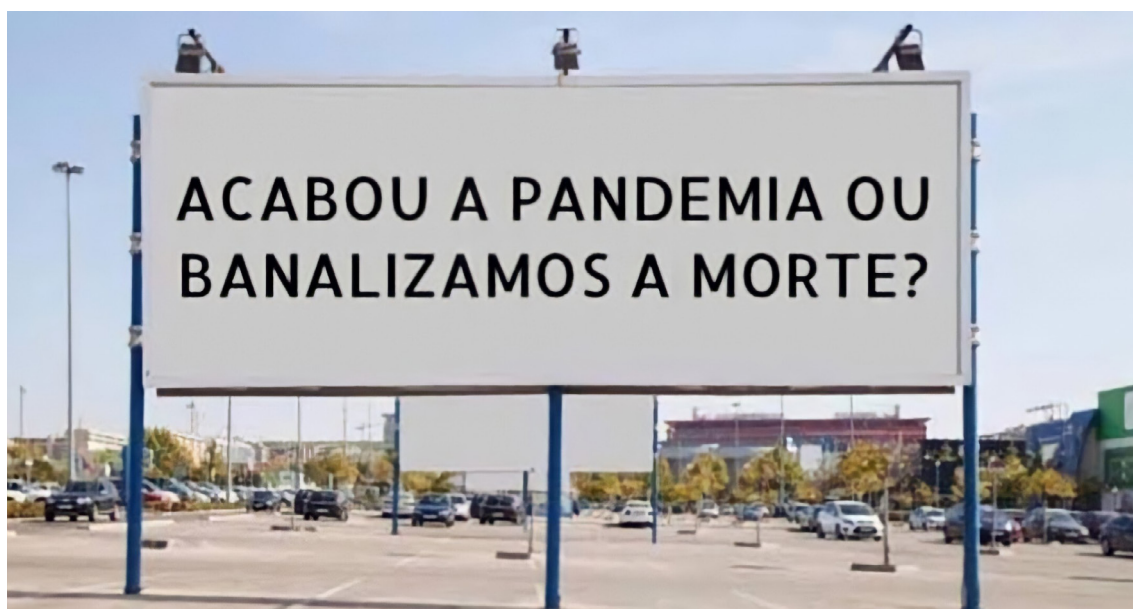
Ísis Chaves de Oliveira Moura

João Victor Aquino Dias

Pedro Vieira da Silva Filho

Apesar da dificuldade que a adaptação implica, ela é um processo intrínseco a figura do ser humano. Darwin já fala, os seres mais adaptáveis têm mais chance de sobrevivência, diferente dos menos capazes disso, mas atualmente essa questão não se aplica somente biologicamente, mas também socialmente, construindo uma teia de presas e caçadores dentro da sociedade, fazendo com que tenhamos que correr o dobro para nos mantermos no mesmo lugar. O novo sempre assusta e exige uma adaptação, com a pandemia de Covid-19 não foi diferente. Através dos cuidados que devemos tomar, hábitos são incorporados e ela transforma nosso cotidiano, colaborando para criar uma realidade atípica. O medo era e é constante, porém medidas são necessárias.

Figura 1: Outdoor com reflexão acerca da pandemia e as perdas sofridas nela



Disponível em: https://www.instagram.com/p/CCHriy_AhX7/?igshid=1js2uho20zee9. Acesso em: 11/12/2020

Em escala muito menor, a adaptação individual que ocorre atualmente se assemelha ao processo enfrentado pela espécie humana em sua busca inconsciente pela sobrevivência.

Claro que as adaptações em geral são psicológicas ou materiais, mas não escapam da premissa fundamental: sobreviver.

Mesmo em sua incrível capacidade de se adequar as situações, algumas coisas ainda escapam do controle do homem, a morte é uma delas. Ela é um fato e apesar da consciência dele, não se tornou mais fácil de encará-la. Seres humanos estão sempre em busca da felicidade, segundo a filosofia aristotélica, ela é o fim de toda ação humana. A corrida da busca pela felicidade se dá proporcionalmente pela fuga do sofrimento e a morte se distancia dos dois propósitos por impedir o curso comum da corrida, ou vida, razão pela qual é temida tão fortemente. No entanto, cada pessoa tem uma forma de enxergar e lidar com a morte, assim como as diferentes culturas. Precisamente a cultura ocidental cultiva uma rejeição pela morte. Decerto que o desprezo não evita a morte em sua essência, mas afeta outros setores da vida, pois crescemos em um convívio que não suporta a ideia de se referir à morte fora da posição de vilã.

Uma das constantes da pandemia é a aterradora noção da morte iminente, principalmente por infecção do novo coronavírus, mas também por outras causas. No entanto, apesar da abominação cultural à morte, neste isolamento social, notou-se uma contrariedade: ao invés da adaptação aos cuidados houve uma conformação com a morte. Em tese, somos seres racionais, mas todas as ações têm base na razão? Nossa razão delibera e escolhe a hipocrisia e a controvérsia? Meio difícil de acreditar nisso. Então por que o desrespeito com as normas de saúde e proteção? Por que o descaso com as vidas de milhares de pessoas? Ao nos depararmos com relatos de outras pandemias na história, ficamos horrorizados com as perdas sofridas e

a falta de cuidados.

Mas qual a motivação por trás disso? Sentimos pelas pessoas ou pelo deslumbramento com o número? Quais são as justificativas para as nossas atitudes?

“No entanto, apesar da abominação cultural à morte, neste isolamento social, notou-se uma contrariedade: ao invés da adaptação aos cuidados houve uma conformação com a morte.”

A necessidade de adequação e a busca pela felicidade estão tão atreladas aos processos de sobrevivência da humanidade que essa conduta foi assimilada inconscientemente como um instinto de autopreservação. A sociedade globalizada se sustenta na aceleração, e essa velocidade muitas vezes não abre espaço para racionalizar, tampouco coisas sentimentais, o que coloca, automaticamente, nossos instintos de autopreservação em prioridade, o que resulta numa vida em piloto automático. A caverna do piloto automático é confortável e nos deixamos levar, porém, ao sair dela, encontrar a razão dói. Sem a luz da razão, tomamos, às vezes, atitudes que não correspondem aos nossos princípios e por isso parecem ilógicas. Dessa forma, sempre desejar ser feliz acaba sendo uma conduta ilusória que independe da razão, pois ela se molda de forma solitária, muitas vezes isenta de empatia e solidariedade, o que, no fundo, prejudica nossa capacidade de pensar e, por consequência, nossas atitudes perante a comunidade. Como Sócrates, no Mito da Caverna, o que devemos fazer?



Belchior tinha razão

Colégio Nossa Senhora das Graças (Fortaleza/CE)

Orientação: Cleber Uchoa Gomes

Lais Queiroz

Pedro de Souza

Rayra Ferreira

A pandemia do novo coronavírus atingiu fortemente o Brasil e, no Ceará, não foi diferente. Momentos como esse, de crises tanto sanitárias quanto sociais, expõem tudo aquilo que normalmente é mascarado pela sociedade. Ao mesmo tempo, também estamos enfrentando a pandemia da desinformação, que nos últimos anos tem sentenciado nossos pensamentos e nossas ideias ao confinamento. Sinto, cada vez mais, que somente uma coisa demonstra ser mais letal que o vírus: a ignorância, que é uma doença histórica tão potente quanto a SARS-Covid-19. As mazelas sociais são acentuadas, causando desigualdade, alienação e polarização, enquanto o colapso na saúde mundial, em vez de ser solucionado, é utilizado como uma cortina de fumaça. O mito do “novo normal” me soa estranhamente familiar, talvez por ser mais antigo do que se imagina.

A situação atual tem nos mostrado a vulnerabilidade social nas comunidades mais desfavorecidas do Brasil, as quais tentam se sustentar em condições duras, com um auxílio emergencial que demora a chegar e que nem sempre é suficiente. No Ceará, a Covid-19 deixa marcas cruéis, com, até o momento, mais de 315 mil casos notificados e 9.784 óbitos. O Jangurussu pega ônibus lotado todo santo dia, não tem água encanada nem saneamento, e a Aldeota levanta a bandeira de que a economia não pode parar? A área nobre aglomera, faz festa, “bota boneco”, enquanto a periferia para de respirar. Covas, valas comuns e mortandade. Essa realidade faz lembrar o surto de varíola, no final da década de 1870, o qual protagonizou um caos fúnebre no estado cearense e ficou conhecido como o Dia dos Mil Mortos. O isolamento social que vivemos hoje em dia já existia aqui antes da pandemia, com a segregação dos sertanejos e dos marginalizados. Realmente, a história se repete.

Mesmo assim, acredito que a personalidade do ano de 2020 foi a desinformação, capaz de impulsionar as crises, agravando o que já está no fundo do poço. A alienação se mostra muito mais contagiosa. As pessoas ouvem imbecis e ignoram especialistas. Ao pensar nessa anestesia social que torna o povo passivo à realidade, não consigo relacionar tal cenário com outro acontecimento passado senão com a Revolta da Vacina, em que a população carioca, por medo e desconhecimento, negou a vacina, de forma que o próprio Estado teve que intervir, aplicando-a à força. No presente, por outro lado, vemos uma inversão. É irônico pensar que agora muitos estejam suplicando para que a injetem logo, enquanto o governo pensa o oposto.



Funeral em tempos de pandemia no Ceará, em 2020.

Criador: JARBAS OLIVEIRA | Créditos: AFP <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2020/05/comecam-a-valer-regras-mais-rigidas-para-conter-covid-19-em-fortaleza.html>

Milhares estão perdendo os seus, parte de si e de sua história para um vírus silencioso, sem direito a velório, conforto ou despedida. Enquanto isso, políticos misturam desconhecimentos com ideologias,

ainda mais em época de eleição municipal como em 2020, negligenciando a ciência, a vacina e as vidas que foram interrompidas. Para piorar, mesmo com sistemas de saúde esgotados, com famílias sofrendo perdas irre recuperáveis, com corpos carregados em sacos plásticos como objetos descartáveis e com cemitérios lotados, legitimam o mito do contágio democrático, afirmando que ricos e pobres correm o mesmo risco. É justamente a partir dessas deturpações que a Covid-19, nas alienadas mentes, vira a “doença chinesa”, assim como, em um passado não tão distante, a Influenza virou “gripe espanhola”. Essa demonização de certos países é mais uma prova dos vestígios históricos que, infelizmente, a humanidade não superou e, portanto, reproduziu.

Diante de todo esse cenário caótico, do crescente índice de desemprego e da inflação aos pulos, continuamos tentando sobreviver física e emocionalmente. Nossa alucinação tem sido, como bem cantava Belchior, suportar o dia a dia. Lugares inusitados, como o Estádio Presidente Vargas, viraram hospitais de campanha. Vidas viraram estatísticas para pesquisadores, manchetes para jornalistas, casos para médicos, fontes para historiadores, problemas para economistas. Por incrível que pareça, até mesmo os tatus foram alvos da loucura política das eleições municipais cearenses nos tempos de pandemia. Muitas coisas mudaram por causa de um inimigo microscópico, que não respeita fronteiras, credos ou classes. Apesar de a Terra da Luz ainda viver na Idade das Trevas, tenho esperanças de que novos Conjuntos Palmeiras, com toda a sua união, possam superar esse período.

“Sinto, cada vez mais, que somente uma coisa tem demonstrado ser mais letal que o vírus: a ignorância, que é uma doença histórica, tão potente quanto a Covid-19.”

O encontro com a morte é mais que uma certeza tanto para mim quanto para você, mas dessa vez foi para vários brasileiros de um modo sufocante, impiedoso. Mais do que isso, ele é algo marcante na história do Ceará, como com os diversos retirantes sertanejos do início do século XX, que fugiam da Grande Seca e acabavam fazendo “lockdown” em campos de concentração insalubres. Contudo, a certeza que me dói mais é a de que essa morte tem sido por arrogância e ignorância. É a certeza de que os mesmos que, no passado, apoiaram o sal de quirino na pandemia da Influenza, agora apoiam a cloroquina. Desde quando somos tão ignorantes a ponto de acreditar em álcool em gel ungido e sementes como cura para a Covid-19? Enquanto um posicionamento político e a sede pelo poder forem mais importantes que uma vida, o que é considerado por muitos como apenas uma “gripezinha” vai continuar enterrando as vidas e os sonhos de muitos lares não só cearenses como também nacionais...e até mesmo mundiais.



Belchior vive

EMTI Professor Álvaro Costa (Fortaleza/CE)

Orientação: Emanuelton Antony Noberto de Queiroz

Francisco Rikelme Moreira Silva

Ludryan Correia da Silva

Aibi Sousa Alves

Recordamos que, bem no início da pandemia, começamos a escutar que iriam fechar nossa escola durante 15 dias para tentar conter a disseminação do Coronavírus. Notamos que alguns professores estavam um pouco apreensivos, incluindo nas suas aulas orientações sobre a forma que deveríamos nos prevenir contra esse vírus tão perigoso.



Fonte: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pais/datafolha-para-76-dos-brasileiros-escolas-deveriam-continuar-fechadas-1.2960122>

Muitos colegas ficaram preocupados com a possibilidade de a pandemia prejudicar o ano letivo, porém, rapidamente, surgiram soluções para darmos continuidade a nossa aprendizagem. Em nossa escola, foi criado um blog no qual, semanalmente, os professores postavam atividades escolares, disponibilizavam aulas on-line e videoaulas. Além disso, grupos de pais e alunos foram criados no Whatsapp para nos aproximar virtualmente de quem não poderíamos ficar perto no momento.

“Focar em coisas boas, como a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará - OCHE, trouxe a sensação de que estamos no caminho correto e que, tão logo, tudo isso vai passar.”

No começo, esse método de ensino virtual foi bem difícil; em alguns momentos, a internet não funcionava direito, havia determinadas distrações dentro de casa e o uso de redes sociais no meio da aula. Tudo isso prejudica o rendimento do aprendizado. Felizmente, ainda existem alunos que se esforçam ao máximo para aprender e que tentam ser otimistas em meio a tantas dificuldades. Focar em coisas boas, como a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará - OCHE, trouxe a sensação de que estamos no caminho correto e de que, tão logo, tudo isso vai passar.

Não sabemos quando findará a pandemia aqui no Brasil, o que sentimos é que a maioria das pessoas deseja o fim do isolamento para reencontrar familiares e amigos. Hoje, o sonho que possuímos é de que os cientistas que trabalham para desenvolver a vacina contra o Coronavírus encontrem a forma mais segura e correta de prevenção dessa doença que já prejudicou tanto o nosso cotidiano, deixando marcas naqueles que perderam seus entes queridos.



Bertha Lutz

Liceu de Baturité Domingos Sávio (Baturité/CE)

Orientação: Nádia Ruth Uchôa Gomes

Cris Loranne Souza de Aquino

Maria Fernanda Braz de Souza

Yngrid Raiane Monteiro Souza

Esse ano marcará para sempre as nossas vidas, inúmeras situações nos fizeram refletir sobre circunstâncias que situam-se desde a campo emocional ao mais concreto de nossa sociedade. Com o distanciamento social proposto pelas autoridades de saúde várias pessoas foram orientadas a permanecer em suas casas com seus familiares, essa proximidade fez com que os laços parentais fossem reestabelecidos (ou não). Para muitos, as medidas de segurança, como o distanciamento social, foram exageros do poder público, e pudemos visualizar os casos de contaminação crescendo em grandes escalas. Os noticiários traziam números de contaminados, curados e de vítimas fatais.



(Fonte: arquivo pessoal)

Os dias se tornaram meses e a pandemia chega com o seu “novo normal”: máscaras, álcool em gel, home office, aulas remotas... O contato físico se tornou “perigoso” e as relações sociais foram bastante afetadas, enquanto a internet foi uma

via de “aproximação” entre os indivíduos, fazendo surgir novas formas de interação entre os indivíduos. No campo educacional não foi diferente, o quadro, os pincéis e o olho no olho se transformaram, ganharam outra roupagem.

E nós? Estudantes, professores e demais profissionais da educação, como estamos vivenciando essa nova realidade?

Segundo o Censo Escolar de 2019, realizado pelo INEP, há aproximadamente 48 milhões de estudantes cursando o Ensino Básico no Brasil. E 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso domiciliar à internet no Estado brasileiro, de acordo com a pesquisa do Fundo das Nações Unidas para a Infância(Unicef), ainda em 2019. Tais dados evidenciam que muitos discentes não conseguem acompanhar o Ensino Remoto, modalidade que se tornou essencial no cenário pandêmico.

Além das mudanças causadas no cotidiano das escolas públicas pelas dificuldades no acesso à internet, para aqueles mais vulneráveis, outro fator que se tornou notável, foi a dificuldade dos pais em acompanhar seus filhos durante as aulas online, isto para os que têm acesso à internet.

Tal dificuldade se dá porque muitos pais que têm filhos de 4 à 8 anos precisam realizar suas atividades profissionais ou afazeres em casa, como: cuidar da limpeza diária, fazer a comida e/ou até mesmo realizar o trabalho duplo: cuidar da casa e ter que trabalhar fora, situação vivenciada por muitas mães de família brasileiras.

Tendo em vista esses dois pontos abordados acerca das dificuldades causadas pela pandemia de SARS-Covid 19 na Educação do Estado, podemos concluir que são características das desigualdades sociais econômicas. Para o sociólogo Karl Marx, este desequilíbrio é efeito do capitalismo, e que as condições sociais são influenciadas pelas condições econômicas, que é resultado da divisão de classes e é dever do Estado garantir as condições necessárias de vida para todos os cidadãos e tentar manter a igualdade social.

“[...] 4,8 milhões de crianças e adolescentes não têm acesso domiciliar à internet no estado brasileiro.”

Para minimizar esse resultado durante esta grande crise, se faz necessário a atuação vigorosa do Governo Federal, por meio de políticas públicas, para recompensar a população, já que estes têm o seus deveres cumpridos. Entre diversas outras medidas, o Estado deveria criar projetos que garanta o acesso à internet para todos os estudantes e mantenha uma ajuda financeira para com os pais destes.

Estas ideias têm como objetivo diminuir as desigualdades sociais econômicas que há atualmente no país durante a Pandemia de SARS-Covid 19. Assim, todos os alunos teriam a mesma oportunidade para concluir o ano escolar de 2020.



Bixcoitinhos

Colégio Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)

Orientação: Robson Rodrigues Lima

João Guilherme Camilo Azevedo

Fernanda Matos Falcão de Andrade

Maria Eduarda Pereira Ponte

Atualmente, encontramos-nos em meio a pandemia da Covid-19, a doença que vem assolando a humanidade há mais de um ano. Todos as nações entraram em isolamento social, e o Brasil não ficou de fora, uma vez que essa medida prevalece desde março de 2020.

Nesse viés, todos tivemos que ficar dentro de nossas casas e nos acostumar com uma rotina doméstica, longe de tudo e todos, somente com nossas famílias. Para algumas pessoas a adaptação foi pacífica, tranquila e até natural; para outras, foi extremamente complexa, cansativa e muito bagunçada. Enquanto alguns estiveram sozinhos, outros estavam acompanhados pela família e amigos. Em geral, todos tivemos que ser resilientes, afinal tínhamos que aceitar o “novo normal”.

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. “ – Paulo Freire.

Ao longo desse período, muitos sentimentos correram por nós, como sentir-se perdido em meio a uma grande bagunça. Diante de toda essa situação, nós também sofremos emocionalmente, como estresse, quando ficamos sobrecarregados, e ansiedade, na esperança de que o fim do isolamento esteja próximo. A saúde mental também foi algo bastante abalado durante este período, pois com todos os sentimentos em vista, não

foi fácil preservá-la.

Contudo, tivemos momentos e sentimentos bons. Mesmo sem ter contato com outras pessoas, tivemos a oportunidade de ficarmos com nós mesmos. Estes momentos foram essenciais para aprendizados didáticos, como aprender a tocar um novo instrumento musical ou um novo idioma, desenvolver habilidades, como desenhar, escrever e cozinhar, além de reflexão e autoconhecimento, em que pudemos aprender mais sobre nós mesmos e ponderar as visões de mundo, descobrindo mais sobre nossa própria identidade, saber do que gostamos, do que recebemos, de quem devemos estar perto, entre outros aspectos.



A imagem acima representa o autoconhecimento, disponível em: <https://pepitassecretariesclub.com/wp-content/uploads/2020/01/cropped-beneficios-do-autoconhecimento-2-1024x576-1.jpg>

Com certeza, a pandemia não foi totalmente negativa, pois, mesmo que não tenhamos percebido, pudemos aprender muito. Aprendemos que nem tudo é tão fácil, que precisamos nos esforçar para poder sobreviver em meio a tantos obstáculos, aprendemos a conviver com a família, que nos acompanhou durante os piores e os melhores momentos.

Enfim, podemos dizer que a pandemia foi e está sendo um grande desafio, todavia acreditamos que algum dia iremos superá-la.



Brains

EEEM Raimundo Nogueira (Horizonte/CE)

Orientação: Ednardo Silva Dos Santos

Gabriel Santos Lima

Pedro Henrique da Silva Freitas

Sergio Gabriel Bento de Sousa

O universo é moldado por leis importantíssimas que estão presentes na essência de quase tudo o que nos cerca, uma pequenina mudança no início de um evento qualquer, pode trazer consequências enormes e absolutamente imprevisíveis e caóticos, segundo a teoria do caos, ou pode evitar uma pandemia. Dificilmente imagináramos que o mundo passaria por uma pandemia global, ou que o fato do ser humano, através de um aspecto cultural de alimentar-se de animais selvagens, ocasionaria a propagação de um vírus tão letal para a humanidade, mas sabemos que não é o hábito alimentar em si que preocupa os cientistas, mas, principalmente, o contato durante a captura do animal. Como ficou evidente na China, principalmente na região de Guangdong.



<https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2020/04/02/coronavirus-hoje-brasil-tem-240-mortes-e-oms-diz-estar-profundamente-preocupada.ghml>

E assim, aquilo que não imaginávamos, aconteceu e a raça humana encontra-se acometida por uma pandemia. Inicialmente, o impacto desse vírus manteve consequências catastróficas, como presenciamos em países como China, EUA e Itália que tiveram terríveis

casos de milhares de infectados e mortos em pouco tempo. Enquanto isso, o restante do mundo, no início disso tudo, não sabia como proceder, as pessoas se perguntavam como isso era possível em países da Europa com suas economias de dar inveja a qualquer país de economia emergente, se o vírus seria contido, mas quem podia responder apenas falava em distanciamento social, em uso obrigatório de máscara e álcool em gel. Dias sombrios chegariam.

E chegaram, o cenário obscuro que acometia a Ásia e a Europa começa a envolver o restante do mundo, agora, a pandemia chega ao Brasil. E encontra o quinto maior país do mundo em área territorial e o sexto em população, na seguinte situação, uma população desinformada com muito medo, cheia de incertezas e com o SUS (sistema único de saúde) muito precarizado e que apesar dos esforços dos nossos profissionais de saúde para controlar o número de casos que só aumentam, parte da população ainda não obedece a utilização de máscara. Além de políticos que no lugar de serem exemplos ficam menosprezando a pandemia, chamando-a de uma simples “gripezinha”.

“Em tempos de crise a empatia é fundamental”.

A evolução da SARS-Covid-19 cumpriu o pior prognóstico que se previa para ela, dentro do nosso território nos tornamos o terceiro maior país em casos e o segundo em mortes no mundo. Ainda tem a questão social, pois ela veio importada pelos viajantes ricos e de classe média alta que retornavam do exterior, tendo como consequência a contaminação das classes sociais mais baixas evidenciando mais uma vez a questão social que aflige a população brasileira ao longo da

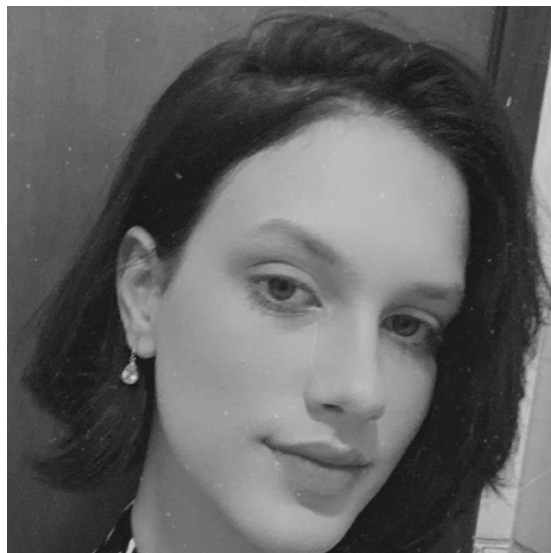
história. Impactos gigantescos na cultura, economia, saúde, educação entre outros setores sociais. Pequenas mudanças foram adicionadas ao nosso cotidiano e costumes simples como ir à escola e cumprimentar alguém apertando a mão, já não eram mais possíveis, algo que não foi muito fácil de entender e aceitar.

E continua não sendo! Chegamos onde nunca imaginávamos chegar, o tão falado “distanciamento social”, principalmente para um povo carismático como é o brasileiro, medida importantíssima para a nossa proteção e a dos outros. Nessa nova realidade tivemos que nos adaptar com uma nova forma de estudar e trabalhar para alguns que é o HOME OFFICE, a internet assim como as redes sociais passaram a ter uma grande importância no nosso dia a dia, apesar do distanciamento social a internet possibilitou para alguns uma maneira, mesmo que distante fisicamente, de consolar parentes e amigos e de certa forma com essa pandemia a empatia passou a ser a palavra da vez.

No aspecto familiar evidenciamos uma maior interação entre pais e filhos com vínculos mais fortes. No campo educacional professores tiveram que se desdobrar ainda mais para aprender a utilizar com mais aprofundamento as plataformas digitais (EAD). Vimos também as dificuldades de alunos acessarem as aulas remotas por falta de internet, mostrando uma realidade cruel e excludente de um país em que a educação fica em segundo plano, entre outros problemas ocasionados pela pandemia ou que ficaram mais claros com ela.

Apesar dessas dificuldades que passamos, observamos um povo forte e solidário com esperança de dias melhores que chegarão, que a ciência fará sua parte, através do desenvolvimento de uma vacina e a fé de que sempre podemos superar momentos difíceis.

Lições que tiramos dessa situação tão incômoda e preocupante é que somos seres humanos vigorosos, que o convívio social é de suma importância para o nosso bem-estar físico, mental e social, e que não fomos feitos para ficarmos isolados.



Caju e as Castanhas

Farias Brito (Fortaleza/CE)
Orientação: Adriano Rodrigues
Tarcísio Sales
Naila Albuquerque
Anna Beatriz Dutra

A pandemia da Covid-19 surpreendeu a todos após causar milhares de mortes devido a sua alta proliferação. Essa doença ataca indivíduos com o sistema imunológico frágil, como idosos e portadores de doenças crônicas (diabetes, hipertensão, asma).



<https://bit.ly/3gQRXmg>

A Covid-19 provou ser um dos maiores desafios da atualidade, pois ameaça tudo o que amamos e damos sentido às nossas vidas. Além do distanciamento social em lugares públicos, o isolamento nos mantém longe dos nossos amigos e parentes próximos, bem como pode nos manter sozinhos por muito tempo, o que pode desencadear muitas reflexões sobre nós mesmos.

Mas o que dizer das muitas pessoas vagando pelas ruas, sem o direito de cumprir o isolamento social?

Mesmo sem perceber, somos orientados a olhar para nosso interior, a pensar em nossas dificuldades e incertezas diante de coisas que não sabemos quando vão acabar. Isso nos faz ter medo de nossas limitações, mas, mesmo assim, seguimos enfrentando fraquezas e vulnerabilidades. Essa grande consciência, somada ao isolamento e à incerteza sobre o futuro, causou-nos uma tristeza silenciosa. Em um curto período de tempo, as direções de nossas vidas foram interrompidas, e nossa motivação mudou. Em nove meses de pandemia, tornou-se rotina contarmos o número de mortes, a quantidade de contaminados, os leitos hospitalares, as perdas irreparáveis e as consequências de nossas ações. Ainda assim, alguns de nós podem se considerar privilegiados por desfrutar do privilégio de possuir um espaço seguro e aconchegante para estar.

Portanto, nesse momento de isolamento, cabe aos privilegiados refletir sobre emoções e sentimentos, e o desafio de entender melhor nossa capacidade de enfrentar dificuldades e investir em inteligência emocional. Precisamos deixar o egocentrismo de lado e nos tornar mais empáticos e altruístas. É preciso deixar de estar disponível apenas por janelas virtuais e ocupar ativamente um lugar, e que ele seja espaço de transformação social! Não somos apenas o que pensamos, mas também coisas que fazemos, lembramos e esquecemos.

Somos a linguagem e os sentimentos que comunicamos; os erros que cometemos e os impulsos que geramos. Refletimos nosso comportamento e nossas ações. Dessa forma, este momento que vivemos pode nos proporcionar melhores possibilidades de crescimento, tornando-nos assim o motor e a inspiração para as mudanças necessárias na sociedade.



Canários nordestinos

EEF Nossa Senhora da Conceição (Porteiras/CE)

Orientação: Thais Coelho Lopes

Maria Ravany Solino de Carvalho

Cícero Willian Leite da Cruz

Ítalo Pereira Matias

Silêncio! Eu preciso falar!

Agora a gritaria já não é um problema, porque a tranquilidade paira no ar entre os muros da escola. Você deve estar se perguntando que tranquilidade é esta em tempos de pandemia? Vivemos um misto de emoções onde tudo saiu do habitual, enfrentamos negatividade na saúde, nos aspectos econômicos e nos meios educacionais. Sentimos medo, desespero e insegurança, admitimos que não temos a nossa própria liberdade.



Foto: Risomar Bezerra - Dir. E. E. F. Nossa senhora da Conceição. (Arquivo pessoal)

Diversas vezes, fazíamos questionamentos: quando isso acabará? Em que momento vai reduzir o número de casos de mortos e infectados? Quando seremos livres novamente? Enfrentar o SARS-Covid 19 está relativamente concentrado em vencer obstáculos, amenizar a ansiedade, o estresse, a angústia e a saudade que a cada instante preenche o nosso coração. Um confronto entre nós e a pandemia.

Mas mesmo nesse tempo caótico a escola continua lá, apesar de está vazia e fria, pois o sinal da entrada nunca mais foi tocado... As mesas do refeitório continuam limpas, um cenário de incredulidade. As paredes

perderam os rabiscos e as carteiras não sentiram mais os chicletes escondidos. Torna-se difícil lembrar-se das risadas no intervalo, do lanche compartilhado, dos ensinamentos dos professores e da rotina prazerosa.

A ausência de cor é encontrada nos diferentes espaços do colégio, onde o silêncio ocupou um espaço de destaque. Falta o brilho dos olhares e sorrisos. O sentimento é de um cenário melancólico, com salas, corredores e um pátio vazio. Ah se esse pátio falasse... - Sheila L. He

O prolongamento dessa pandemia nos leva a um mar de dúvidas e incertezas. 2020 é um ano de mudanças e adaptações, aprender se tornou um desafio, pequeno para alguns e gigante para outros. Contudo só conseguimos escutar o barulho do celular que toca insistentemente, é uma pena que não é o despertador avisando o horário de ir para escola, porque agora a escola é aqui, ou em qualquer lugar. A tecnologia vai nos auxiliando e amenizando tantas sensações.

Nesse momento rigoroso e de grande instabilidade social, a saudade da escola permanece e com ela o desejo de que tudo volte ao normal para que possamos vivenciar o período estudantil, tão marcante em nossas vidas.

Assim, terminamos o ano com o propósito de que 2021 seja um ano melhor e que essa vacina chegue até nós. Esperamos poder contar as gerações futuras que nós sobrevivemos a essa pandemia.



Celestiais

EEEP Antônio Tarcísio Aragão (Ipu/CE)

Orientação: Jorge Luiz Ferreira Lima

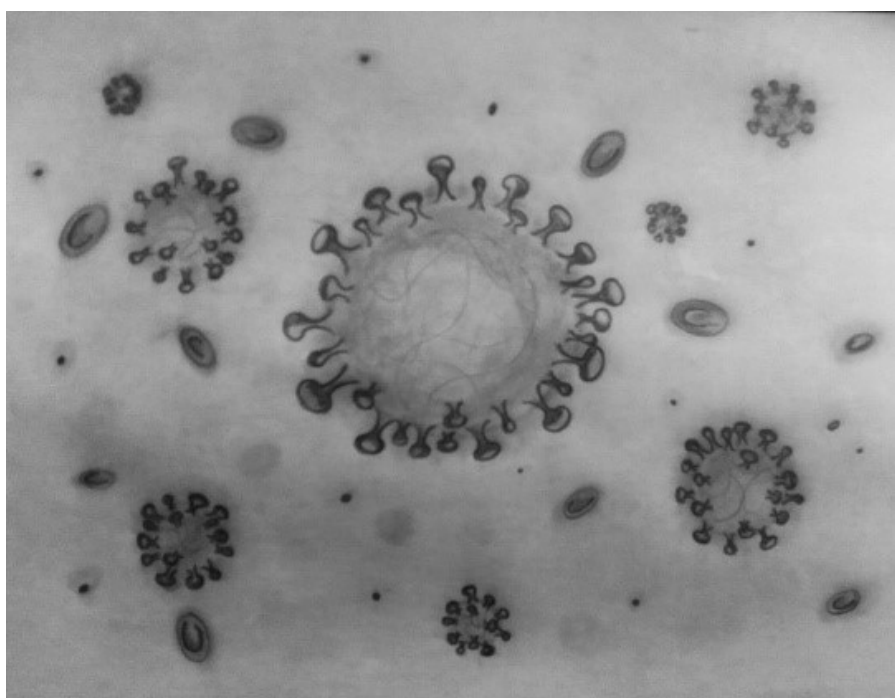
Maria Caroline Fernandes Soares

Taiane de Sousa Sabino

Francisco Alisson Braga de Sousa

Segundo artigo publicado no portal de notícias G1, da Rede Globo de Televisão, o Mistério da Saúde (MS) afirma que a Covid-19, doença causada pelo Sars-CoV 2, uma variante da família coronavírus, teve seus primeiros indícios no século XX, mais precisamente no ano de 1960.

Hodiernamente, esse contratempo regressa trazendo consigo o caos, sofrimento e o pior, uma exorbitância no número de mortes.



Fonte: Arquivo pessoal

Embora tenhamos que nos adaptar ao “novo normal”, temos que lidar com nossa saúde física e mental. Afinal, saúde tem preço? Um bem que não era prioridade na vida de alguns, atualmente é primazia.

Tudo se modificou. O planeta se tornou mais virtual, mais súbito, mais pueril e tecnológico. Nós, discentes, tivemos experiências indesejáveis, já que nosso propósito era absorver o máximo possível de conhecimento, o que não se concretizou com a plenitude desejada, pois tivemos de aderir o ensino a distância

remoto, impulsionado pelo surto emergencial na área da saúde.

“Podemos estar cansados da covid-19, mas ela não se cansou de nós” - Tedros Adhanom Ghebreyesus (OMS)

Com o início do isolamento social, ficamos privados das aulas presenciais. Como alternativa, aderimos ao ensino remoto, passando a ter aulas online por meio de uma plataforma na qual éramos direcionados para uma videoconferência conforme era disponibilizado no horário de aulas.

Dessa forma, nossos professores, precisaram adaptar e configurar seus métodos de ensino, sendo aquela a nossa melhor oportunidade de aprender. Enquanto estudantes de uma instituição de ensino profissionalizante, tivemos uma adaptação mais rápida, já que temos aulas em horário integral. Contudo, isso também foi um problema a ser solucionado, já que nem todos podiam assistir as aulas, pois não tinham acesso à internet.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a pandemia contribuiu significativamente para a queda do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em mais 9,7%.

Como estudantes do Curso Técnico em Agronegócio, nos sentimos com propriedade para afirmar que o ramo já citado e seus segmentos formam o setor de sustentação da economia brasileira, já que foi o único âmbito que passou incólume à pandemia, além de representar 1/3 PIB nacional.



Cellula est totum mundum

Patronato Pe. Luiz Barbosa Moreira (Fortaleza/CE)

Orientação: George Pinheiro da Rocha

Maria Clara Rodrigues Nântua Girão

Yasmim Souto Diniz

Kayo Henrique Cunha Cavalcante

Com mudanças tão bruscas, é comum que a sociedade, independentemente de qual seja, enfrente-as com medo e despreparo. Planos corrompidos, viagens adiadas e sonhos sem prazos para voltar.

Na década de 20 deste século, o mundo inteiro teve que lidar com a pandemia acerca do novo coronavírus (SARS-CoV-2). O foco, em todo o momento, foi a pandemia que o vírus criou, mas existe uma que foi deixada de lado, que fez e ainda faz cada vez mais vítimas: a saúde mental desestabilizada.

A incerteza sobre o amanhã é algo assustador. Não ter uma previsão para quando isso vai acabar fez com que pessoas desenvolvessem ansiedade e incontáveis transtornos emocionais, sem contar os casos que foram agravados e a hipocondria interminável que surgiu até nos menos preocupados com sua saúde e higiene.

“Após 8 meses de isolamento, minha mente está altamente cansada; exausta, para ser mais específica. Me sinto uma guerreira, percebo que amadureci muito. Estou tendo mais cuidado comigo, hoje sei a importância de ser cuidadosa com a minha saúde mental, principalmente nessa época de isolamento. Aprendi a ser a minha parceira e a melhor companhia, apesar de todo o medo e receio que a pandemia nos trouxe”

- conta Vivian Gomes, estudante do 2º ano do ensino médio.

Perceber o que a quarentena representa nos faz ficar apreensivos, notamos o quão rápido a vida passa.

O medo é uma reação natural ao desconhecido. No contexto em que a sociedade se encontra, sensações como desamparo e descontrole se tornaram normais.

Fotografia 1- A porta fechada

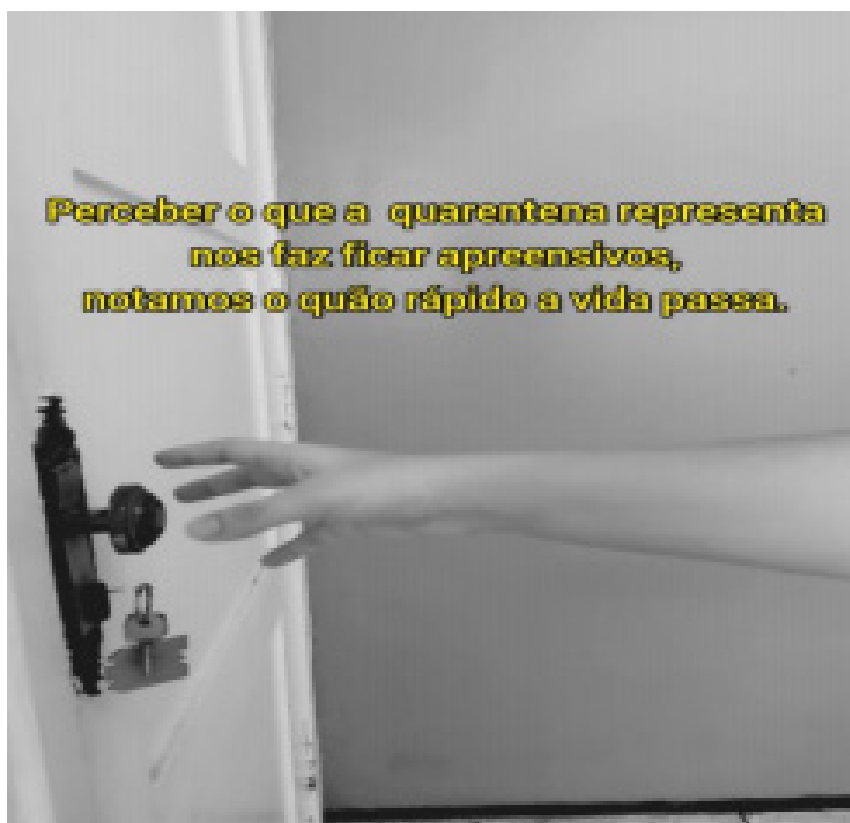


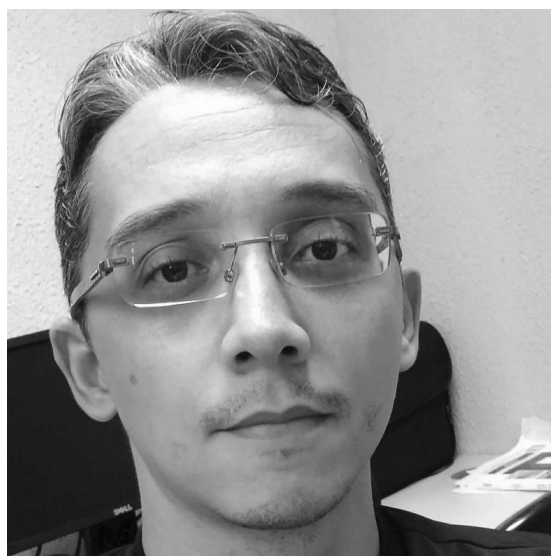
Foto: arquivo pessoal

A OMS (Organização Mundial da Saúde) já declarou oficialmente, em outubro deste ano, que o cenário atual deixou uma marca devastadora na saúde mental por todo o mundo. Com o isolamento social fortemente recomendado pelas unidades sanitárias, pessoas tiveram de enfrentar um grande bloqueio em suas relações, e, em muitas delas, não souberam como lidar com tamanha saudade, solidão e inquietude.

O nosso maior inimigo não tem um rosto e nem podemos fugir dele, o que provoca uma ansiedade intensa em qualquer um.

“Talvez hoje, talvez amanhã, mas no fim das contas a gente sempre fica bem.” (Iandê Albuquerque, 2018, p.70)

Com esse pensamento, chegamos ao fim dessa aventura. Exercitar o diálogo está sendo essencial nesse momento, ter empatia e respeito está segurando a humanidade, apesar de haver uma parcela que não se importa com isso. Cuidar da saúde mental também é ser empático! Continuem firmes e fortes, a era da Covid-19 chegará ao fim e estaremos juntos nessa.



Centáurea

EEEP Maria Violeta Arraes (Crato/CE)
Orientação: Italo Ronney Ferreira Caitano
Kilvia Kelly Silva Fernandes
Raul Miranda Freires
Aline Pereira de Lima

Convenhamos, nem a mente do mais pessimista e fantasioso escritor que já pôs os pés nesta terra seria capaz de criar um cenário tão caótico quanto a realidade que vivemos durante a Pandemia da Covid-19. De fato, parece ficção. Tivemos que reaprender valores básicos, reconstruir a rotina agitada e adaptar a nossa vida ao meio virtual. Nenhum de nós estávamos preparados para isso, e os impactos dessa surpresa se manifestaram de diferentes formas em cada um.

Figura 1 – Estudante em meio a pandemia do Coronavírus.



Fonte: Alexandra Koch por Pixabay (2020)

O homem é um ser social, necessita da interação e do calor do toque. Logo, é perceptível o colapso causado em nós, estudantes, com o distanciamento da escola. O Ensino à Distância, apesar de suprir parcialmente a aquisição do conteúdo, não é uma tarefa fácil. Tivemos que, por exemplo, aprender a lidar com a mãe

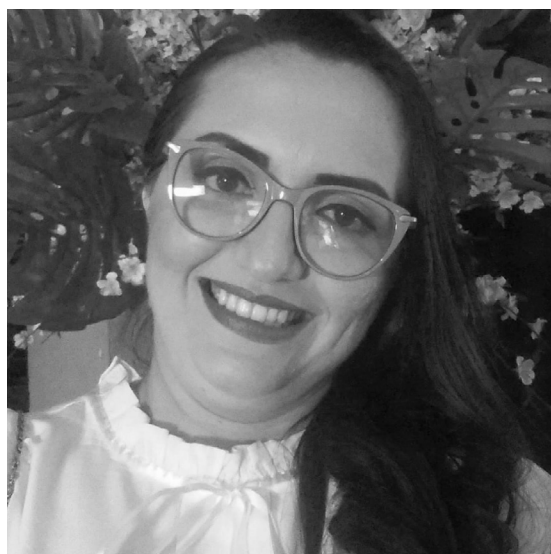
mandando lavar a louça, o irmão mais novo exigindo atenção, o vizinho com som alto, enquanto a professora explicava as orações subordinadas substantivas objetivas diretas.

Além disso, é nítida a quebra de nossas expectativas e planos, que foram sutilmente sendo jogados pela janela enquanto os dias de isolamento passam, principalmente para nós, alunos do 3º ano do ensino médio, que tínhamos metas e objetivos traçados. O quebra-cabeças do futuro estava começando a tomar forma, e a pandemia o jogou para o alto. Sem previsões de data para as provas externas a ansiedade, que já era grande, aumenta ainda mais, atizada pela incerteza, que aperta o coração do estudante e de todos os envolvidos na educação, como indicam as dicas dos psicólogos da UFSJ: nesse período de transição da adolescência, nós ficamos psicologicamente e emocionalmente mais frágeis, e uma mudança tão drástica como essa está afetando pesadamente a vida todos.

Ademais, a frustração e o sentimento de impotência ao ver as notícias nos jornais no decorrer do dia são desgastantes. O medo nos cerca, paralisa. O que no início parecia inofensivo se tornou uma enorme bola de neve. O que choca mais é ver que esse virou nosso dia-a-dia, uma monotonia, e que aqueles números de casos e mortes se tornaram apenas números comuns que ouvimos todos os dias na hora do jantar, nada mais. E é a partir dessa monotonia que uma das características humanas é desperta: o egoísmo.

É um momento que tivemos que ser cautelosos, olhar pra dentro de si e perceber se estamos sendo empáticos, se estamos sendo egoístas, tentar não nos culpar tanto pelas coisas diárias, como, por exemplo, um dia não produtivo, uma atividade que esquecemos de fazer em

determinado dia por não sentir-nos bem e entender que é normal não estar 100% bem neste tempo caótico. Logo, por mais difícil que pareça, tivemos que aprender que a fé de que tudo vai melhorar deve ser o sentimento principal nesse período, pois, assim como diz Anne Frank (1947, p.164), “ainda amamos a vida, ainda não esquecemos a voz da natureza e continuamos com esperança de... tudo.”.



Cérebro feminino

EEEP Profª Maria Altair Américo Sabóia (Independência/CE)

Orientação: Danielle Alves Félix Yoaquim

Micaelly Melo Costa

Maria Nailanny Gonçalves de Sousa

Maria Cassia Ellen Soares Viana

Estamos vivendo uma época de mudanças significativas no comportamento humano. A globalização, com sua conexão virtual estreitou as fronteiras do mundo, tanto que uma epidemia que se iniciou na China, na cidade de Wuhan, no dia 31 de dezembro de 2019, rapidamente se tornou uma pandemia global.

Que reflexões podemos nos fazer sobre essa realidade que estamos vivendo?

A princípio, é importante ressaltar que somos seres que vivemos em constante atuação, necessitamos do processo de vivência, sobretudo no âmbito educacional. Essa socialização quase sempre é construída com base em “grupos informais”, o que influencia a nossa cidadania, tornando-nos seres desenvolvidos socialmente e contribuindo para o nosso nível de conhecimento. Com a pandemia, ocorreu uma ruptura nesse processo e fomos submetidos ao isolamento social, com a suspensão das aulas presenciais o ensino remoto tornou-se uma importante ferramenta de interação entre professores e alunos.

O jornal G1-CE, em 19 de março de 2020, traz a notícia: “Governo do Ceará decreta suspensão de aulas em escolas públicas e estado de emergência por causa do coronavírus.”

Com tantas mudanças repetidas, nossa estrutura psíquica e comportamental encontra-se abalada. Nessa perspectiva, a máxima do filósofo grego Platão “todo aprendizado tem uma base emocional”, salienta a importância da preservação da nossa saúde mental em meio aos problemas advindos do isolamento social. Por tudo isso, fez-se necessário uma mudança de hábitos e conseqüentemente, descobrimos novos meios de

interação familiar, aprendizagem, diversão e equilíbrio emocional.



Foto: arquivo pessoal

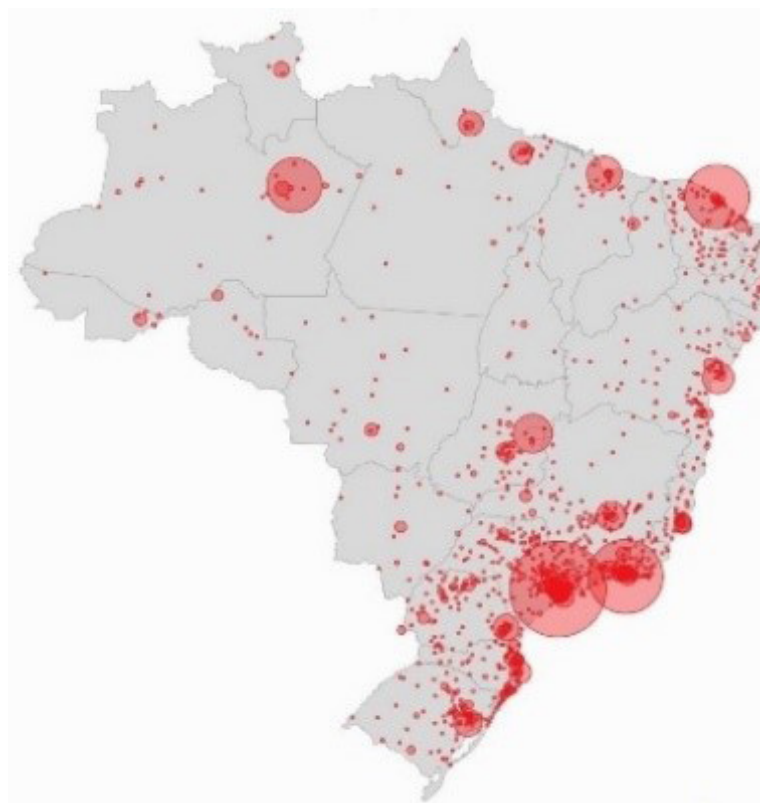
Para entendermos esse novo processo de vivência tornou-se necessário, conscientizar-se da importância familiar perante essa nova rotina, como um lugar privilegiado de afeto, diálogo e acolhimento. Ter conhecimento do real significado dessas relações e o quanto elas nos fortalecem, possibilita a coexistência saudável da família em tempos de pandemia. Pode-se até mencionar que o tempo foi crucial nesse contexto, pois só ele é capaz de nos mostrar lições e os laços verdadeiros de amor que são construídos em âmbito familiar e refletem positivamente na sociedade.



Cidade da luz

Colégio Teleyos (Fortaleza/CE)
Orientação: Carlos Henrique
Moisés Adrian
Maria Luisa
Alana Saraiva

A pandemia do novo coronavírus tem instalado o caos no âmbito social, político e, principalmente, sanitário do país. O Ceará, mais especificamente sua capital, Fortaleza, já conheceu, num período não tão distante, o “Dia dos mil mortos”, cenário do século XX em que a cidade registrou 1.000 óbitos por varíola, em somente um dia, revelando o descaso, principalmente, do governante municipal em relação aos cidadãos, que ficavam à mercê da própria sorte. Cenas como essas se repetem, hoje, diante de uma nova proliferação viral, já que muitas famílias da capital cearense não possuem condições para a higiene básica, o que facilita ainda mais a propagação da Covid-19. Até agosto deste ano, já eram mais de 4.000 mortos, apenas na capital, de modo que o mais recente “Dia dos mil mortos” se tornou uma realidade cruel para as inúmeras famílias, não só do nosso Estado, mas do Brasil inteiro. Diante dessa realidade, mostram-se os reflexos do descaso político em uma história que, infelizmente, torna a se repetir.



<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/coronavirus-avanca-para-o-interior-do-brasil-veja-evolucao-em-mapa.htm>

O livro “O Poder e a Peste: A Vida de Rodolfo Teófilo” relata a contribuição desse sanitarista, em 1902, para a erradicação da varíola em Fortaleza. Entretanto, mesmo querendo auxiliar as vítimas, Teófilo não teve apoio do poder público. Desse modo, precisou estabelecer uma relação conscientizadora com a população que pode ser relacionada à filosofia africana Ubuntu, a qual retrata uma sociedade que se sustenta na solidariedade e no respeito ao próximo. Assim, mesmo com as adversidades, Teófilo conseguiu, naquele ano, vacinar 1.940 pessoas. A partir de então, não foi diagnosticado mais nenhum caso na cidade. Quando nos voltamos para o ano de 2020, um forte motivo para se combater o vírus Sars-CoV-2 é a empatia, pois, diante da pandemia que causou tanto medo às pessoas, podemos nos apegar a esse conceito sociológico, para nos fortalecer reciprocamente, especialmente, considerando as desigualdades sociais que se evidenciaram neste período.

***“Embora todas as vidas sejam precárias e o vírus possa contaminar qualquer um, a desigualdade social e econômica permite que o vírus discrimine. Por que nós, como povo, ainda nos opomos à ideia de tratar todas as vidas como se tivessem o mesmo valor?” —
Judith Butler***

Tais disparidades sociais ficaram ainda mais explícitas durante a pandemia, como é possível observar no acesso à saúde, em que muitos países excluíram a parcela mais pobre da população.

Nos Estados Unidos, por exemplo, onde não existe um sistema público de saúde, o cidadão tem de escolher

entre se endividar e morrer. Em contrapartida, o Brasil consegue diminuir essa desigualdade por meio do SUS (Sistema Único de Saúde), o qual possibilita, principalmente aos indivíduos de baixa renda, atendimento, proporcionando-lhe a permanência na luta contra o novo coronavírus. Apesar das adversidades enfrentadas por este programa, ele deve ser defendido pelos brasileiros, pois, por meio dele, milhares de infectados foram mais fortes e venceram o vírus, assim puderam retornar a suas residências, tendo a chance de não se tornarem apenas mais um número nas estatísticas fatais do que muitos consideram uma simples “gripezinha”. Por tudo isso, fica claro que é necessário que, assim como no século XX, em que Rodolfo Teófilo agiu em prol das vítimas da epidemia, há, também, uma esperança de uma porção da sociedade que haja, nos dias de hoje, um “novo Teófilo” e que, nesse sentido, possamos pôr ainda mais em prática o que a filosofia de Ubuntu nos ensina: “Eu sou porque somos todos nós”. Com isso, poderemos caminhar para dias melhores, nos quais daremos mais valor às relações humanas e, também, aprenderemos a valorizar o nosso SUS.



Comedores de cocada

Guri Sênior (Fortaleza/CE)
Orientação: Rafael Felipe de Almeida
Janaina Batista
Igor Luciano
Cauã Rodrigues

Quase ninguém poderia imaginar que viveríamos uma pandemia em 2020. A notícia percorreu o mundo rapidamente e assistimos de longe a concretização dessa tragédia; mas, no dia 26 de fevereiro saímos do papel de público e mergulhamos juntos no espetáculo; estava lá o primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil. A forma repentina com a qual tudo aconteceu agravou a situação dos estudantes, dos trabalhadores e das famílias, levantando uma questão: de quem é a culpa pelo que vivemos? Hanna Arendt responde: todos nós.



<http://g1.globo.com/ceara/videos/t/todos-os-vidEOS/v/centro-de-fortaleza-comes-lotado-neste-sabado-em-vespera-do-dia-dos-pais/8761959/>

Os brasileiros sofrem com a inércia dos setores governamentais. Na área da saúde, o número de casos cresce a cada dia, os médicos que estavam na linha de frente contra o avanço da pandemia viram de perto a falta de leitos e de insumos para suprir as necessidades dos pacientes. Sem um plano estratégico de combate contra a pandemia e sem um ministro da saúde, caminhávamos para o colapso eminente. Na educação, os jovens das redes pública e privadas tiveram que conviver com as dificuldades do ensino a distância, a angústia em relação ao futuro e com a perda de amigos e familiares.

***“Setembro passou
Outubro e Novembro
Já tamo em Dezembro
Meu Deus, que é de nós***

Meu Deus, Meu Deus
Assim fala o pobre
Do seco Nordeste
Com da peste
Da fome feroz”
(“Triste partida”, de Patativa do Assaré)

As palavras de Patativa do Assaré sintetizam o sentimento coletivo perante a rápida passagem do tempo e o medo em relação ao amanhã, a angústia do nordestino diante da seca se repete em outros termos, criando um paralelo entre as diferentes gerações da nossa gente, fato que se torna visível no dia a dia de Fortaleza e demais cidades do Ceará, nas quais, com o objetivo de deter o avanço da pandemia, controlar a fiscalização e mesmo assim garantir o sustento familiar em meio a uma crise econômica e sanitária, os comércios mantêm suas portas semiabertas – um misto de temor com necessidade.

O negacionismo foi usado como uma arma de manipulação para encorajar a retomada do trabalho e amenizar os efeitos da crise econômica e política. Devido a isso, quanto mais páginas eram arrancadas dos calendários, mais o número de óbitos crescia e logo o que era apenas uma “gripezinha” causou a perda de quase 200 mil brasileiros. Ao encontro do que explica a socióloga alemã Hannah Arendt, a maldade não emana apenas dos grandes monstros dos livros de história, o povo, de forma geral, também é responsável por atos de horror e tirania ao banalizarem o mal. Nesse sentido, todos nós somos responsáveis por essas vidas perdidas, ora sendo vítimas, ora agressores.



Comunistas de Twitter

EEEP Wellington Belém de Figueiredo (Nova Olinda/CE)

Orientação: Marcia Talita de Moraes Pereira

Vitor Caetano Lima

Thalles Henrique Rodrigues de Assis

Luiz Israel de Melo Lima

A pandemia causada pelo novo corona vírus (SARS-CoV-2) trouxe consigo mudanças, reflexões e aprendizados que certamente a humanidade nunca irá esquecer. Os processos mudaram, sobretudo, os encontros. O ano de 2020 virou um ano suspenso, os planos se transformaram, o período de isolamento foi um convite à reflexão e ao novo.

Figura 1 - Representação Abstrata da busca excessiva por produção de conteúdo por parte de estudantes



Fonte: <https://medium.com/revistatorta/quantos-artigos- vale-sua-sa%C3%BAde-d23afba-f49a5>. Acesso em 15 de dezembro de 2020

Essa nova realidade chegou e atingiu a tudo e a todos. Inclusive a área educacional sofreu suas alterações, suas readaptações. Nada estava preparado para lidar com as circunstâncias.

Entre os estudantes, o assunto mais frequente não foi os modelos de ensino, mas a preocupação com a saúde mental. São muitos os que relatam que sentiram seu psicológico abalado diante dos acontecimentos, e os motivos foram diversos.

Segundo a pesquisa “ Juventudes e a Pandemia do Coronavírus ”, realizada com 33.688 jovens de todo o país, a ansiedade, o tédio e a impaciência foram apontados como os sentimentos mais presentes durante o isolamento social. Na mesma pesquisa, 62% dos respondentes relataram um “sentimento muito ruim” ou “ruim” quanto a ansiedade, um número preocupante, considerando que sintomas ansiosos podem prejudicar não só a saúde psicológica mas também a física. Ao serem questionados sobre se sentirem estimulados, apenas 14% dos estudantes responderam que estavam positivos quanto a isto, o que demonstra o quão difícil foi conseguir se sentir motivado enquanto aluno nesse tempo de pandemia.

“O maior desconforto psicológico que a pandemia trouxe é o de lidar com um ócio, que não estávamos acostumados”. (Antony Rodrigues, psicólogo clínico formado pela UFC)

A organização se tornou fator fundamental para um bom desempenho escolar e um bom estado mental do aluno. O desequilíbrio surge quando este fator não se apresenta da mesma maneira para todos, afinal, todas as realidades possuem suas diferenças. Em meio a tarefas domésticas, compromissos do dia-a-dia, o estudante foi obrigado a construir uma forma de coordenação que o favorecesse quanto a rotina de aulas, e muitos não obtiveram sucesso nisto, sendo assim, a falta de uma organização consistente do tempo um dos motivos responsáveis por gerar sobrecarga de tarefas, ou, principalmente, uma ociosidade. A falta de uma rotina bem definida pode ser apontada como um dos motivos para a falta de interesse pelas aulas,

resultante de um possível cansaço e da frustração por não se encaixar na nova forma de viver e a cobrança psicológica é consequência desse desinteresse.

Segundo o médico psiquiatra e professor da UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), André Veras, a fim de sanar essa insegurança o estudante começa uma hiper busca por conteúdo, transformando essa tentativa de compensação em algo excessivo. “ É nesse momento de uma resposta mais ansiosa a essas dificuldades, com excesso, que acaba se produzindo um estresse acadêmico, um sofrimento ligado ao contexto pedagógico especificamente e que vai retroalimentando uma ansiedade, uma insegurança, experiências de insuficiências e de incapacidades”, relata o médico.

É fundamental ressaltar a importância da escola enquanto instituição social, que forma cidadãos e oferece uma estrutura e o suporte essencial para que o indivíduo se sinta confortável em um local onde ele possa ir justamente para se formar como estudante e, principalmente, como pessoa. É evidente que grande parte dos alunos não conseguiram lidar com algumas incumbências que sempre foram de responsabilidade da instituição escolar, gerando problemas de organização e consequentemente psicológicos como os citados anteriormente.

Cada estudante possuiu um modo de proceder diante dos desafios que lhe foram impostos durante o cenário de pandemia, mas mesmo com realidades tão diversas, existiu um padrão de sentimentos entre todos. A explicação para isso ainda é incerta, mas é possível cogitar que exista algo que una todos os estudantes, talvez um anseio, não necessariamente com o mesmo objetivo, mas bastando partir de um propósito e desejo em comum por conhecimento.



Conselheiristas

EEEP Dr. José Alves da Silva (Quixeramobim/CE)

Orientação: Edna Ferreira Rodrigues de Paula

Savila Letícia Amâncio Oliveira

José Anthonny Vinícius Alves Baia

Roberta Cavalcante Bonfim

O ano de 2020 é um ano histórico, pois, com o advento do novo coronavírus, a humanidade foi tomada de terror e pânico. O vírus, que inicialmente foi negligenciado pelas autoridades globais, causou em cerca de 11 meses a contaminação de mais de 72 milhões de pessoas, e levou a óbito quase dois milhões de vidas humanas, sendo responsável por todo um movimento global na luta pela sobrevivência.

Diante da crise mundial de saúde, países do mundo todo adotaram medidas de higiene e de isolamento social como forma de tentar minimizar o contágio, para que não houvesse um colapso total na rede sanitária. Entretanto, essas medidas resultaram em sérios danos, uma vez que abalou a economia de nações conhecidas por suas estabilidades financeiras e pôs as regiões que já vinham sofrendo com crises monetárias em situação de calamidade humanitária e social.



A imagem faz um paralelo entre os reflexos do passado no presente.
(autoral). (Arquivo Pessoal)

questões epidemiológicas, também tinha que lidar com secas, fome e subdesenvolvimento. Diante disso, cabe citar o exemplo da cidade de Quixeramobim que fica

Desde muito tempo a humanidade enfrenta graves pestes que devastam sociedades inteiras. O Brasil, em sua curta história de 520 anos, deparou-se inúmeras vezes com grandes crises de sarampo, tuberculose, entre outras doenças. No estado do Ceará foi um grande desafio enfrentar crises dessas doenças, pois, além de sofrer com

localizada a 211 km da capital cearense.

Entre 1862 e 1863, a cidade conhecida por ser o “coração do Ceará” sofreu um surto de cólera, levando sua pequena população de quase 15 000 habitantes sofreram uma baixa de 230 pessoas vítimas dessa doença. Assim, medidas de contenção foram tomadas, no entanto, apenas serviram de fato a nata social existente, visto que os mais desfavorecidos, mesmo sendo a maior parte da população, não podia ter acesso às informações de prevenção, fosse por causa de desconhecerem a leitura ou por negligenciarem o saber científico.

Atualmente, Quixeramobim tem por volta de 81.000 habitantes, sendo uma das cidades do Sertão Central cearense mais atingidas pela pandemia do Novo Coronavírus. Até o presente momento, o município atingiu a marca de 2691 casos confirmados e 106 óbitos pela doença. Medidas de segurança como o distanciamento social, uso obrigatório de máscara e fechamento do comércio foram aplicadas, porém, apesar de um maior nível de informação e acesso à saúde pública, os habitantes repetem os erros cometidos em 1862 ao desobedecerem as medidas de contenção da proliferação do vírus, o que resultou nos altos números de infectados e o caos na saúde pública local. É triste notar que, mesmo depois de tantas doenças virais, a história se repete e os problemas enfrentados pela humanidade de antes e agora são idênticos. Portanto, devemos procurar nos informar sobre o assunto, para que não sejamos iludidos por fake news e, consequentemente, repitamos o erro de nossos antepassados.

“Mesmo depois de tantas doenças virais, a história se repete e os problemas enfrentados pela humanidade de antes e agora são idênticos.” (autoral)

O mundo está passando por uma pandemia e o que não falta é aprendizado durante esse momento atípico. Com isso, ficamos mais reflexivos, solitários e, por vezes, com sentimentos à flor da pele, já que não estamos acostumados a estar em isolamento social.

Um fato que essa pandemia nos mostrou é que o futuro não está sob nosso controle. Tendo em vista isso, pode-se citar a escola helenística fundada por Zenão de Vício, denominada estoicismo, a qual prega que o futuro é incerto e, por isso, devemos desfrutar o agora porque ele é uma dádiva. Se pararmos para pensar sobre os momentos antes da pandemia, o desejo de ter aproveitado com mais intensidade vem à tona, uma vez que ninguém imaginava o que estava por vir.

O modo como a maioria vivia em ritmo frenético no cotidiano é o retrato das consequências de nossas escolhas. Posto isso, cabe também destacar a semelhança de tais pensamentos ao existencialismo, doutrina filosófica cuja reflexão está situada nessa questão de livre arbítrio, já que escolhemos como vamos passar o tempo e de que forma vamos usá-los. Conquanto, com o Covid-19, o pensamento da maioria da população tendeu a mudar, pois devido a desaceleração da rotina, a reflexão se tornou presente na mente dos humanos.

De acordo com os pensamentos de Aristóteles, nós humanos somos animais políticos porque dependemos dos outros para vivermos. Estudos de Harvard

comprovam que as pessoas que criaram laços mais fortes com outros seres humanos, viveram mais e melhor, e acreditamos que não somente nós, mas várias outras pessoas devem ter sentido a falta do contato físico, do diálogo mais aproximado, já que os brasileiros têm essa cultura de demonstrar afeto.

O impacto do isolamento social é diferente de sociedade para sociedade, agora e a longo prazo. Acredita-se que federações mais “abertas”, como o Brasil, lidem com a condição de isolamento sob mais questionamentos, estresse e tensões, do que federações mais “fechadas”, como o Japão, um país culturalmente disciplinado.

Não é fácil mudar quem somos, isso reflete em nossos comportamentos e ideias. Assim como Norbert Elias prelecionava, nota-se que o lugar que os indivíduos ocupam e seu contexto social devem ser critérios a serem levados em conta para entender o ser humano. Por fim, isso significa que as ações no nosso dia a dia geralmente nos define, ou seja, nossa profissão, o horário que frequentamos aula, o curso que fazemos, o bom dia que damos ao senhor na calçada da padaria, entre outros costumes e detalhes, que, em épocas de isolamento social, se perderam pelo caminho. Talvez saíamos dessa situação novas pessoas, com novos pensamentos e atitudes, valorizando o mais simples: a sutileza dos detalhes, o nascer e o pôr-do-sol e dando valor aos nossos ciclos, que são únicos em cada forma.

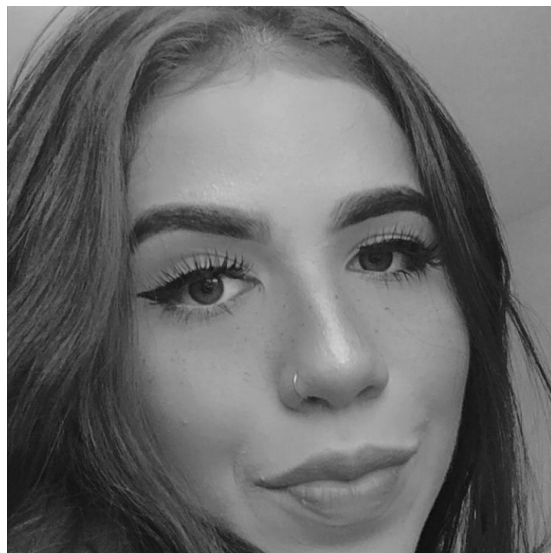
Referencias

<[http://www.uece.br/mahis/index.php/noticias/14-lista-de-](http://www.uece.br/mahis/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/520-2017-11-30-13-12-37)

[noticias/520-2017-11-30-13-12-37](http://www.uece.br/mahis/index.php/noticias/14-lista-de-noticias/520-2017-11-30-13-12-37)> acesso em: dez de 2020

<<https://www.paho.org/pt/covid19>> acesso em: dez de 2020

<<https://indicadores.integrasus.saude.ce.gov.br/>> acesso em: dez de 2020



Conselheiros de luz

Colégio Nossa Senhora do Carmo (Fortaleza/CE)

Orientação: Rafael Felipe de Almeida

Marina Freitas da Silva

Ana Luiza Ferreira da Silva

João Guilherme Carneiro de Farias

Na situação atual, em meio a pandemia do Covid-19, o cenário que vivemos tornou-se desafiador para toda a sociedade. A pandemia mudou drasticamente a vida. Muitas perdas, famílias desestruturadas, comércios falidos, nervos aflitos, um verdadeiro caos, com sinais de esperança. O distanciamento social utilizado na tentativa de reduzir a propagação do vírus é muito mais do que apenas manter distância de outras pessoas, é aprender a conviver nessas novas normas, pelo bem da comunidade.

O ser humano, desde o nascimento, depende de outro para viver. Dos cuidados, do toque acolhedor, e ao longo da vida. Assim, vai se formando uma relação de dependência com outras pessoas, em sociedade. Aristóteles fundamenta a tese que “o homem é um animal social”, afirmando que a união entre os homens é natural, por ser um ser naturalmente carente, que necessita de outras pessoas para alcançar a sua plenitude. Essa tese se faz totalmente viável para explicar a dificuldade de aceitar a distância, os meses sem ver a família, os amigos, ir à escola, a convivência em sociedade. Porém, se nós somos naturalmente inclinados para a vida em sociedade, não podemos dispensar a tarefa de pensar na coletividade, em como se comportar diante desse “novo normal”.

Mas toda essa dificuldade não é só questão da “natureza humana”, além do isolamento social e todos os cuidados serem inéditos, existe a diferença social, que se tornou ainda mais nítida nesse cenário. Afinal, é mais fácil ficar em uma casa grande com poucas pessoas na área nobre de Fortaleza, podendo desfrutar de fontes de renda consolidadas do que em um quitinete com dez pessoas na periferia da cidade, onde todos os dias é necessário ir ao trabalho. Essa diferença é perceptível em vários aspectos, destacando o escolar, onde muitos

alunos de escolas públicas não tem acesso às aulas remotas, por falta de internet e aparelhos eletrônicos. Realidade essa totalmente diferente da nossa, alunos da rede privada.



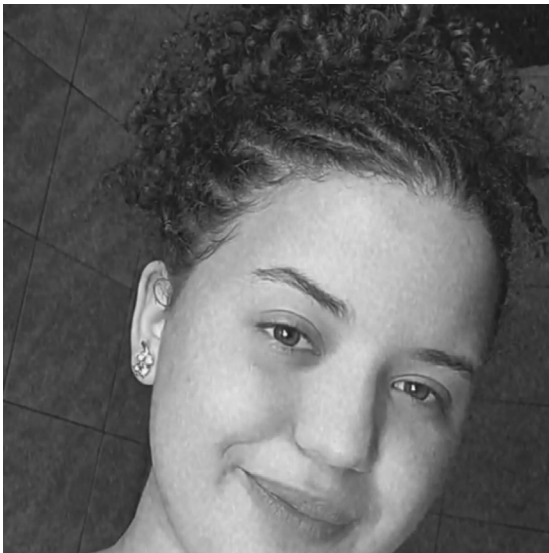
Imagem ilustrativa de uma mulher em isolamento social. Foto retirada do Google e modificada pela equipe.

Ademais, o ensino a distância tem sido complicado para todos, o ambiente nem sempre é favorável para assistir às aulas, dificultando o aprendizado, prejudicado nesse ano de pandemia. Outro problema é a nossa saúde mental, muito afetada por tudo o que está acontecendo, os jornais mostram a todo momento os números de morte crescendo, onde não são apenas números, mas sim pessoas, famílias que perderam entes queridos e não puderam nem se despedir.

Nos hospitais, os médicos não sabem mais o que fazer, as pessoas estão lutando para viver, muitas selecionadas para morrer, por falta de leito, estrutura. O presidente faz descaso da situação, influenciando seus apoiadores a tomarem remédios sem comprovação científica (Cloroquina), comprometendo a saúde da população e a desobedecerem as orientações de prevenção, ação contrária a vários decretos estaduais. Como o do nosso estado, Ceará, onde o governador se mostrou totalmente consciente da gravidade, tomando as medidas necessárias de prevenção.

“É hora de termos empatia, de sofrermos abraçados à distância, não de ódio”

A pandemia nos afeta de várias formas, nos faz perceber que as pequenas coisas são as que importam, que cada suspiro é um privilégio por estar vivo. Estamos vivendo com medo, mas com esperança de que dias melhores virão. Acreditamos que as pessoas sairão melhores de tudo isso, respeitando os outros, tendo mais empatia, assim, o mundo será um lugar melhor. Enquanto a pandemia não acaba, vamos continuar a zelar pela vida, respeitando as normas de segurança, contribuindo para tudo voltar ao normal. Um novo normal.



Considerados sujeitos de sorte

EEEP Professora Elsa Maria Porto Costa Lima (Aracati/CE)

Orientação: Mario José

Elaine da Silva

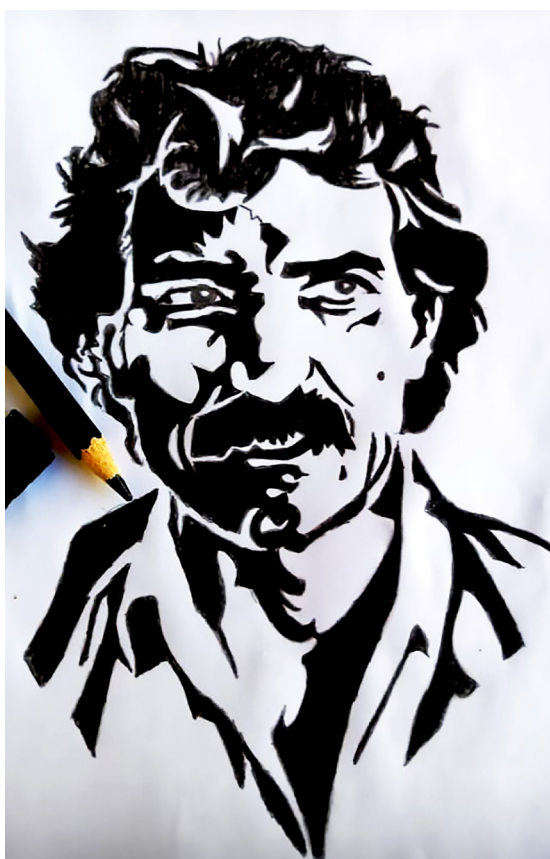
Vagner Vilck

Letícia de Almeida

Voltando das nossas aulas, à tardinha, sempre ouvíamos algumas músicas no caminho de casa, um dos sons que sempre escutávamos era do grande Belchior.

Quando veio a pandemia, as caminhadas para casa ao som do poeta cessaram. Cessaram também as idas à escola, o encontro com os amigos, e é como se tivéssemos a impressão de estarmos longe de casa, a escola também era nossa casa.

O distanciamento social foi imposto e começamos a sentir falta do contato, do abraço e da presença dos nossos amigos. A maneira como nos relacionamos foi alterada pelo vírus.



Desenho: Genildo Reprodução
Foto: Félix.

A pandemia do novo coronavírus já fez mais de 180 mil mortes em todo o país, os números assustam. Até o início de dezembro de 2020, cerca de sete milhões de casos foram confirmados no Brasil. Isso denota a total incompetência de um governo que pouco faz pela população, causando repulsa e preocupação. É como sugere a poesia: há perigo na esquina, e o sinal parece muito fechado para aqueles que mais precisam.

“Belchior tinha razão”
(Emicida)

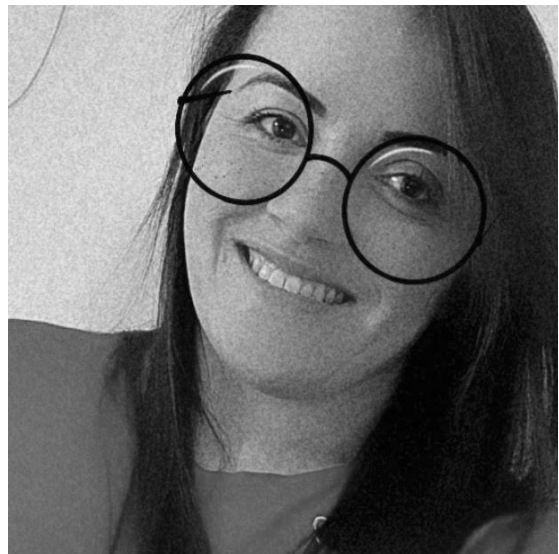
Nesse sentido, as formas de aprender e ensinar também tiveram que ser modificadas, porém essa modificação acabou gerando inúmeras dificuldades. Essas dificuldades foram vistas principalmente no ensino remoto. A falta de concentração nas aulas e o dia a dia em nossas casas, muitas vezes, problemáticos, fazem-nos questionar se conseguiremos passar por tudo que está acontecendo, se ainda devemos ter esperança que isso mudará. O que nos faz pensar: será que esse ano eu não morro?

Com medo, nos sentimos sentados à beira do caminho, nossa carona vem nas séries, filmes, livros e claro, músicas, nossos principais alentos nesses tempos. Os amigos virtuais são nossos grandes companheiros nesses dias. Confidentes de tudo o que estamos passando, eles nos mostram que a distância não nos impede de sonhar. Sonhar com dias melhores e com reencontros nas ruas, calçadas e na escola.

O mundo inteiro está naquela estrada ali em frente. Em alguns casos, a estrada ficou muito longe. E eles partiram cedo demais. Os versos do poeta nos fazem refletir o tanto de perdas que tivemos. Mas, a esperança está na memória de seus amigos e companheiros, afinal, trazemos de cabeça uma canção do rádio, em que um antigo compositor baiano nos dizia: “tudo é divino tudo é maravilhoso” (Belchior).

Estamos há 9 meses em isolamento social e nossa rotina não é mais a mesma há muito tempo, e devemos compreender que talvez ela nunca mais será. Acreditamos que em tempos assim, devemos fazer

como o poeta, que descobriu pela dor o poder da alegria e ter a certeza de que temos coisas novas para dizer, e quem sabe um dia, à tardinha, voltaremos para casa ao som de apenas um rapaz latino-americano.



Construtores da utopia

EEEP Irmã Ana Zélia da Fonseca (Milagres/CE)
Orientação: Cícera Rozeane Filgueiras Fernandes
Alyson dos Santos Silva
Cícera Kaylane Oliveira Barros
Francisca Andressa Venceslau dos Santos

Indubitavelmente, o ano de 2020 ficará marcado em nossas memórias como sendo repleto de desafios, perdas, mas, acima de tudo, aprendizados.

Figura 1 - Pessoas vivendo durante a pandemia



Fonte: Diário do Nordeste

Como diria Yuval Noah Harari em “Homodeus”, o ser humano já não estava acostumado a sofrer, totalmente acomodado em sua grande cama de tecnologia e avanços. Com isto, passamos a nos imaginar como intocáveis e a

COVID-19 quebra cruelmente essa ilusão, fazendo-nos surtar, estocando produtos os quais não consumiríamos, nos colocando acima dos outros, basicamente, mostrando a face mais animalesca do ser humano, correndo atrás da sobrevivência sem pensar nas consequências de tais atos.

Pudemos presenciar também a volatilidade das relações humanas, uma vez que ao estarmos afastados de nosso ciclo social, optamos por preterir as relações pessoais e reais em relação às virtuais. Para Zygmunt Bauman, filósofo polonês, esse advento é causado pela rapidez com que as relações humanas se transformam e, é maximizado pela globalização.

Obviamente, nem tudo são espinhos, pois a pandemia também nos trouxe inúmeras coisas boas, na medida do possível, é claro.

Sem sombra de dúvidas, este período tão caótico nos deu a oportunidade de pensar, questionar e, acima de tudo, criticar as decisões tomadas por nossos governantes.

Por conseguinte, nos fez exercer nosso poder como cidadãos e desvencilhar alguns compatriotas de falsas expectativas e idolatrias políticas.

Ademais, estes longos meses encarcerados, em nossos próprios lares, acabaram por aumentar a interação entre familiares. O que era pouco comum na correria do dia a dia, como almoçar em conjunto, assistir a filmes e, até mesmo, brincar com o cachorro, tornou-se um grande pilar da saúde mental.

Podemos dizer que, após nove longos meses de quarentena, somos novas pessoas, com novas perspectivas e novas visões de mundo, preparadíssimas para enfrentar este novo normal. Afinal, para um povo forte e determinado, como o cearense, que levanta todos os dias na busca de algo melhor e, nem nas piores situações, desiste, o SARS-CoV-2 é só mais um pequeno obstáculo no nosso caminho até o sucesso.

Referências

HARARI, Y. Homo Deus: Uma Breve História do Amanhã. 1. ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2016

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. 1. ed, São Paulo: ZAHAR, 2001

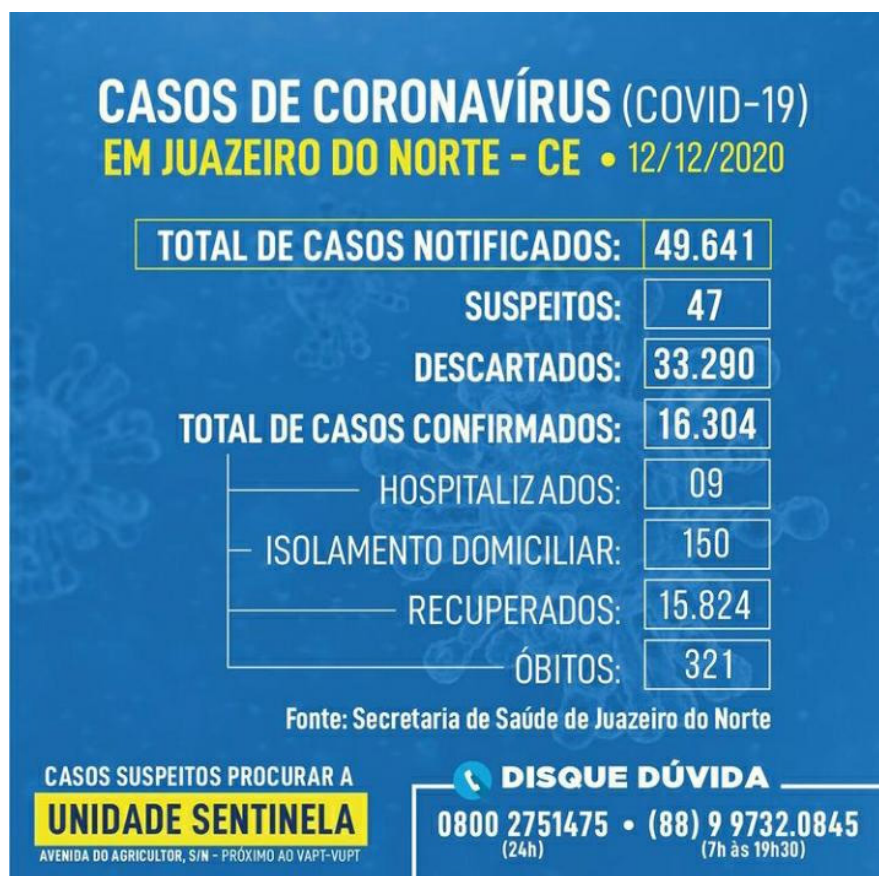
MELO, Emanoela Campelo. Covid-19: Ceará tem menor taxa de transmissão desde o início da pandemia. Diário do Nordeste. 2020. Disponível em <<https://www.avozdesantaquiteria.com.br/2020/08/covid-19-ceara-tem-menor-taxade.html?m=1>>. Acesso em 14 de dezembro de 2020 às 13h15min.



Corra linda

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Gagarin da Silva Lima
Ana Beatriz Gonçalves Macêdo
Emilly Gabrielly Maia de Melo
Livia de Vasconcelos Torres dos Santos

O primeiro caso de coronavírus no mundo foi em novembro de 2019, mas o primeiro caso no Brasil foi em fevereiro de 2020. Em março foi decretado o fechamento das instituições de ensino e os alunos foram dispensados por conta da inesperada pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19).



fonte: <<https://www.instagram.com/p/CIItls99BXON/?igshid=127g7xs5eq0rm>> Acesso em 12 de dezembro de 2020.

Ninguém esperava que o vírus tomasse essas proporções nos últimos meses, mostrando o despreparo de qualquer organização, inclusive a comunidade escolar. É notável a diferença entre estudar no ambiente escolar e estudar a distância.

Com isso, o ensino mudou e as formas de aprendizado tiveram que se adaptar às novas tecnologias, trazendo diversas dificuldades a todos os envolvidos. Mesmo com o avanço tecnológico, muitos cidadãos não

possuem acesso, sendo considerável o número de brasileiros que sofrem com a exclusão digital.

Para os alunos que não tem problemas como esses, o gerenciamento do tempo é uma dificuldade, conciliando a escola e a casa em um só lugar. Todos esses problemas foram também citados por Maria Helena Guimarães de Castro, conselheira do Conselho Nacional de Educação, que diz:

“A grande dificuldade no Brasil, assim como nos demais países, é a situação imprevisível em uma área que não tem tradicionalmente a cultura do digital, do trabalho remoto ou da educação à distância. Isso é novo e complexo para quem trabalha com educação básica nas escolas públicas e particulares”.

Em um período sem precedentes como este, surgiram muitas dificuldades e principalmente problemas na saúde mental. Somos seres sociais e precisamos viver em comunidade.

Com a pandemia nos vimos obrigados a se isolar e isso levou muita gente a passar tempo consigo mesmo. Antes estávamos tão ocupados com a rotina cheia que nem tínhamos tempo de olharmos para dentro de nós. Pudemos desenvolver o autoconhecimento e observar como nossas vidas tem andado.

Preservar nossa saúde mental em tempos como esse é mais que importante, o cuidado com nossa mente e corpo deve estar em primeiro lugar.



Corte dos ariadados

EEEP Professora Elsa Maria Porto Costa Lima (Aracati/CE)

Orientação: Mario José

José Ruan

Eduardo Nogueira

Caio Fernandes

O significado do termo que resume bem os últimos nove meses de luta, aos quais batalhamos contra um inimigo fatal que não podemos ver ou tocar, denomina-se pandemia, que pode ser definida como uma enfermidade epidêmica rapidamente disseminada. A chegada inesperada e perigosa do Covid-19 transformou todos os setores da sociedade, que foram fortemente abalados pela pandemia, que chegara de surpresa em nosso país. Estamos falando de saúde, educação, turismo, economia, entre outros.

Dentre todos esses impactos causados pelo vírus, como ficaram os estudantes, sejam eles do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Superior? Como eles reagiram frente à crise e como estão lidando com essa “nova realidade educacional” instituída pelo Ministério da Educação (MEC)?

Como ficaram os estudantes, sejam eles do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Superior?

Não só no Brasil, mas cerca de 120 países também fecharam as portas de suas escolas e universidades como medida de prevenção ao novo Coronavírus. No dia 17 de março de 2020, o MEC instituiu a portaria nº 343, que autorizava o ensino à distância durante o período provisório de 30 dias, que se prolongou com a piora da situação e o alarmante aumento de casos.

Segundo o UNICEF, cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos não têm acesso à internet, sendo que mais de 90% dessa quantidade se encontra em situação de baixa renda. Ao contrário dessa realidade, outra parcela da sociedade, a qual tem acesso à internet, enfrenta não somente a carga

excessiva de atividades online e videoconferências, mas também um cotidiano doméstico que, muitas vezes, não favorece o aprendizado. Em que que lugar ficam os alunos que não tem acesso à internet? E os que possuem e sofrem para conciliar estudo remoto e a rotina conturbada em suas casas?

Durante vários meses, o MEC, em colaboração com os órgãos governamentais de cada estado, vem desenvolvendo maneiras e estratégias de contornar os problemas individuais que vieram com o ensino à distância. Um exemplo disso, é o estado do Ceará, que por meio de uma política pública permanente distribuiu cerca de 347 mil chips pré-cadastrados com conexão 3G para um melhor acesso dos estudantes da rede estadual e universitários. Porém, mesmo com essas medidas que vem sendo desenvolvidas para facilitar o ensino remoto não quer dizer que o problema esteja resolvido.

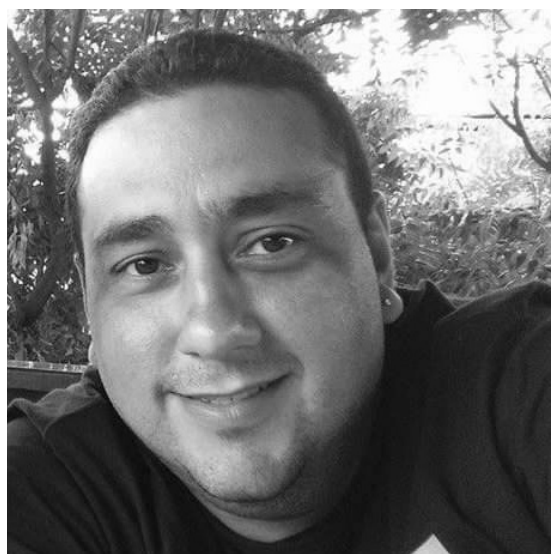
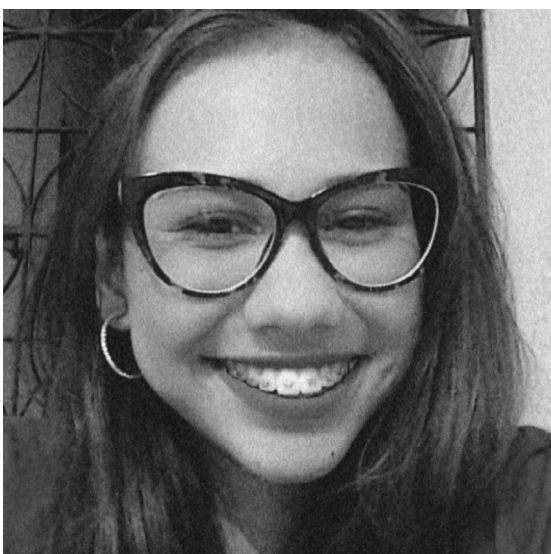
Nas escolas de ensino técnico integrado, os estudantes precisam realizar um estágio supervisionado para a conclusão da formação acadêmica. Com a pandemia e o novo cotidiano educacional, o estágio ficou impossibilitado e, conseqüentemente, a experiencia no mercado de trabalho foi comprometida e ainda é uma incógnita.

Diante de todos esses percalços, muitos se perguntam: Como faremos para concluir o Ensino Médio? Como ficará a possível entrada nas universidades? São perguntas que ainda estão distantes de uma resposta conclusiva.



Fonte: arquivo pessoal

Como dito por Sir Arthur Lewis, economista britânico “A educação nunca foi uma despesa, mas sim investimento com retorno garantido”. Sendo assim, cabe realmente ao governo desenvolver medidas responsáveis pela preservação de uma educação de qualidade para todo e qualquer indivíduo que se interesse em verdadeiramente aprender, sendo ele rico ou pobre, de alta ou baixa renda, todos têm direito à educação de qualidade e a oportunidades de crescer academicamente.



Crânios de rapadura

Colégio 7 de Setembro (Fortaleza/CE)

Orientação: André Vinícius Bezerra Magalhães

Yorrana Ramos das Neves

Yasmim Neri Lourenço

Thais Oliveira do Carmo

Enfim o natal, a época que todos estavam esperando, pois traz um clima de esperança, de conforto, de amor e união. Mas 2020 tem sido insuperável para esperar uma comemoração desse jeito. O mais irônico é que, antes da pandemia, todo mundo só desejava uma coisa: emendar o carnaval com o natal e o ano novo. Talvez, agora, essa ideia não seja tão boa assim, não é mesmo? Mês a mês, fomos percebendo que sempre havia algo a esperar. Pensávamos que seriam só duas semanas de quarentena, mas, rapidamente, as semanas se transformaram em longos nove meses, e, nesse decorrer, as tragédias nacionais estavam acontecendo e nos mostrando nossa impotência como nação.

Diversas foram as mazelas sociais e os dramas humanos evidenciados no contexto da Pandemia. Nesse sentido, o papel do Estado, em sua função mais importante, que é cuidar das pessoas, foi extremamente negligenciado pelo governo federal, principalmente pelo presidente Jair Bolsonaro, que tem deixado transparecer, com sua postura e suas ações, que privilegia a defesa dos negócios, das empresas e da economia em geral, em detrimento das milhões de vidas brasileiras, além de ignorar o papel social das instituições públicas para garantir os direitos da população, como ressalta o presidente da FENAE (Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa) Sérgio Takemoto: “As empresas e os serviços públicos estão sob ameaças sem precedentes, e nem mesmo o direito fundamental dos brasileiros à saúde pública é poupado. Para Bolsonaro e a equipe econômica, não importa o papel social do SUS ou da Caixa Econômica [...]”.

Nesse contexto de pandemia, o natal chegou, e a tão tradicional ceia natalina não vai acontecer em milhares de famílias que não têm condições de comprar nem o almoço diário. Além do mais, inúmeras pessoas

perderam seus empregos e aumentaram as filas dos que mais dependem da ação do Estado para sobreviver. Em um país no qual apenas 10% dos mais ricos detêm cerca de 43% da renda nacional, não é de se espantar que os efeitos sociais da pandemia tenham impactado de modo intenso tanta gente. As famílias estão sentindo na mesa os efeitos da carestia, itens como a carne bovina e o óleo de soja, que ficaram mais caros devido à inflação, são extremamente simbólicos do quanto os aumentos pesaram sobre o orçamento das famílias.

Hoje, que deve ser um dos infinitos dias de pandemia, circulava uma notícia que tinha por manchete: homem é encontrado dormindo em uma das redes que fazem parte da árvore de natal na Praça Portugal. Como se não bastasse a notícia deplorável, havia comentários na publicação que evidenciaram a gafe brasileira, acompanhada de um humor insensível. Não importava, para aquela gente, o que tinha levado o homem até lá ou a necessidade que ele passava, mas importava rir da miséria e simplesmente afirmar: “O cearense não pode ver uma rede”. Essas atitudes nos levam a acreditar que pior que a pandemia do coronavírus é a pandemia da cegueira, como bem abordou o mestre Saramago. Negar a ciência, negar um pobre, negar o SUS e, por fim, negar o colapso são as vendas que as pessoas colocam diariamente, talvez porque seja mais fácil ignorar a real situação e simplesmente esperar uma salvação do messias. Mas a realidade é que o messias brasileiro pensa que a doença é só uma “gripezinha”.



Foto: arquivo pessoal

Logo, o natal este ano não será convencional de nenhuma forma, pois todo tipo de reunião em 2020 pareceu ficar às avessas. Especialistas em Londres sugeriram que as pessoas evitassem sair de casa, mas, como isso é menos provável, pois é natal, optaram por recomendar que as pessoas fiquem em uma “bolha de natal”. Nela, você só poderá visitar uma família ou um círculo social e deverá comemorar todas as festas de fim de ano com esse grupo. Tradicionalmente, esse período é caracterizado pelos encontros repletos de afeto, entretanto, devido às circunstâncias que a pandemia impõe, faz-se necessário o isolamento social, uma medida muito importante e eficaz, mas que limita o contato físico e o convívio social, levando-nos a discutir sobre a saúde mental. Durante o período de isolamento, a solidão foi um sentimento muito presente para várias pessoas, pois elas estavam ficando sobrecarregadas com a privação do contato físico e precisaram ser afastadas e obrigadas a passar por esse momento sozinhas, ou seja, famílias tiveram que

lidar com o luto, a ansiedade e a saudade longe das pessoas mais queridas, enquanto que a única forma de minimizar a dor era o contato digital. A expectativa de muitos era que pudessem passar as festas em família ou com amigos na sua bolha de natal, no entanto o que se coloca em xeque são os efeitos psicológicos do isolamento versus a consciência coletiva.

Enquanto isso, já estamos ouvindo falar em uma segunda onda da covid-19 no Brasil, num momento em que o que as pessoas mais querem é poder voltar “ao normal”. Isso nos leva a refletir sobre o que caracteriza entrar em uma segunda onda, visto que, nos países onde isso ocorreu, houve um crescimento no número de casos após a estabilidade da situação. Por esse motivo, é um tanto equivocado falar em segunda onda no Brasil, uma vez que os casos nunca pararam de crescer. No entanto, a falsa sensação de tranquilidade da doença após tanto tempo de quarentena faz com que as pessoas simplesmente pensem que já está tudo bem. Essa situação relembra o que o jornalista Willian Bonner afirmou logo no começo da Pandemia: “Você já nem deve lembrar, mas na quinta passada eram 5901 mortos. Os números vão aumentando desse jeito, cada vez mais rápido, vão dando saltos. Todo mundo está se acostumando porque são números. Um número muito grande de mortes de repente, em um desastre, sempre assusta. As pessoas levam um baque [...], mas quando as mortes vão se acumulando ao longo de dias e de semanas, como acontece agora na pandemia, esse baque se dilui, e as pessoas vão perdendo a noção do que seja isso”. Lembrar disso num momento em que estamos na marca de 180 mil mortos nos faz questionar, onde ficou a humanidade? O que leva as pessoas a julgarem que já está tudo tranquilo? A verdade é que a realidade que essas pessoas não conhecem — ou simplesmente preferem ignorar — diante das festividades é que

pouco a pouco as luzes dos pisca-piscas de natal dão lugar ao piscar das luzes de uma ambulância.

“Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem”.¹

¹ SARAMAGO, José. Ensaio sobre a Cegueira. 48ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Curiosas do Brasil

Colégio 7 de Setembro (Fortaleza/CE)
Orientação: Márcio de Sousa Gurgel
Ana Júlia de Figueirêdo Barroso
Isabella Barros Costa
Isadora Pinheiro de Oliveira

Há quase um ano, vivencia-se no país, assim como no restante do globo, uma verdadeira “guerra”, isto é, uma batalha, que invadiu o espaço prosaico e compeliu o meio social a buscar novas maneiras de trabalhar, estudar, socializar, viver. Uma luta que sujeitou as pessoas, o que inclui a nós, uma equipe de três adolescentes e um professor de história moradores do centro expandido da capital cearense, a uma visão diferenciada do mundo em que vivemos e a uma reinterpretação de gestos, ações e relações tão superficiais e básicas antes da pandemia, como o simples ato de apertar as mãos, permitindo também a criação de novas fronteiras entre o que se considera direito individual e responsabilidade coletiva.

Figura 1 - Pessoas passeando nas ruas durante a pandemia.



Fonte: http://ansabrasil.com.br/brasil/noticias/americalatina/brasil/2020/08/27/brasil-soma-mais-de-118-mil-vitimas-desde-inicio-de-pandemia_e18d667e-6608-45bc-801d-0f5ff6debb3.html

Para nós, o prelúdio dessa guerra começou logo no dia 16 de março de 2020. Esse foi o dia escolhido pelo governador para impor um decreto que nos forçou a abandonar as carteiras da sala de aula devido ao alastramento aterrador do novo coronavírus. Submetidas a uma nova rotina, passamos a lutar não apenas para sobreviver, mas também para continuar a viver, mesmo

que à custa de antigos hobbies, práticas, projetos e sonhos.

Dentro das “quatro paredes”, demos prosseguimento ao nosso aprendizado através do ensino remoto, com todas as suas barreiras e limites, que colocaram em cheque as clássicas relações entre educador e aluno, e acompanhamos os eventos da pandemia através da história contada por números e estatísticas encontrados corriqueiramente na mídia. Passamos a temer o dia em que nós e nossos conhecidos iríamos fazer parte desses terríveis números do mesmo modo que os cearenses de 1878 temiam se tornar parte das carcaças que serviam de alimento a urubus durante a epidemia de varíola daquele ano.

Porém, por mais que tenhamos convivido com uma série de emoções, dores aflitantes e sentimentos contraditórios em relação à quarentena e à educação digital, entendemos nossos próprios privilégios nesse quadro crítico que nosso estado e país deparam-se. Não podemos desviar os olhos das enormes provações de inúmeras outras comunidades e famílias de bairros como a Barra do Ceará e Vicente Pinzón, muitas vezes incapazes de assegurar recursos vitais para sua plena subsistência devido a desigualdades já notórias, como o iníquo acesso a saúde, e a problemáticas estruturais mais ocultas antes da COVID-19, que acabaram ganhando maior peso e evidência nesses últimos meses. É como destacou a socióloga Neca Setubal, a pandemia escancarou a desigualdade, o que deixou as periferias visíveis para quem antes não as via.

“Submetidas a uma nova rotina, passamos a lutar não apenas para sobreviver, mas também para continuar a viver(...)”

O entendimento dessa realidade foi e é crucial. Compreender que um quinto dos estudantes brasileiros de escolar pública não tem em seu alcance a possibilidade de estudar em casa (conforme pesquisa do Datafolha) e as outras várias disparidades sociais que permeiam essa pandemia foi uma forma que nossa equipe utilizou para dissociar as diferentes realidades, assimilar de modo mais amplo nossa condição nessa crise e concluir que, embora estejamos todos sobre um mesmo oceano agitado e tempestuoso, não navegamos dentro de um mesmo barco.

Além disso, essas e outras reflexões criaram base para debates mais complexos. Passamos a testemunhar um grande embate entre as idéias de liberalismo e individualismo e as noções de coletividade humana e comunitária, com a fomentação de questionamentos urgentes nesse cenário pandêmico: Até onde termina a nossa liberdade individual e começa o nosso dever com a saúde e o bem-estar social? Diante de tanta morte e desespero, em especial nos subúrbios das urbes, quais liberdades deveriam ser sacrificadas? Tais pensamentos compeliram nossa equipe a ajustar comportamentos e condutas conforme à consciência dos mais de 315 mil casos de COVID-19 confirmados no Ceará e à percepção de que a responsabilidade disso é, naturalmente, de todos nós.

Consequentemente, como acreditamos na concepção do filósofo Francis Bacon de que as condutas, assim como as doenças, são contagiosas, buscamos extravasar nossas conclusões, sentimentos e receios de diversas maneiras, seja por meio de textos, como os Diários da Pandemia propostos pela Olimpíada Nacional de História do Brasil, e manifestações nas redes sociais, seja por meio do nosso próprio proceder nas atividades cotidianas em relação a limpeza, higiene e alimentação,

âmbitos que requerem o dobro de precaução e zelo nessa pandemia. Com essa breve exteriorização de pensamentos através de palavras e ações, ajudamos a fomentar a circulação de valores de solidariedade, fraternidade e responsabilidade coletiva e a compreensão recíproca das adversidades vividas por pessoas dispersas nas cinco regiões do nosso país, de todos os setores e grupos sociais, já que, bem como a “peste” de 1878, que invadiu tudo, desde a palhoça dos retirantes até o palácio do presidente da provincial (segundo relatos de um grande farmacêutico da época, Rodolfo Teófilo), o novo coronavírus não se deixou influenciar por status, condição financeira ou origem.

Dessa maneira, defronte a tantas batalhas, mudanças e conflitos, ainda tivemos que procurar pelo que dizem ser o “Novo Normal”, com uma nova configuração do nosso modo de viver e do que entendemos como ordinário e usual. Um tipo de normalidade que perpassaria o inédito discernimento acerca da vida e da morte que adveio da pandemia e as inovações aplicadas em diferentes setores pela comunidade e pelo Estado, principalmente na área da saúde e da educação, alterando nossos costumes, ofícios e interações interpessoais com o fim de garantir a proteção generalizada contra o vírus. Todavia, de forma semelhante ao conceito de inércia da Física, que explica a tendência de um objeto a resistir a alterações em seu estado original, nós, membros dessa equipe e representantes da comunidade, também aplicamos e continuaremos a aplicar esforços para nos adaptarmos às medidas preventivas, com a abdicação de certas atividades, padrões de vida e expectativas, e mais outros esforços para reaprender a lidar com o gradual retorno de determinados elementos pertencentes ao “Antigo Normal”.

Certamente, mesmo com a superação dessa crise, as dores, frustrações e transformações que marcaram esse ano de 2020 permanecerão em nossas vidas, enraizadas em nossos pensamentos, atitudes e julgamentos. O que vimos e sentimos marcarão nossas memórias e serão um eterno lembrete de que sobrevivemos e de, por termos sobrevivido, devemos levar o que aprendemos e constatamos para o restante de nossa vivência, trazendo as recordações de nossos erros e percepções para evitarmos a reprodução de mazelas semelhantes na história mundial, na história do Brasil, na história do Ceará e, principalmente, na história que nós iremos fazer nos próximos anos.



Cuscuzeiros

Colégio Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)

Orientação: José Geraldo de Oliveira Filho

Victor Hugo Dias Alves dos Santos

Francisco Hailton Moura de Castro

Enzo Gomes Dias

No começo desse caos causado pela Covid-19, imaginávamos que a duração da quarentena seria curta, que mal chegaria a três semanas. Para a nossa surpresa, os casos de infectados aumentaram rapidamente, e o nosso País foi forçado a prolongar o isolamento.



“A forma que uma suposto problema de duas semanas transformou o mundo.”

fonte: https://media-manager.noticiasaminuto.com/1920/1597138266/naom_5f326529abe67.jpg?crop_params=eyJ3Y5kc2NhcGU-iOnsiY3JvcFdpZHRoljoyNTYwLCJjcm9wSGVpZ2h0IjoxNDM5LCJjcm9wWCI6MCwiY3JvcFkiOjlxOH0sInBvcnRyYW10Ijp7ImNy b3BXaWR0aCI6OTQ4LCJjcm9wSGVpZ2h0IjoxNjg0LCJjcm9wWCI6ODIxLCJjcm9wWSI6MjF9fQ== Acesso em 10 de dez de 2020.

Inicialmente, a ideia de não sair de casa não parecia ruim, afinal, que tipo de estudante não aprecia uma pausa em seus afazeres discentes? No entanto, com o passar das semanas, percebemos o que “o homem é um ser político e está em sua natureza viver em sociedade” (Aristóteles, 1973, p.410) representa na visão do autor em sua obra Livro IX de Ética a Nicômaco. Dessa maneira, notamos lentamente a dor de não podermos nos reunir com nossos caros amigos nem sairmos de casa para desfrutarmos de um jantar caloroso com a família toda.

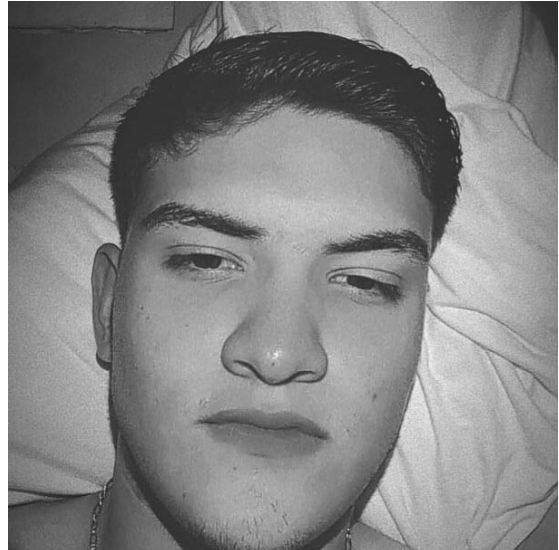
“O homem é um ser político e está em sua natureza viver em sociedade” – Aristóteles.

Depois de algumas semanas nesse cenário, o governo estabeleceu que todos os cidadãos poderiam circular nos ambientes públicos, contanto que as medidas, como o distanciamento social e o uso obrigatório de máscara, fossem seguidas por todos. Enfim, era o que esperávamos por muito tempo: uma maneira de sairmos de casa sem nos expor a essa doença perigosa.

Esse era o pensamento que defendíamos antes de testemunhar um grande descaso perante a pandemia: pessoas caminhando sem máscaras, desrespeito ao distanciamento e o contato corporal em público.

Outrossim, a pandemia trouxe muitas mudanças na educação, como a dificuldade de adaptação às aulas remotas. Nesse sentido, algumas instituições não retornaram a funcionar ou demoraram para voltar às atividades. Sob esse viés, a não retomada das aulas fere os princípios da Constituição Federal(1988), na qual o artigo 205 evidencia a importância da educação como meio de inserção trabalhista e seu papel no desenvolvimento do cidadão. A exemplo, de acordo com o portal do G1, em artigo “15 das 69 universidades federais estão sem aulas presenciais ou remotas, diz associação” do dia 20/08/2020, 15 das 69 universidades federais continuam sem realizar o ensino remoto, o que corrobora a ideia supracitada. Dessa forma, se não ocorre a realização desses princípios constitucionais, não acontece o desenvolvimento do ser humano pela educação, contrariando essa norma.

Portanto, sabemos que esse período de pandemia evidencia o despreparo tecnológico do País, mas desenvolve novos caminhos para a adaptação educacional e agrega valores de união e solidariedade ao âmbito social.



Cuscuz com ovo

Walter de Sá Cavalcante (Fortaleza/CE)

Orientação: André Vinícius Bezerra Magalhães

Danilo Pinheiro Carneiro

Gustavo Façanha Furtado

Wany Cristina Batista de Souza

Não é raro vermos atitudes negligentes de parte da sociedade mundial, influenciada por uma visão negacionista de alguns líderes, diante da Pandemia. Apesar dos inúmeros casos de covid-19 que afetam os continentes, muitas pessoas continuam se aglomerando e saindo de suas casas, sem a devida proteção. Não somos especialistas no assunto, mas sabemos que não precisamos fazer um grande esforço para opinar a respeito desse mal que estamos enfrentando na contemporaneidade.

Em todos os continentes afetados pela pandemia, a ideia difundida é a de que estamos em guerra. Enquanto isso, no Brasil, o presidente Bolsonaro, inquestionavelmente um defensor da antivacinação, pediu ajuda às Forças Armadas no combate a essa doença, geradora de aflição e de dor à população brasileira. O problema é que os militares não dispõem de equipamentos suficientes para lidar com os infectados.

Apesar do cenário trágico em que se encontram alguns países onde são registrados altos números de mortalidade, a visão militarista de que estamos em guerra é uma noção biologicamente bem equivocada. Essa visão antropocêntrica julga ser o homem um ser central no planeta, desprovido de microrganismos e totalmente isolado do meio que o circunda. Nesta visão bélica da infecção, atribui-se aos microrganismos invasores a vontade de se apoderar dos homens.

É óbvio que o vírus não declarou guerra aos humanos. A humanidade já passou por vários surtos epidêmicos e se adaptou a todos eles. Exemplo disso são os gregos e os persas, que foram os primeiros a observar que os convalescentes de pragas não adoeciam de novo e podiam cuidar dos doentes.



Fonte: <https://www.google.com/amp/s/www.cnnbrasil.com.br/amp/nacional/2020/06/17/com-diminuicao-de-mortes-diarias-manaus-volta-a-sepultar-em-covas-individuais>

Portanto, a quantidade de vidas perdidas no mundo, em meio a essa pandemia, é chocante, porém alguns continuam acreditando que esse vilão invisível é apenas uma “gripezinha” e deixam de se cuidar no dia a dia, por meio de ações básicas.

“Estamos vivendo tempos difíceis, será castigo?” (autor desconhecido)



De repente

Farias Brito Pré-Vestibular Central (Fortaleza/CE)

Orientação: André Isaac Santos de Sousa

Marcelo Fernandes Barbosa Filho

Lívia Tabosa Dias

Maria Clara Ferreira Nobre

Passam-se anos e chegam novos tempos, mas a História se repete. No século XVII, por exemplo, Galileu Galilei, hoje reconhecido como pai da ciência moderna, foi acusado de heresia pela Igreja Católica por defender a teoria de que o Sol, e não a Terra, era o centro de nosso Sistema Solar. No entanto, àquela época, apesar do astrônomo comprovar sua teoria, foi sentenciado como louco pelo povo. Hoje, séculos depois, inúmeras contribuições científicas já foram fundamentais para a sociedade; embora, infelizmente, ainda seja impressionante, vemos posturas negacionistas, que andam na contramão da ciência, aplaudidas por um obscurantismo de resquícios históricos, mas, agora, majoritariamente reacionário.

Dessa forma, trazendo a discussão para o atual contexto pandêmico, percebemos que o negacionismo da ciência encontra-se de mãos dadas a um viés fortemente político, incitando, tristemente, o crescimento dos números assustadores de vítimas por Covid-19, uma vez que a população tende a ser influenciada por seus governantes e, em muitas situações, tendo-os como verdadeiros “Messias”. Logo, se tais líderes não têm entendimento de empatia com o outro - estando aquém do número de mortes, aquém do sofrimento alheio, conforme conceito defendido por Emmanuel Lévinas, em “Ética da Responsabilidade”, – seus eleitores, seguidores, adoradores também não o fazem.

Com efeito, em maio deste ano, uma das maiores revistas mundiais na área médica, “The Lancet”, criticou o comportamento do nosso atual presidente, ao lidar com a Covid-19, em decorrência de atitudes extremamente imprudentes, principalmente por partir de uma autoridade governamental. Por isso, vemos desrespeitosamente o descumprimento do isolamento social no Brasil, a aglomeração de pessoas em espaços

públicos, a banalização do mal, em uma definição mais representativa do pensamento da filósofa Hannah Arendt, posto que há uma massificação e, em parte, uma concordância com tamanhas sandices, principalmente, quando o maior líder de uma nação denomina uma pandemia avassaladora de “gripezinha”.

Como sequela desse modelo nocivo, não podemos deixar de falar nas inumeráveis vítimas do novo coronavírus, as quais, lamentavelmente, esbarram-se com a utilização de termos ofensivos em negação a suas memórias, afetando também o sentimento de luto de seus entes queridos. Sigmund Freud, pai da psicanálise, explicou essa desafeição com a morte alheia como uma forma suprema de individualidade inconsciente, como algo que, subconscientemente, imaginamos que pode acontecer ao outro e não a nós ou aos nossos; essa teoria certamente explica a falta de alteridade de muitos brasileiros com a vida do próximo, infringindo as regras impostas para o acometimento da pandemia e pondo em xeque a coletividade numa insanidade doentia. Na Antiguidade, por exemplo, como não havia luz elétrica, as pessoas seguravam velas para vigiar seus falecidos. Onde estariam, hoje, essas “velas” com velórios de caixões fechados? Sem o momento do adeus, a superação do luto beira o impossível.

Figura 1 - Charge criticando o negacionismo



Luiz Fernando Cazo (2020)

Ainda no contexto fatídico do efeito manada, recentemente, o documentário “Cercados” abordou a história de um homem que perdeu a esposa como consequência da Covid-19, entretanto negava o fato. O laudo médico apresentou que a causa da morte havia sido por coronavírus, mas, mesmo assim, ele escolheu defender a ideia de que a pandemia não passava de uma medida para derrubar o governo: preferiu a ideologia à memória da falecida. Sim, são tempos sombrios em que até os mortos passaram a ser adversários por motivação político-partidária.

***“É preciso sair da ilha para ver a ilha.
Não nos vemos se não saímos de nós.”
(SARAMAGO, 1998, p. 41)***

Estamos cegos e vivendo o que o sociólogo Émile Durkheim chamou de “anomia social”, ou seja, chegamos a um estado em que perdemos a harmonia, pois nossa sociedade se transformou em um verdadeiro caos, e ainda há quem diga que presenciamos o “novo normal”. Desse modo, vivemos uma crise que despertou nossos lados mais intensos, seja para o bem, ou seja para o mal. Essa perturbadora dualidade pode também ser vista na obra “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, a qual, em seu primeiro capítulo, traz a história de um homem que aproveitou a cegueira de outro para roubar-lhe o carro. Assim como na Literatura, somos surrupiados em situações como essa: estão levando, à luz do dia, nossos parentes, nossas vidas, nosso futuro.

Outro ponto importante é entender que não estamos todos no “mesmo barco”; logo, essa afirmação aponta para uma falta de alteridade social coletiva. Assim, conceitos citados anteriormente - como negacionismo, empatia e anomia -, merecem lugar de destaque quando tratamos de comunidades vulneráveis, em que o tratamento da Covid-19 se torna mais delicado: a exemplo dos bairros periféricos de Fortaleza, como o Grande Pirambu, local em que, além da grande densidade demográfica, torna-se difícil cumprir o isolamento social. Assim, por ser um bairro situado na periferia, muitas pessoas precisam se deslocar para zonas mais centrais, inclusive, para trabalharem em atividades informais, agravando ainda mais a situação por não possuírem renda fixa.

O fato é que são tempos sinistros. São quase duzentas mil mortes, apenas aqui no Brasil. Se não nos sensibilizamos diante disso é porque já estamos concretizando o processo anômico. Nós e a pandemia viramos chacota: de “país de maricas” a “resfriadinho”. Quem

dera fossem só apelidos! Quem dera fosse só um “E daí?”.

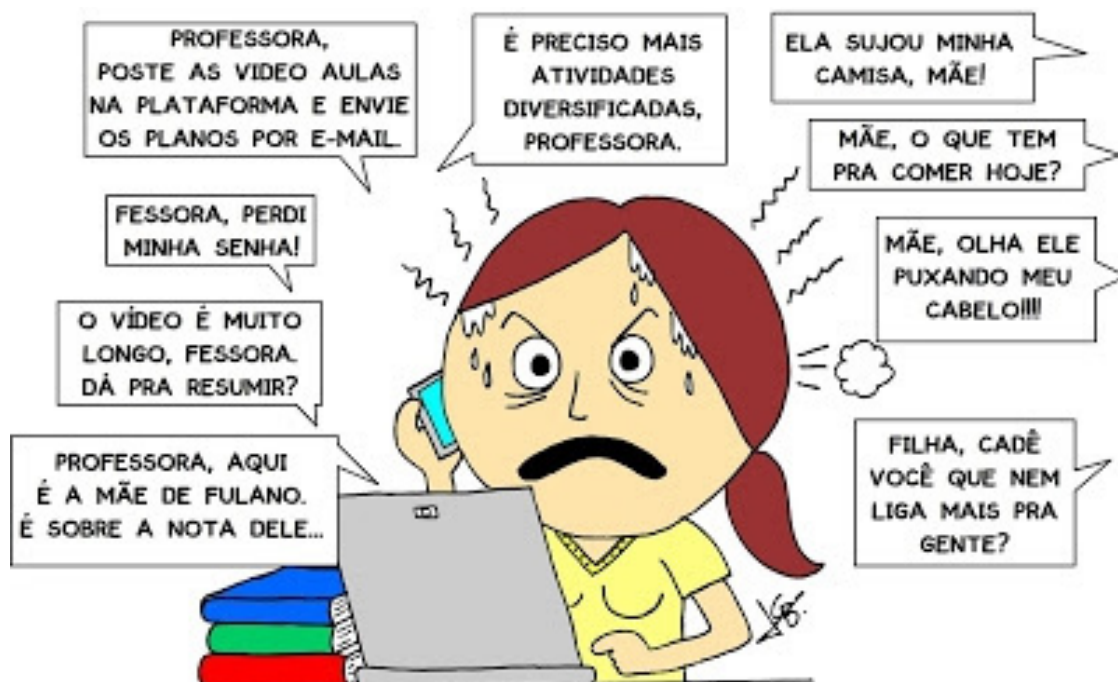
Passam-se anos e chegam novos tempos. Hoje, negam-nos tudo: o respeito, a dignidade, a cidadania, a ciência e só nos restam cinco



De tudo um pouco

EEMTI. Prudêncio de Pinho (Poranga/CE)
Orientação: Francisco Ageu Carreiro da Silva
Ana Diennyfer Soares da Silva
Francisco Jimi Pereira Moraes
Antónia Glaiani Alves Araujo

Você está cansado da Pandemia? Com certeza a resposta é sim. Todos estamos de “saco cheio” desse vírus que veio para ficar. Imagine então como estão todos os professores(as) e alunos(as) nesse período de pandemia. Todo dia leio muitos desabafos de professores, professoras e alunos. Leio um monte mesmo. Não só do Brasil, mas sim do mundo todo.



Fonte: <https://cutt.ly/7hO8tQX>

Os professores tiveram que se adaptar ao ensino remoto, e também as tarefas de casa. Como cuidar dos filhos, da faxina e da comida, enfim. No começo, a maioria perdeu a cabeça, e as coisas começaram a sair do controle, e agora no final de ano não é diferente. É professor correndo atrás de alunos para entregar atividades atrasadas. É uma batalha diária.

“A principal função das aulas remotas é manter o vínculo com o estudante, para, quando as aulas presenciais voltarem, ele retornar.”

Foi o que a professora Marcela Aguiar de Caruaru/PE disse.¹

Sem dúvida nenhuma, o ensino remoto fez muitos estudantes desistirem dos estudos e muitos até abandonaram a escola por completa. Tenho certeza de que aquele momento com todos os colegas na sala era o que segurava muitos alunos nas escolas. Sabemos que nenhum dos dois lados tem culpa de estarem assim. Essa pandemia chegou do nada em nossas vidas e mudou tudo o que era normal. Acabou com nossos planos, viagens e nosso lazer. O jeito para melhorar essa situação é não perder o foco nos estudos e aproveitar o máximo de tempo possível para fazer algo produtivo e também ter mais empatia pelo próximo.

Vamos cuidar de quem a gente ama.

Além de todos os problemas já enfrentados, muitos professores e alunos ainda tiveram que passar pelo desafio de aprender a manejar a tecnologia e as redes sociais. Como já sabemos, nem todas as famílias têm condições para ter um “smartphone” ou “internet” em casa.

Não há dúvidas que nada se compara ao ensino presencial, mas pensar um pouco no que cada um, passa. Vamos ajudar para ser ajudado. Com esperança vamos todos derrotar esse vírus e voltar a nossa rotina normal.

Se você é um estudante não desista e siga com seus estudos! Não deixe que essa pandemia te cause alguma perda que possivelmente no futuro você se arrependa. Converse com seus professores e veja eles de outra forma. Eles só querem seu bem e você sabe disso.

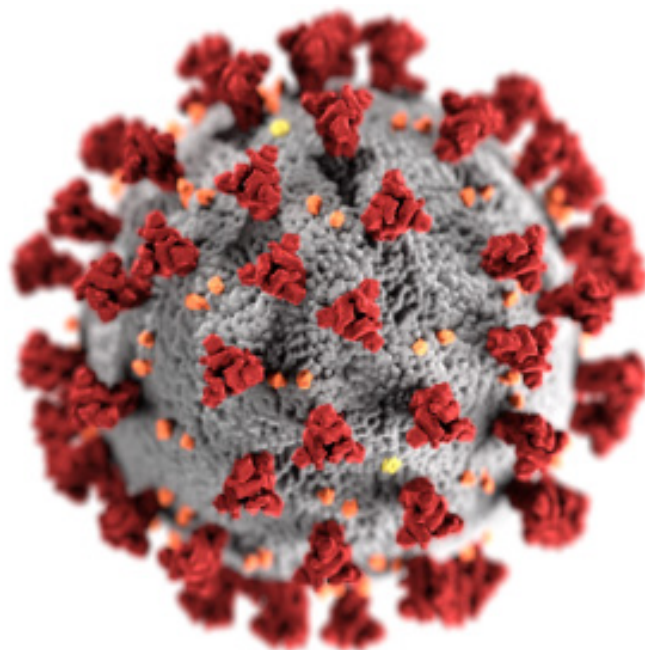
¹ Fonte: <https://cutt.ly/ehDLZqY>



Desbravadores

Vírgilio Correia Lima (Pereiro/CE)
Orientação: Francislene Gabriel Moura
Gabriella Chaves
Mayana Layna de Aquino Souza
João Gabriel L. Barbosa

Em meados do século XIV, a humanidade enfrentava uma situação avassaladora conhecida como a maior pandemia registrada na história: a Peste Negra. Durante esse período, cerca de 75 a 200 milhões de pessoas morreram. Apesar da distância temporal, nos encontramos em uma circunstância semelhante e com consequências avassaladoras com a COVID-19.



Entenda a diferença entre Coronavírus, Covid-19 e Novo Coronavírus. Gov.br, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/entenda-a-diferenca-entre-coronavirus-covid-19-e-novo-coronavirus>>. Acesso em: 11 de Dezembro de 2020

Diante do cenário pandêmico, milhares de mortes são noticiadas todos os dias, a necessidade do isolamento ocasiona milhões de desempregos, enfim, inúmeros prejuízos. Uma mudança drástica na rotina da população com a implementação do isolamento social. Um verdadeiro caos!

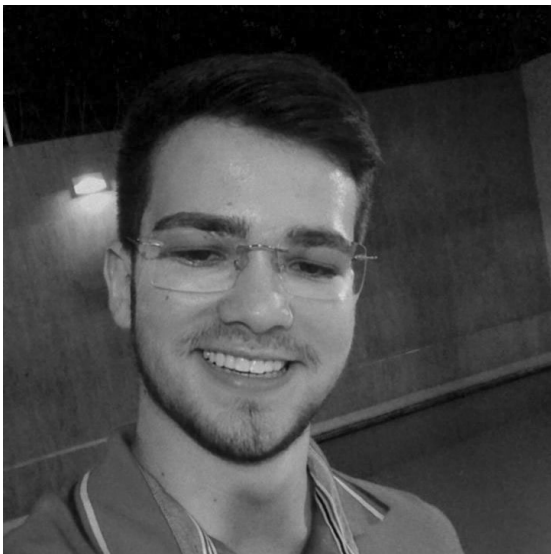
Mediante este contexto, novas práticas passaram a ser utilizadas tais como o ensino remoto, e nós estudantes nos encontrávamos de mãos atadas, diante da necessidade de adaptação. Além do mais, o distanciamento físico afetou diretamente o estado psicológico da comunidade, tendo em vista que a convivência

se tornou limitada. Por esse motivo, a ansiedade e a depressão fizeram-se presente, abalando emocionalmente milhares de pessoas.

“Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele”. (CARL ROGERS, 1902-1987)

Deste modo, se faz necessário encaixar no cotidiano a empatia pelo próximo, pois mais de 1,5 milhões de corações pararam de bater e o silêncio tomou conta de inúmeras famílias, mas antes é necessário que os seres humanos sejam cientes e não prejudiquem mais vidas com a sua irresponsabilidade. Logo, a percepção sobre o valor da vida acabou sendo esquecida com essa pandemia e infelizmente, a morte do outro tornou-se banal. Vejamos o exemplo do nosso atual Presidente da República, J. Bolsonaro (Sem partido), que ao contrário de agir com medidas sugeridas pela OMS (Organização Mundial da Saúde) ao combate contra a pandemia, atua imprudentemente minimizando a letalidade do novo vírus.

Em síntese, apesar da situação devastadora em que nos encontramos, pudemos aprender grandes lições, e adquirir experiências para enfrentar futuras pandemias. Além disso, a COVID-19 deixa evidente que em meio a tantas buscas e recomeços cada gesto individual tem um impacto único na sociedade. Assim, é perceptível que não seremos mais os mesmos após tamanha desestruturação, no qual cada um traz em si uma luta diária e que era o momento de reforçarmos nossa fé e esperança, mas sobretudo colocar em prática nossa empatia como ser humano.



Discípulos de Atena

Colégio Farias Brito Sobralense (Sobral/CE)

Orientação: José Geraldo de Oliveira Filho

Ana Luiza Dias Abrahão

Ivna Aguiar Magalhães

Samuel Enzo Aragão Gomes

O impacto causado pela pandemia do novo coronavírus tem alterado sobremaneira o comportamento das pessoas, que precisam buscar soluções em meio às mudanças repentinas.

Analizando o comportamento humano diante de uma situação desconfortável, o psicanalista Freud, em seu artigo *Die Verneinung* lançado em 1925, desenvolveu os conceitos de “negacionismo” e o “princípio do prazer”, caracterizados pelo estado de negação de uma realidade, no qual o indivíduo se fecha dentro da própria bolha de ignorância e despreza a situação, definindo um mecanismo de defesa do ego. Essa situação se estende à área científica, causando uma desvalorização da ciência e cientistas.



A figura representa as posturas antagônicas entre profissional de saúde contra o presidente durante a pandemia. Fonte: https://miro.medium.com/max/700/1*lwjDiLTxNTILDG69nh6kaA.png

A partir do conceito desenvolvido por Freud, observamos uma onda crescente de ignorância e negacionismo marcada pelo choque de opiniões sobre a gravidade da situação e a eficácia das medidas preventivas sugeridas para contenção da propagação do vírus, adotando uma postura negligente diante da situação, desconsiderando os protocolos sugeridos pela

Organização Mundial de Saúde (OMS).

No Brasil houve uma manifestação clara dessa postura negacionista da sociedade, intensificada pela conduta do presidente Jair Bolsonaro, o qual foi responsável por ridicularizar as medidas de segurança impostas pela OMS, além de apoiar o afrouxamento da quarentena e investir milhões em um medicamento sem eficácia comprovada contra o vírus.

“A ignorância é a maior enfermidade do gênero humano” (Cícero)

Alguns países se destacaram com a implementação de ações de combate à propagação do coronavírus. Nações como a Nova Zelândia e Alemanha adotaram medidas rígidas de prevenção visando ao controle imediato da disseminação do vírus. Entretanto, países como Estados Unidos e Brasil, adotaram uma postura vergonhosa quanto ao combate da Covid-19, onde os governantes e uma considerável parcela da população assumiram um comportamento negacionista, marcado pelo desprezo da ciência, desrespeito da quarentena e as demais medidas de prevenção, resultando em milhões de mortes.

Dentro do universo literário, existem obras que conversam com a realidade que vivemos, como no livro *Amor nos Tempos do Cólera* (1986) do autor espanhol Márquez, que desenvolve sua narrativa em meio a um cenário epidêmico, o qual se agravou por conta da negligência do governo.



Dona Flor e seus dois maridos

IFCE (Juazeiro do Norte/CE)
Orientação: Gagarin da Silva Lima
Luiza Clara de Moraes Ventura
Evelly Laviny Souza Rodrigues
Marcos Vinicius Tomás Olegario

O atípico ano de 2020 surpreendeu a todos com os seus acontecimentos. A pandemia de SARS-Covid-19 trouxe significativas mudanças para a população mundial, em especial, para os estudantes.



Imagem que simboliza a paralisação das aulas em virtude da pandemia de SARS-Covid-19. Foto: Fabio Campos (adaptada). Disponível em: <<https://cutt.ly/WhOFrjy>>. Acesso em: 11/12/2020.

Apesar dos primeiros casos terem sido registrados em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, foi somente em março de 2020 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de calamidade global, em decorrência da pandemia de um novo coronavírus — denominado Sars-Cov-2 — que havia se espalhado pelo planeta. A partir de então, medidas de segurança foram adotadas pelas diferentes nações com o intuito de barrar a propagação do vírus e evitar que o sistema de saúde entrasse em colapso, dentre elas, destacam-se hábitos de higienização pessoal, o uso de máscaras e o confinamento social.

A partir disso, as mudanças passaram a fazer parte do nosso cotidiano, com aulas ministradas de maneira remota, o aumento nos índices de acesso às redes

sociais e nas novas assinaturas em sites de filmes e séries, como Netflix e Telecine. Passamos, então, a ficar cada vez mais isolados.

Ademais, com o início do período de quarentena, em março de 2020, alunos da rede pública e privada viram-se diante de um futuro incerto, seja no que tange o retorno de suas aulas e na possibilidade de desenvolvimento rápido de uma vacina, seja na esperança de um retorno à “normalidade”.

Em meio a todas essas incertezas, a falta de equipamentos tecnológicos e de um ambiente propício para estudar, além do cenário adverso provocado pela pandemia de SARS-Covid-19, são fatores que colaboraram para o aumento nos indicativos de problemas psicológicos, apresentados pelos estudantes durante o período de isolamento social. É o que aponta uma consulta realizada de forma online pela Assistência Estudantil do IFCE - campus Juazeiro do Norte, em junho de 2020, a qual mostra que, dos 644 discentes que responderam,

75% dos alunos entrevistados apresentaram algum sentimento negativo durante a quarentena

— como mau humor, desespero, ansiedade e/ou depressão.

Ainda, a pesquisa também indica dados preocupantes de que 52% dos entrevistados se sentem insatisfeitos com a capacidade de desempenhar atividades no seu dia a dia, além de 56% afirmarem que tiveram uma redução na qualidade do sono durante o confinamento social.

De acordo o aluno e também integrante da equipe, Marcos Vinicius, o período de quarentena — aliado à pressão psicológica por estar no 3º ano do ensino médio, a cobrança por ter que prestar um vestibular para o ingresso em uma universidade e a distância de seus amigos — foi um fator que contribuiu para uma queda em seu desempenho escolar, além de colaborar para um aumento em suas crises de ansiedade e na redução da qualidade de seu sono.

Já para os demais membros da equipe, a pandemia também afetou em outros aspectos de suas vidas. Segundo a participante Evelly Laviny, poucas escolas estavam preparadas para a adoção de um ensino remoto, fazendo com que estas aulas online, também, contribuíssem para um aumento em seu estresse e ansiedade, além do medo de pegar a doença, de não conseguir acompanhar os conteúdos ministrados de forma remota e de, posteriormente, não ser aprovada em um vestibular. Para a integrante Luiza Clara, o distanciamento do ambiente escolar afetou diretamente seu ânimo para exercer atividades agora ministradas de maneira remota. Mesmo tendo condições de estudar em casa, ela afirma que o distanciamento social de longo período acarretou em crises de ansiedade e depressão, o que passou a afetar seu desempenho.

O momento adverso que vivenciamos mostra-se difícil, triste e desafiador. Contudo, os membros da equipe apresentam uma postura otimista frente a isso. Diante do surgimento das primeiras campanhas de vacinação contra a Covid-19, acreditamos que a situação possa melhorar, diminuindo-se os números de casos e buscando, então, retornar à “normalidade”.

Nós e a Pandemia

VOLUME I



INSTITUTO FEDERAL
Ceará



alias